



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

ELIANE APARECIDA SILVA

**“RESISTIR É PRECISO!”: história e memória do Sindicato dos Comerciários de  
Teresina (1984-1999)**

Teresina  
2014

ELIANE APARECIDA SILVA

**“RESISTIR É PRECISO!”: história e memória do Sindicato dos Comerciários de  
Teresina (1984-1999)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
-Graduação em História do Brasil da  
Universidade Federal do Piauí como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
História.

Orientador: Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima

Área de Concentração: História do Brasil

Linha de Pesquisa: História, Cidade, Memória  
e Trabalho

Teresina  
2014

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

S586r Silva, Eliane Aparecida.  
“Resistir é preciso!”: história e memória do Sindicato dos  
Comerciários de Teresina (1984-1999) / Eliane Aparecida Silva.  
– 2014.  
140 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.  
Orientação: Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima.

1. História - Piauí. 2. Sindicato - Teresina. 3. História -  
Memória. 4. Sindicato dos Comerciários de Teresina (PI).  
I. Título.

CDD 981.22

ELIANE APARECIDA SILVA

**“RESISTIR É PRECISO!”: história e memória do Sindicato dos Comerciários de  
Teresina (1984-1999)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
-Graduação em História do Brasil da  
Universidade Federal do Piauí como requisito  
parcial para obtenção do título de Mestre em  
História.

APROVAÇÃO EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima (Orientador)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

---

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (Examinador Interno)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

---

Prof. Dr. Cezar Teixeira Honorato (Examinador Externo)  
Universidade Federal Fluminense - UFF

---

Prof. Dr. Francisco Pereira de Farias (Suplente)  
Universidade Federal do Piauí - UFPI

À minha família; minha fortaleza.  
Aos meus queridos avôs, Lídio Norberto e  
Antonio Luís (*in memoriam*), pelo grande  
afeto que, em vida, dedicaram a mim.

## AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, o momento é de gratidão. Do início ao fim da trajetória, contei com o apoio institucional e de muitas pessoas que, de alguma forma, auxiliaram-me no percurso desses dois anos a seguir adiante com a pesquisa e com a escrita.

Inicialmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela bolsa concedida durante os dois anos de mestrado, possibilitando-me dedicação exclusiva à pesquisa e participação nos eventos, que contribuíram para o meu enriquecimento intelectual.

Aos meus pais, Angélica Alves e Raimundo Alves, pelo afeto, compreensão e apoio contínuo em todos esses anos.

Às minhas irmãs, Edlaine Alves e Viviane Alves; e, em especial, à Elaine Silva, pelo incentivo e palavras de otimismo nos momentos difíceis.

À professora Rosângela Assunção, que, além de mestre, tornou-se uma grande amiga com quem comecei a pesquisar o tema sindicalismo, agradeço carinhosamente pelos conselhos, discussões, indicações bibliográficas e pela confiança em mim depositada.

Às professoras Nilsângela Cardoso e Márcia Castelo Branco e aos amigos de graduação, Gisvaldo Oliveira e Hermano Medeiros, pelas discussões em torno da construção do meu projeto de pesquisa, para que eu levasse a temática para o mestrado.

Ao meu orientador, professor Dr. Solimar Oliveira Lima, que me indicou os caminhos a percorrer na construção deste trabalho.

Aos professores do programa de pós-graduação, especialmente àqueles que pude conviver durante as disciplinas: Dra. Teresinha Queiroz, Dr. Denilson Botelho, Dra. Alcília Afonso de Albuquerque e Melo e Dr. Edwar Castelo Branco, pela dedicação e discussões enriquecedoras durante as disciplinas cursadas.

Ao professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento que, participando do exame de qualificação, leu atentamente versão de parte dos capítulos, indicando novas referências bibliográficas e apresentando sugestões, decisivas no redirecionamento da pesquisa.

Aos meus colegas de turma, amigadas conquistadas ao longo do mestrado, pela convivência agradável e enriquecedora. As discussões em sala de aula, reuniões, momentos de descontração e viagens ficarão guardadas na memória. Em especial, agradeço à Kllaricy Almeida, José de Arimatéa Freitas, João Carlos Borges, Daniely Monteiro, Lívia Suelen, Bárbara Nunes, Karla Oliveira, Ísis Meireles e Vicência, pelas longas conversas e por compartilhar as angústias e alegrias ao longo do processo de escrita deste trabalho.

À dona Eliete Brito e Rairana Moita, funcionárias do programa, pela atenção e disponibilidade.

Aos alunos da disciplina Formação Econômica do Brasil, do estágio docente, pela experiência enriquecedora.

Ao Sindicato dos Comerciários de Teresina, por permitir a pesquisa de arquivo, e aos comerciários Emanoelly e Jean Mário, sempre atenciosos e prestativos.

Aos entrevistados Gilberto Paixão, Caetano Brito, Abdon Moura, Evaldo Ciríaco e Cícero Magalhães, por terem permitido compartilhar suas experiências, possibilitando a construção da história narrada deste trabalho.

Aos funcionários do Arquivo Público do Piauí (Casa Anísio Brito), D. Maria de Jesus Nunes Silva e Sr. Sebastião Bertolo da Silva, cotidianamente atenciosos e prestativos, tornando possível o acesso às fontes.

A minha imensa gratidão à Zilneide Ferreira, pela revisão paciente e atenta deste trabalho.

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 1</b>	Grande concentração trabalhista. Teresina. 1939.....	40
<b>Foto 2</b>	Boletim do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina.1943.....	42
<b>Foto 3</b>	Aviso aos comerciários. Teresina. 1945.....	45
<b>Foto 4</b>	Coluna sindical, do jornal O Dia. 1962.....	47
<b>Foto 5</b>	Evaldo Cunha Ciríaco, candidato da Chapa 2. Teresina. 1984.....	56
<b>Foto 6</b>	José Noronha Teixeira, candidato da Chapa 1. Teresina. 1984.....	58
<b>Foto 7</b>	Preparação do primeiro dissídio coletivo da categoria. Teresina. 1985.....	71
<b>Foto 8</b>	Retrospectiva dos I e II Encontros estaduais dos comerciários do Piauí. Teresina. 1994.....	90
<b>Foto 9</b>	II Encontro estadual dos comerciários do Piauí. Teresina. 1993.....	91
<b>Foto 10</b>	Campanha de sindicalização dos comerciários em Teresina. 1993.....	94
<b>Foto 11</b>	Resultado das eleições do Sindicato dos Comerciários de Teresina em 1994..	98
<b>Foto 12</b>	Campanha salarial dos comerciários de Teresina. 1995.....	100
<b>Foto 13</b>	3º Encontro dos Comerciários de Teresina. 1994.....	103
<b>Foto 14</b>	Campanha contra a liberação do horário de funcionamento do comércio. 1997.....	108
<b>Foto 15</b>	Gerente da Lobrás acusado de assédio sexual. 1993.....	112
<b>Foto 16</b>	Greve no Grupo Pintos. Teresina. 1995.....	114



## LISTA DE SIGLAS

ACP	Associação Comercial Piauiense
A.E.C.T.	Associação dos Empregados do Comércio de Teresina
Capex	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDL	Clube dos Diretores Lojistas
Cepac	Centro Piauiense de Ação Cultural
CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DRT	Delegacia Regional do Trabalho
Fetracompi	Federação dos Trabalhadores no Comércio e Serviços no Estado do Piauí
IAEE	Instituto de Água e Energia Elétrica
I.A.P.C.	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes
INPC	Índice nacional de preços ao consumidor
IPC	Índice de preços ao consumidor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
S.E.C.T.	Sindicato dos Empregados do Comércio de Teresina
Sesc	Serviço Social do Comércio
UDN	União Democrática Nacional

## RESUMO

Este trabalho é uma reflexão em torno da história e memória do Sindicato dos Comerciários de Teresina, com o objetivo de identificar as lutas, as estratégias de conflito e de negociação e as conquistas vivenciadas pelos comerciários de Teresina, no período compreendido entre 1984 e 1999. Para tanto, utilizou os jornais impressos de circulação local e o periódico interno do sindicato, intitulado Balcão, bem como a técnica/Metodologia da História Oral, através de depoimentos de comerciários que atuaram em cargos da direção do sindicato, tendo apoio teórico em E. P. Thompson e Roger Chartier com seus conceitos de experiência e representação. O trabalho contextualiza o movimento sindical brasileiro e piauiense, na sua relação com o processo de organização sindical dos comerciários de Teresina, a partir dos discursos publicados nos jornais impressos; desenvolve uma análise sobre a realidade piauiense em seus aspectos sócio-econômicos e políticos; discorre sobre o sindicalismo comerciário de Teresina no cenário brasileiro e piauiense; aborda o papel desempenhado pelo grupo de oposição à direção do Sindicato, o processo eleitoral do mesmo e seus desdobramentos e as principais ações e prioridades de ação da gestão de Evaldo Ciríaco (1985-1991); identifica a atuação do jornal Balcão, considerando o seu posicionamento político na construção de uma representação dos comerciários, quanto ao novo tipo de administração sindical da entidade (o sistema colegiado), à caracterização das gestões de Cícero Magalhães (1991-1997) e de Gilberto Paixão (1997-1999), bem como com relação à atuação da oposição comerciária, ao horário no comércio e à rotina da mulher comerciária de Teresina.

**Palavras-chave:** Sindicato dos Comerciários de Teresina. História e memória. Experiências. Representação.

## ABSTRACT

This work is a reflection on the history and memory of the Union of Commerce of Teresina, in order to identify the struggles and strategies of conflict and negotiation and achievements experienced by commercial workers of Teresina, in the period between 1984 and 1999. For this purpose, the newspapers of local circulation and the internal union journal, titled Balcão, as well as technical / Methodology of Oral History, through testimonials, trading who acted in positions of union leadership, and theoretical support in E.P. Thompson and Roger Chartier with its concepts of experience and representation. The work contextualizes the Brazilian state of Piauí and the trade union movement, in its relation to the process of commercial workers union Teresina, from the speeches published in newspapers; develops an analysis of the Piauí reality in their socio-economic and political aspects; discusses the commerce worker unionism in Brazil and Teresina Piaui scenario; addresses the role played by opposition group to the direction of the Union, the electoral process itself and its aftermath and the main actions and priorities for action management Evaldo Ciriaco (1985-1991); identifies the role of the newspaper Balcão, considering his political position in the construction of a representation of commercial workers, as the new type of union management entity (the collegiate system), the characterization of the managements of Cicero Magalhães (1991-1997) and Gilberto Paixão (1997-1999) as well as with respect to the performance of the opposition shopkeeper to time in trade and routine woman shopkeeper Teresina.

**Keywords:** Union of Commerce of Teresina. History and memory. Experiences. Representation.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DE TERESINA.....</b>	<b>21</b>
<b>2.1 Reflexões acerca do movimento sindical brasileiro e piauiense: um debate com a historiografia .....</b>	<b>21</b>
<b>2.2 Aspectos da realidade sócio-econômica e política piauiense .....</b>	<b>29</b>
<b>2.3 Imprensa e sindicalismo: a gênese e o processo de organização sindical dos comerciários de Teresina através dos jornais (1928-1983) .....</b>	<b>37</b>
<b>3 O NOVO SINDICALISMO À FRENTE DO SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 O sindicalismo comerciário teresinense nos cenários brasileiro e piauiense .....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 A oposição sindical comerciária e o dinâmico processo eleitoral (1984).....</b>	<b>53</b>
<b>3.3 Gestão Evaldo Cunha Ciríaco (1985-1991).....</b>	<b>63</b>
3.3.1 Ação efetiva e prioridades das novas gestões sindicais .....	63
3.3.2 Os comerciários e suas ações coletivas: questões em torno das lutas, conquistas e movimentos grevistas.....	69
<b>4 ENTRE CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES: trabalho e sindicalismo através do jornal Balcão.....</b>	<b>82</b>
<b>4.1 A experiência de administração sindical colegiada .....</b>	<b>85</b>
4.1.1 Primeira gestão colegiada (1991-1994).....	87
4.1.2 Segunda gestão colegiada (1994-1997).....	97
4.1.3 Terceira gestão colegiada (1997-1999) .....	105
<b>4.2 O polêmico horário do comércio de Teresina .....</b>	<b>107</b>
<b>4.3 Revelando a condição da mulher comerciária de Teresina.....</b>	<b>109</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>132</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>138</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Ângela de Castro Gomes,<sup>1</sup> o trabalhismo é caracterizado como uma supervalorização do trabalhador e da legislação trabalhista. Dessa forma, a discussão sobre trabalhismo e sindicalismo é um tema de destaque no debate político e social, haja vista o interesse em compreender o projeto social implementado pelo presidente Getúlio Vargas, a partir de 1930, e preservado por outros governantes que o sucederam.

Pela ideologia trabalhista, os sindicatos deveriam ser a principal via de participação e organização dos assalariados; na época, predominantemente urbanos. A adesão desse grupo à ideologia tornou-se viável, pois no trabalhismo estava encarnada a proposta do bem-estar social, através da modernização e do desenvolvimento distributivo e gerador de empregos, o que motivou a organização dos trabalhadores em sindicatos para receberem as melhorias implementadas pelo governo nacional e estadual.<sup>2</sup>

Neste trabalho, a ênfase recai sobre a história e a memória do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, comumente denominado Sindicato dos Comerciários de Teresina, com o objetivo de identificar as lutas, as estratégias de conflito e de negociação, bem como as conquistas vivenciadas pelos comerciários, no período compreendido entre 1984 e 1999, a partir dos discursos publicados nos jornais impressos de circulação local e no Balcão, periódico interno do sindicato, e da História Oral.

A cidade de Teresina, atual capital do estado do Piauí, e com uma extensão de 1.391,981 km<sup>2</sup>, está “localizada no Centro-Norte do Estado, a 366 km do litoral.”<sup>3</sup> A povoação de Teresina teve início no século XVI, quando o bandeirante Domingos Jorge Velho e seu grupo estabeleceram uma feitoria e um criatório de gado. “Em 1797 foi erguida a igreja de Nossa Senhora do Amparo [em cujo entorno se iniciou uma vila], e sua fundação foi oficializada em 16 de agosto de 1852.” Com um projeto inovador de criação, elaborado pelo Conselheiro Saraiva (José Antonio Saraiva), e devido à navegabilidade dos rios Poti e Parnaíba, Teresina se tornou a capital da Província do Piauí [antes era a cidade de Oeiras].<sup>4</sup>

Segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Teresina, em 2010, tinha 814.230 habitantes, apresentando densidade demográfica de 584,94

---

<sup>1</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005a.

<sup>2</sup> Id., *Ibid.*

<sup>3</sup> TERESINA. Prefeitura Municipal de Teresina. *Teresina: institucional*. Disponível em: <<http://www.teresina.pi.gov.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

<sup>4</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Teresina. história*. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=221100&search=pialui|teresina|infograficos:-historico>>. Acesso em: 25 abr. 2014a.

habitantes por quilômetro quadrado, produto interno bruto *per capita* (a preços correntes de 2011) de R\$ 13.866,75 e índice de desenvolvimento humano médio (0,751).<sup>5</sup> A cidade se destaca no setor de prestação de serviços e “atrai milhares de pessoas que buscam tratamentos médicos avançados”, as quais encontram em Teresina alguns dos melhores médicos do País. “Outro setor que prospera é o da educação, com uma rede de ensino avançada.”<sup>6</sup> A capital do Piauí tem 260 unidades de entidades sem fins lucrativos na classificação 07, do IBGE, que inclui partidos políticos, sindicatos, associações patronais e profissionais<sup>7</sup> - entre elas, portanto, o Sindicato dos Comerciários de Teresina.

O primeiro contato com a temática em questão se deu ainda na graduação, com o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado “Trabalhismo e sindicalismo no Piauí (1945-1964)”,<sup>8</sup> enquanto bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UESPI, sob a orientação da profa. Ms. Rosângela Assunção, da Universidade Estadual do Piauí - Campus Clóvis Moura. Por meio deste projeto, entramos em contato com fontes hemerográficas, através das quais pudemos analisar a influência da ideologia varguista no discurso e na ação dos sindicalistas piauienses, sua relação com o Estado, bem como as principais reivindicações e conquistas dos trabalhadores sindicalizados.

A experiência na iniciação científica foi decisiva para a escolha e o desenvolvimento deste objeto de estudo. Isto posto, é importante destacar que os trabalhadores comerciários constituem uma das mais antigas categorias dedicadas ao comércio da cidade de Teresina. A entidade comerciária, com uma trajetória marcada pela alternância de períodos de organização e mobilização e períodos de desmobilização, salvo engano, possui uma das experiências mais significativas no processo de reconstrução do sindicalismo piauiense.

No que diz respeito à periodização, a temporalidade escolhida se refere a tempos de mudanças no sindicalismo nacional e que, para os comerciários de Teresina, foi marcado, em 1984, pela conquista da direção do sindicato pelo grupo de oposição à diretoria vigente, através de um processo eleitoral, com a posse no ano seguinte. Esse processo de luta pela renovação da direção do sindicato formou uma nova geração de militantes que, posteriormente, atuaram na direção e em outros cargos da entidade comerciária.

---

<sup>5</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Teresina*: informações completas. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=221100&search=piaui|teresina>>. Acesso em: 25 abr. 2014b.

<sup>6</sup> TERESINA, 2014.

<sup>7</sup> IBGE, 2014b.

<sup>8</sup> Cf. SILVA, Eliane Aparecida; ASSUNÇÃO, Rosângela. *Trabalhismo e sindicalismo no Piauí (1945-1964)*. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 6., 2008, Teresina. *Anais...* Teresina: Uespi, 2008.

Assim, parte do grupo responsável pela renovação da direção do sindicato manteve-se à frente da entidade comerciária de Teresina por um período de seis anos. Entretanto, logo depois, houve uma ruptura interna, formando-se novamente um grupo de oposição que se concretizou nas eleições de 1994 e 1997. Nessa perspectiva, o recorte final deste trabalho vai até 1999, quando ocorreram as últimas eleições no Sindicato dos Comerciários de Teresina sem que houvesse um grupo de oposição à diretoria.

O processo metodológico responsável por viabilizar este estudo, além das entrevistas realizadas e da seleção e fichamento da produção bibliográfica, consistiu no uso de jornais impressos de circulação local e do Balcão, periódico mensal do Sindicato dos Comerciários de Teresina, que teve início em 1986, produzido pelos comerciários que integravam a comissão de imprensa do sindicato. Destacaram-se, assim, as fontes hemerográficas, notadamente os jornais escritos de circulação local, como: Diário Oficial, Jornal do Comércio, Jornal do Piauí, O Dia e Diário do Povo, localizados no Arquivo Público do Piauí, Casa Anísio Brito, em Teresina e o Balcão.

Cumprе ressaltar que, entre janeiro de 2012 e janeiro de 2014, na Casa Anísio Brito, foram realizadas a localização e a digitalização dos jornais para a pesquisa, dos seguintes anos/períodos: Diário Oficial (1935-1945), Jornal do Comércio (1950-1958), Jornal do Piauí (1960-1964), O Dia (1943-1964/1983-1999) e Diário do Povo (1990-1999). Outras matérias também foram pesquisadas na Casa Anísio Brito nos seguintes jornais: O Piauí (1945-1947), Folha da Manhã (1962-1964) e Meio Norte (1995-1997).

É inquestionável a importância do uso dos jornais como fonte de pesquisa no estudo histórico, pois, através da imprensa, compreende-se melhor as representações em torno da trajetória do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Tania Regina de Luca<sup>9</sup> chama atenção para o fato de que os periódicos se tornaram fontes fundamentais para os estudos de temáticas diversas, como a própria história do movimento operário.

Dados acerca das formas de associação e composição do operariado, correntes ideológicas e cisões internas, greves, mobilizações e conflitos, condições de vida e trabalho, repressão e relacionamento com empregadores e poderes estabelecidos, intercâmbios entre lideranças nacionais e internacionais, enfim, respostas para as mais diversas questões acerca dos segmentos militantes puderam ser encontradas nas páginas de jornais, panfletos e revistas, que se constituíam em instrumento essencial de politização e arregimentação.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

<sup>10</sup> Id. *Ibid.*, p. 119.

Assim, inicialmente, trabalhou-se com o Diário Oficial, órgão noticioso que trazia principalmente as notícias do governo, que servia à própria estrutura de poder durante o período do Estado Novo.<sup>11</sup> Neste periódico, observou-se que as notícias sobre o Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina abordavam convocação para assembleias, alteração de cargos da direção, participação em homenagens aos poderes públicos em solenidades cívicas, e cartas enviadas pelos dirigentes do sindicato ao presidente Getúlio Vargas como forma de reivindicação e, também, de apoio ao seu governo.

O Jornal do Comércio, que teve como proprietário Bento Clarindo Bastos,<sup>12</sup> filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), abordava notícias relacionadas ao sindicalismo no geral. Nas notícias editadas por este jornal, destacam-se as críticas aos empregadores por não respeitarem as leis trabalhistas.

O jornal O Dia, fundado por Leão Monteiro, em 1951,<sup>13</sup> de viés opinativo, também era simpatizante do PTB. Em 1962, este periódico divulgou em suas páginas a “Coluna Sindical”, escrita pelo então presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio de Teresina, Deusdedit Sousa, mostrando que a entidade tinha espaço em um importante órgão do Estado. O Diário do Povo, que circulou em Teresina durante o período recortado pela pesquisa, trazia as principais lutas e conquistas da categoria.

Ainda, no que respeita às fontes, foram consultados os documentos oficiais do sindicato: atas, panfletos e o periódico Balcão - editorial de circulação mensal entre os profissionais do comércio da capital. Embora neste periódico encontre-se somente o ponto de vista daqueles que compunham a direção da entidade, é um dos poucos documentos/acervos disponíveis na sede do sindicato. O informativo aborda as denúncias feitas pelos trabalhadores e dirigentes sindicais, suas principais reivindicações e conquistas, destacando os fenômenos e processos sociais que se fazem presentes na construção da memória e identidade dos empregados no comércio teresinense.

Utilizou-se, ainda, a técnica/Metodologia da História Oral para se aproximar das memórias construídas em torno das experiências dos comerciários que estiveram à frente do sindicato no período recortado pela pesquisa: Gilberto da Paixão Fonseca, Caetano João de Farias Brito, Abdon Martins de Moura, Evaldo Cunha Ciríaco e Cícero Magalhães Oliveira.<sup>14</sup> O primeiro a ser entrevistado foi Gilberto da Paixão Fonseca, por indicação do Sindicato dos

---

<sup>11</sup> Conforme observado nos jornais pesquisados no acervo da Casa Anísio Brito.

<sup>12</sup> Informação que consta na primeira página do jornal, que sempre trazia o nome do proprietário/fundador do mesmo.

<sup>13</sup> Idem.

<sup>14</sup> Sobre os entrevistados, ver fichas técnicas nos Apêndices A, B, C, D e E.



Comerciários de Teresina, que nos forneceu o telefone para contato. Gilberto da Paixão Fonseca indicou o segundo entrevistado e assim, sucessivamente, um foi indicando o outro integrante do sindicato. Ressalta-se que prontamente todos aceitaram contribuir para esta pesquisa e que assinaram a “Carta de Cessão de Direitos sobre o Depoimento Oral para a Universidade Federal do Piauí”,<sup>15</sup> através do Núcleo de História Oral. As entrevistas, que foram gravadas, foram realizadas entre os dias 6 e 17 de fevereiro de 2014<sup>16</sup> com o objetivo de caracterizar as gestões e as experiências dos entrevistados no período em que estiveram à frente do Sindicato dos Comerciários de Teresina.

A memória possui potencialidades que enriquecem o processo de análise e de reconstrução de variáveis constituintes da pesquisa histórica, tais como a reativação de emoções políticas, individuais, coletivas e rememoração de convivências e conflitos ocorridos no decorrer da História.<sup>17</sup> Assim,

[...] A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra [...] em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc.<sup>18</sup>

Além disso, a memória constituiu-se como fonte informativa e, ao mesmo tempo, como fundamento da identidade através de um processo dinâmico e dialético, permeado por marcas do passado, indagações e necessidades do tempo presente - identidade que, em seus aspectos individuais, apresenta uma dimensão coletiva associada à integração do homem como sujeito do processo de construção da história.<sup>19</sup>

Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sistema de identidade, tanto individual quanto coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução em si.<sup>20</sup>

---

<sup>15</sup> ANEXO A.

<sup>16</sup> Cf. Apêndices A, B, C, D e E.

<sup>17</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 03-15, 1989.

<sup>18</sup> Id., *Ibid.*, p. 7.

<sup>19</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

<sup>20</sup> Id., *Ibid.*, p. 204.

É importante destacar que a memória possui um vínculo importante com a história oral; recurso que permite vivenciar a experiência de diferentes grupos sociais num tempo presente. A história oral é uma metodologia que permite a interpretação própria de acontecimentos, fazendo com que a pessoa entrevistada sinta-se parte do contexto em que está inserida. Desse modo, entrevistas de história oral podem ser usadas no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas.<sup>21</sup>

Nesse contexto, as experiências narradas pelos entrevistados possibilitam ao historiador aproximar-se do cotidiano dessas pessoas, porém, sem perder de vista que se trata de uma elaboração do entrevistado sobre sua própria experiência, marcada, portanto, por uma carga de subjetividade.<sup>22</sup>

A História Oral tem sido utilizada em estudos de temáticas diversas, trazendo contribuições significativas e inovadoras frente aos métodos tradicionais de pesquisa. No total, para esta pesquisa, foram realizadas cinco entrevistas, todas do tipo temáticas. Para tanto, o grupo de pessoas entrevistadas foi constituído pelos comerciários que estiveram em cargos de direção da entidade comerciária no período do recorte temporal desta pesquisa, tendo em vista as gestões sindicais, destacando-se as eleições, as convenções coletivas, campanhas salariais e as divergências existentes entre os dirigentes do sindicato.

Dentro de uma perspectiva teórica, somam-se as contribuições do historiador Edward Palmer Thompson,<sup>23</sup> tendo como eixo de análise a categoria experiência. Este autor elaborou, a partir da década de 1950, estudos sobre a história das classes trabalhadoras inglesas, fornecendo elementos para a apreensão da realidade em seus aspectos objetivos e subjetivos e produzindo uma análise da realidade social que se deu tanto pela teoria como pela prática. Ao tratar da formação da classe operária inglesa, Thompson ainda enfatizou a importância da experiência humana no processo de formação social. Para ele, classe e consciência de classe vão se formando juntas na experiência. Ademais, através desta existe a possibilidade de perceber um determinado objeto a ser estudado em seu movimento e não como algo inerte, esperando para ser desbravado por alguma teoria.

---

<sup>21</sup> ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

<sup>22</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>23</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a, v. 1.; THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b, v. 3.

Vale destacar que, ao analisar o **fazer-se** da classe operária, Thompson<sup>24</sup> observou o modo de vida característico dos trabalhadores, suas ideias e instituições, estabelecendo diálogo entre **ser social** e **consciência social**.

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa.<sup>25</sup>

Percebe-se, então, que a categoria **experiência** desenvolvida por Thompson permite uma análise profunda da realidade, sem desconsiderar o contexto social que a constitui, o que favorece a compreensão de diversas formas de organização da vida social na atualidade, tais como associações, movimentos sindicais, movimentos dos sem terra, movimento de mulheres, de negros e tantos outros.

Thompson<sup>26</sup> conceitua experiência como “a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento.” Para ele, não existe uma divisão entre experiência individual e experiência coletiva; a experiência sempre acontece em relação a alguma coisa, estabelecendo os meios entre os sujeitos históricos reais. Assim, com base na proposta teórica de Thompson, foi possível analisar como o sindicalismo comerciário de Teresina se constituiu a partir da experiência de seus organizadores e dos trabalhadores que compunham o sindicato.

Em síntese, a análise das experiências coletivas presentes nos estudos de Thompson<sup>27</sup> forneceu elementos indispensáveis para a problematização dos movimentos sociais nos dias de hoje. Portanto, com base na perspectiva teórica thompsoniana, a qual estabelece uma nítida relação entre experiência e consciência, fez-se uma leitura da realidade sócio-histórica na qual se encontravam inseridos os sujeitos objetos desta pesquisa.

Conforme já mencionado, neste estudo faz-se uma análise das ações e representações do sindicalismo comerciário teresinense a partir dos discursos publicados nos jornais

---

<sup>24</sup> THOMPSON, 1987b.

<sup>25</sup> Id., Ibid., p. 204.

<sup>26</sup> THOMPSON, 1987a, p. 15.

<sup>27</sup> A categoria experiência, que coloca definitivamente a vivência dos atores históricos em cena traduz, por excelência, a forma como Thompson influenciou essa historiografia (GOMES, Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 161, jul.-dez. 2004).

impressos de circulação local. Para tanto, o conceito de representação de Roger Chartier<sup>28</sup> foi de grande relevância. Ele trouxe este conceito como proposta teórico-metodológica, percebendo-o como construções que os grupos fazem sobre suas práticas.

Chartier<sup>29</sup> destacou que as representações dizem respeito ao modo como em diferentes lugares e tempos a realidade social é construída, pensada e dada a ler por diferentes grupos sociais. Ademais, as representações são determinadas pelas relações de poder e pelos conflitos de interesses dos grupos sociais.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um novo projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso essa investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.<sup>30</sup>

Desse modo, o conceito de representação se apresenta como alternativa à compreensão do social e cultural da realidade e, portanto, contribui para a análise das representações do sindicalismo comerciário de Teresina entre os anos de 1984 e 1999.

O presente estudo sofreu algumas limitações na tentativa de reconstruir o processo de organização do sindicato em virtude da dificuldade de encontrar fontes documentais, visto que poucos jornais circulavam a partir dos anos 1940 - deste período, a maioria estão lacrados. Embora o Arquivo Público do Estado do Piauí tenha passado por uma reforma na sua estrutura física em 2013, algumas deficiências ainda são visíveis: falta de pessoal capacitado, de organização, de catalogação e de digitalização do acervo.

Ao se investir junto ao sindicato, a informação obtida foi a de que não dispunha sequer da ata/estatuto de fundação ou de outros documentos dos primeiros 50 anos da entidade comerciária, pelo fato de muitos documentos terem sido perdidos ou queimados propositalmente nas gestões anteriores. Buscou-se o Estatuto de fundação nos cartórios mais antigos da cidade, porém, sem êxito.<sup>31</sup>

A destruição do patrimônio documental nesta entidade sindical é mais notória levando em conta as turbulências dos meios de comunicação controlados pelo regime militar, haja

---

<sup>28</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Diefel, 1990.

<sup>29</sup> Id., Ibid.

<sup>30</sup> Id., Ibid., p. 17.

<sup>31</sup> É importante mencionar que foi encontrado no Arquivo Público do Piauí o Estatuto de fundação da Associação dos Empregados do Comércio de Teresina, de 1928, quando ainda não era sindicato.

vista que se constatou que as notícias sobre o sindicato pouco apareceram nos jornais, dificultando o levantamento dos prejuízos causados aos empregados no comércio teresinense e a sua entidade pelo regime militar para reparação moral, política e material.

Além desta introdução e da conclusão, do ponto de vista dos conteúdos, este trabalho foi organizado em três capítulos.

No capítulo primeiro, a seguir, faz-se uma contextualização do movimento sindical brasileiro e piauiense, na sua relação com o processo de organização sindical dos comerciários de Teresina, nos primeiros anos de sua trajetória, a partir dos discursos publicados nos jornais impressos de circulação na capital piauiense; também se desenvolve uma análise sobre a realidade piauiense em seus aspectos sócio-econômicos e políticos.

No capítulo segundo, faz-se uma discussão acerca do sindicalismo comerciário de Teresina no cenário brasileiro e piauiense. Neste percurso, abordam-se os seguintes aspectos: o papel desempenhado pelo grupo de oposição à direção do sindicato, o processo eleitoral do mesmo e os seus desdobramentos e as principais ações e prioridades de ação da gestão de Evaldo Ciríaco, entre anos de 1985 e 1991.

No capítulo terceiro, identifica-se a atuação do jornal Balcão - como já mencionado, editorial interno do sindicato -, considerando o seu posicionamento político na construção de uma representação dos comerciários. Os principais aspectos abordados são: o novo tipo de administração sindical da entidade (o sistema colegiado); a caracterização das gestões de Cícero Magalhães (1991-1997) e de Gilberto Paixão (1997-1999); bem como a atuação da oposição comerciária, a questão do horário no comércio e a rotina da mulher comerciária de Teresina.

## **2 ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DE TERESINA**

Inicialmente, optou-se por caracterizar o movimento sindical brasileiro, destacando os seus principais acontecimentos no contexto nacional e piauiense como um recurso para compreender a conjuntura em que foi criado o Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina e o seu processo de organização. Nesta seção apresentam-se os contextos sócio-político e econômico piauienses, a fim de entender o modo como os mesmos interferiram no processo de organização dos comerciários; afinal, a análise da conjuntura é relevante justamente por trazer ao nível do conhecimento estas encruzilhadas da história em que as orientações ideológicas e a capacidade de ação assumem uma importância decisiva.<sup>32</sup>

Analisando a linha do discurso oficial que foi construído em torno da entidade comerciária teresinense em estudo, abordam-se as principais ações que marcaram os primeiros anos de sua fundação, suas formas de organização, reivindicações, conquistas e a ligação estabelecida entre os líderes sindicais e os poderes públicos. Este último fato favoreceu o discurso presente no jornal oficial do Estado legitimar as ações do sindicato.

Nos primeiros anos de sua fundação, a tradição pelega (governista) predominou entre os comerciários de Teresina; e o principal fator de mobilização da classe foi o comparecimento às assembleias e a questão salarial. Entretanto, no início dos anos 1980, um grupo de comerciários com experiência em militância passou a lutar contra o não ativismo do sindicalismo comerciário, formando um grupo de oposição à então diretoria vigente.

### **2.1 Reflexões acerca do movimento sindical brasileiro e piauiense: um debate com a historiografia**

Ângela de Castro Gomes<sup>33</sup> conceitua o trabalhismo como uma ideologia centrada na figura de Getúlio Vargas, em sua obra social e no tipo de relação que ele manteve com a classe trabalhadora. O trabalhismo é visto pela autora como uma possibilidade de compreender as articulações entre o Estado e a sociedade na busca da construção de uma identidade próxima aos setores operários, o que garantia a legitimação do Estado. Assim, ela destaca que

---

<sup>32</sup> WEFFORT, Francisco C. Origens do sindicalismo populista no Brasil: a conjuntura no pós-guerra. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 4, p. 66-105, 1973.

<sup>33</sup> GOMES, 2005a.

[...] o trabalhismo, como ideologia, foi “inventado” em momento e circunstâncias bem precisos, não tendo origens remotas, nem imemoriais, muito pelo contrário. Envolvendo um conjunto de idéias, valores, vocabulários e também práticas festivas (como um certo tipo de comemoração do Dia do Trabalho), o trabalhismo, como ideologia, foi um produto do Estado Novo em seu segundo movimento.<sup>34</sup>

Quando o Brasil passou a ser um país industrial, a classe trabalhadora ganhou uma importância maior. Durante o Governo Getúlio Vargas, implantou-se uma legislação trabalhista, sendo os sindicatos a principal via de organização dos assalariados urbanos; e uma de suas primeiras ações foi a promulgação da Lei da Sindicalização, em 1931, consagrando o princípio da unidade e definindo o sindicato como órgão consultivo de colaboração com o poder público; além disso, seu objetivo era o combate a toda organização que permanecesse independente.<sup>35</sup>

Em virtude das intensas reivindicações, a partir dos anos 1930 e 1940 teve início a elaboração de uma política voltada para o cidadão trabalhador brasileiro.

É a partir desse momento, demarcado pela Revolução de 30, que podemos identificar de forma incisiva toda uma política de ordenação do mercado de trabalho, materializada na legislação trabalhista, previdenciária, sindical e também na instituição da Justiça do Trabalho. É a partir daí que podemos igualmente detectar – em especial durante o Estado Novo (1937-1945) – toda uma estratégia político-ideológica de combate à pobreza que estaria centrada justamente na promoção do valor do trabalho [...].<sup>36</sup>

Dessa forma, era imprescindível a intervenção do Estado, cujo imobilismo em anos anteriores foi apontado como as razões das inúmeras deficiências no setor trabalhista. Predominava, então, o discurso que procurava aproximar o Estado, na figura de Vargas, dos trabalhadores. Todavia, o governo mostrava-se repressivo mediante qualquer reivindicação dos trabalhadores, reprimindo os que não se enquadravam às suas normas. Por esse motivo, o sindicato passou a ser controlado pelo Ministério do Trabalho, o qual determinava as condições de trabalho e salariais.<sup>37</sup>

---

<sup>34</sup> GOMES, 2005a, p. 38.

<sup>35</sup> A lei da sindicalização não tornava obrigatória a filiação a um sindicato, mas apontava uma nítida correlação entre a situação de sindicalizado e o recebimento dos direitos sancionados pela legislação social. A sindicalização passou a ser abertamente estimulada, ficando estabelecido que só poderiam recorrer aos órgãos da Justiça existentes aqueles que fossem sindicalizados. Desta forma, a manutenção de associações operárias independentes implicava excluir dos benefícios sociais os trabalhadores a eles vinculados (Id., Ibid., p. 167).

<sup>36</sup> GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 53-72. p. 55.

<sup>37</sup> ANTUNES, Ricardo. *Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil*. Um estudo sobre a consciência de classe: da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora. 2. ed. São Paulo: Cortez; Ensaio, 1988.

Em contrapartida, alguns trabalhadores não aceitavam as imposições do Estado passivamente. Eles passaram a fazer greves e denúncias, pedindo a atenção dos responsáveis pela fiscalização das leis do trabalho. Mais que isso, os proletários organizavam congressos sindicais, nos quais aclamavam pela regeneração dos costumes políticos. Eles entendiam que a educação das massas era essencial para que as suas reivindicações fossem atendidas. Por conseguinte, sofreram retaliações como a invasão de suas residências por policiais, nos locais de trabalho, prisões e demissões.<sup>38</sup>

Os trabalhadores que possuíam cultura política manifestavam suas precárias condições sociais através de cartas enviadas para Vargas e reivindicavam, até onde era possível, um emprego ou aumento salarial. Assim, o trabalhador lutava pelos benefícios da lei, como salário mínimo, aposentadoria, regulamentação da jornada de trabalho e tratamento justo dado pelos patrões.<sup>39</sup>

[...] Uma mesma situação social e um mesmo objetivo de superá-la levam os vários personagens a registrarem suas formas de pensar e interpretar a sociedade, o momento político, as manifestações de poder e toda uma gama de percepções e sensibilidade com uma mesma frequência. A impressão que se tem, à medida que as cartas são lidas, é de que os nomes e os endereços mudam, mas a redação, a temática e os argumentos permanecem quase inalterados [...].<sup>40</sup>

Por meio dessas cartas, compreende-se como os trabalhadores reagiram ao projeto político varguista; porém, deve-se entender que os indivíduos não aceitavam as concepções dominantes passivamente, haja vista que procuravam interpretar tais ideias de acordo com seus interesses, reelaborando-as em proveito próprio. Aliás, criticavam até onde era possível, aceitando e reagindo, simultaneamente, às regras do poder.

Neste contexto, Jorge Luís Ferreira<sup>41</sup> afirma que é preciso evitar a abordagem de que o projeto político-ideológico varguista teria dominado as mentes das pessoas, incapacitando-as de manifestarem qualquer avaliação crítica, de interpretarem sua realidade social e de

---

Antunes (1988) afirma que, para que haja o entendimento da atuação do Estado varguista e do seu relacionamento com a classe operária, é preciso destacar que sua face repressiva manifesta-se inicialmente na formulação de uma política sindical controladora e que visou sujeitar politicamente a classe operária à dominação do capital através da dissolução de suas organizações independentes e, em função da resposta operária, do desencadeamento da repressão policial, que em determinados momentos foi incontrolável

<sup>38</sup> FERREIRA, Jorge Luiz. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário do povo*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

<sup>39</sup> Id., Ibid.

<sup>40</sup> Id., Ibid., p. 24.

<sup>41</sup> Id., Ibid.



reivindicarem seus direitos. Ademais, fazia parte da estratégia dos trabalhadores selecionar as frases do seu discurso, eliminando deste o lado repressivo do Estado.<sup>42</sup>

Deve-se ressaltar que, a partir dos anos 1930, foi difundido um modelo de estrutura sindical denominado **oficial** ou **corporativista**. Este tinha como características principais o regime de sindicato único (por categoria e região) e a vigência do imposto sindical - uma contribuição anual obrigatória recolhida de todos os trabalhadores aos sindicatos. Estes passaram a ser órgãos de colaboração com o Estado e qualquer manifestação política ou ideológica ficava proibida.<sup>43</sup>

No Piauí, o papel dos sindicatos era representar a categoria em um diálogo com a outra parte interessada, em um processo criado e intermediado pelo governo, a fim de se chegar a uma conciliação. Pode-se depreender, assim, que os sindicatos piauienses também são marcados por um sindicalismo voltado mais para o recebimento dos benefícios sociais do Estado do que para a reivindicação salarial. A organização dos trabalhadores, no Piauí, iniciou em Parnaíba, cidade portuária e principal porta de entrada e saída dos produtos importados e exportados pelo estado. E, devido ao comércio desenvolvido nessa cidade, houve uma aproximação dos trabalhadores parnaibanos com outros de várias partes do País.<sup>44</sup>

Lançando mão da análise do conteúdo das fontes hemerográficas que se apresentaram ora como governistas ora como oposição à política trabalhista de Vargas, é importante destacar a forma de abordagem e o que os divulgadores de opinião atuantes na imprensa escrita de Teresina e do Piauí pensavam sobre a legislação trabalhista e sindical, suas vantagens e suas falhas e como isso se refletia na vida dos trabalhadores piauienses.

De um lado, no ano de 1945 o jornal O Momento, noticioso criado a partir do núcleo de poder piauiense, exaltou a obra social do presidente Vargas, afirmando ser ele o único que reconheceu a existência dos trabalhadores:

---

<sup>42</sup> Para Ângela de Castro Gomes (2004), o desafio é entender como o discurso trabalhista foi “apropriado” por diversos atores sociais, que vivenciaram essa experiência política em seu cotidiano, com margens de autonomia nada desprezíveis. Para isso, a autora se beneficiou de uma documentação preciosa e até então não explorada: a correspondência que uma ampla parcela da população brasileira endereçava a Vargas.

<sup>43</sup> Em Teresina, foram criados sindicatos nesses novos moldes: Sindicato dos Criadores Piauienses (patronal), Sindicato dos Operários Sapateiros, Sindicato dos Operários em Construção Civil, Sindicato dos Operários Carpinteiros e Marceneiros, Sindicato dos Empregados no Comércio de Therezina, Sindicato dos Operários Pedreiros, Sindicato dos Operários Metalúrgicos e Mecânicos, Sindicato dos Engenheiros do Piauí, Sindicato dos Operários Panificadores Teresinenses (MEDEIROS, Antonio José. Movimentos sociais no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (Org.). Piauí: *Formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: Halley, 1995. p. 159-184).

<sup>44</sup> ASSUNÇÃO, Rosângela. *A política trabalhista na era Vargas e a construção da memória dos portuários de Teresina (1930-1954)*. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

[...] Porque sentiu integralmente a Pátria foi que Getúlio Vargas reconheceu aquilo que os presidentes, seus antecessores ignoravam: que nas cidades e nos campos do Brasil havia trabalhadores. E, foi daí, desse sentimento da terra, do homem, das cousas do Brasil que brotou a idéia de legislação social que nos deu Getúlio Vargas [...].<sup>45</sup>

Em contrapartida, naquele mesmo ano, matéria do jornal *O Piauí*,<sup>46</sup> órgão ligado ao partido da União Democrática Nacional (UDN), criticou os queremistas por considerá-los iludidos pelas obras político-sociais de Vargas. Aliás, procurava destacar que o grande problema operário estava na credulidade com que a classe se deixava convencer.

Oportunista ímpar, nenhum político brasileiro, desde os tempos coloniais, tem mudado mais de ideologia do que Getúlio Vargas. Sabe adaptar-se a todas as situações e, como Talleyrand, serve a todos os regimes... Getúlio Vargas ama o poder e dele só sairá contra a sua vontade.<sup>47</sup>

Tal afirmação comprova a estratégia utilizada por Vargas de promover um discurso nacionalista e ideológico que o favorecesse, bem como o seu gosto pelo poder, o qual foi duradouro. Os seus discursos cheios de sensibilidade e poder de convencimento, de certa maneira, convenceram a massa proletária de que iria adotar medidas favoráveis a ela.

Essa estratégia ganhou ímpeto a partir de 1942, quando o ministro do Trabalho Marcondes Filho empenhou-se em fortalecer o sindicalismo corporativista, por meio das orientações transmitidas à classe operária em programas radiofônicos, devido aos baixos índices de sindicalização.<sup>48</sup> Assim, era necessário apelar à agremiação em massa, trazer os trabalhadores para dentro dos sindicatos, incentivá-los a conhecer seus direitos e a criar grêmios representativos, com líderes capazes de reconhecer e divulgar as qualidades do corporativismo sindical.<sup>49</sup>

<sup>45</sup> FESTA operária em Florianópolis. *O Momento*, Teresina, a. XIII, n. 3, p. 4, 01 jul. 1945.

<sup>46</sup> SILVA, Cunha. Queremistas. *O Piauí*, Teresina, a. LVII, n. 8, p.3, 26 out. 1945.

<sup>47</sup> Id., *Ibid.*, p. 3.

<sup>48</sup> A temática do sindicalismo corporativista surgiu como questão de realce político somente a partir do lançamento da campanha de sindicalização promovida pelo ministro do Trabalho Marcondes Filho, haja vista que durante o Estado Novo este modelo de organização sindical funcionara apenas como uma orientação legal, devido à inexistência de sindicatos representativos. Então, o objetivo da propaganda do corporativismo brasileiro no pós-1942 era mobilizar e preparar lideranças para que compreendessem o espírito da legislação sindical e social (GOMES, Ângela de Castro. *Trabalhismo e corporativismo*. In: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005b. p. 237-261).

<sup>49</sup> NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 47-97.

Aliado aos jornais, o rádio foi um importante instrumento de divulgação das obras do presidente Vargas, aproximando-o ainda mais do povo. Francisco Alcides do Nascimento destaca que

A técnica da propaganda explora exaustivamente um dado clima de religiosidade constitutivo das relações entre o chefe e comandados, que se consubstancia principalmente no culto de veneração à pátria. A partir de 1943, o ministro do Trabalho começou a transmitir através do rádio uma série de palestras dirigidas aos trabalhadores. O programa foi denominado de “Hora do Brasil”, e todas as emissoras de rádio existentes no país eram obrigadas a fazer a sua transmissão. O Estado Novo é apresentado como o responsável pela reabilitação da dignidade do trabalho e do trabalhador.<sup>50</sup>

Além de veiculadas no rádio, as palestras do ministro do Trabalho eram publicadas no jornal oficial do Estado Novo. No Piauí, o Diário Oficial, órgão informativo que trazia as principais notícias ligadas ao governo, divulgou no ano de 1943 os conteúdos destas palestras.<sup>51</sup> Quanto aos meios de comunicação, no geral, estes atuavam como portadores de conteúdos políticos e de ideologia, servindo à própria estrutura de poder e agindo como veículo de manutenção da ordem vigente. Assim, os jornais tiveram sua liberdade cerceada pela ação da censura e do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Enfim, tratava-se de estabelecer um vínculo político profundo entre o presidente Vargas, responsável pessoalmente pela grande obra antecipatória do direito social brasileiro, e o povo/trabalhador que, tornado são e bem-educado, era o principal responsável pela riqueza e glória do País.<sup>52</sup>

Vale ressaltar que os jornais impressos pesquisados denunciavam casos de infração das leis trabalhistas nos sindicatos piauienses, como, por exemplo, as eleições para delegado dos sindicatos que, às vezes, eram fraudadas e os eleitos ilegalmente não atendiam aos interesses dos operários; também tinha a questão do imposto sindical (hoje conhecido com contribuição sindical) cobrado de todos os trabalhadores sindicalizados e recolhido no fim do mês, sob pena de multa em casos de atraso, e cujo real destino era desconhecido dos trabalhadores.

<sup>50</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História e memória: o rádio por seus locutores. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 3, a. III, p. 1-20, out./nov./dez. 2006, p. 5.

<sup>51</sup> Constatou-se, na pesquisa ao acervo na Casa Anísio Brito, que nos meses de janeiro a dezembro de 1943, no Diário Oficial, os temas predominantes das palestras do ministro do Trabalho eram: a educação sindical para os trabalhadores; a consolidação das leis do trabalho e o processo de sua elaboração; as finalidades da comissão técnica de orientação sindical, unindo os trabalhadores na defesa das instituições; a democracia no Estado nacional; e o problema da estabilidade no emprego adquirido por lei, problema urgente e essencial no momento brasileiro.

<sup>52</sup> GOMES, 1999.

Em 1943, foi sancionada pelo Governo Vargas, mediante o Decreto-lei n. 5.452, de 1º de maio, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), principal instrumento para regulamentar as relações de trabalho e proteger os trabalhadores com o objetivo de unificar a legislação trabalhista. Dentre os principais assuntos abordados neste documento, destacam-se o registro do trabalhador, jornada de trabalho, férias, medicina do trabalho, organização sindical e convenções coletivas.<sup>53</sup>

No Piauí, de acordo com Antonio José Medeiros,<sup>54</sup> após a aprovação da CLT cresceu o número de sindicatos em situação regular. Logo,

[...] de 1941 e 1958, organizaram-se no Piauí, 91 sindicatos - 55 de trabalhadores e 36 patronais. Sua distribuição geográfica também é reveladora: Parnaíba - 26 de trabalhadores e 17 patronais; Teresina - 25 de trabalhadores e 10 patronais; Floriano - 2 de trabalhadores e 2 patronais; Campo Maior - 1 de trabalhadores e 2 patronais; Piripiri - 2 patronais; Luzilândia - 1 de trabalhadores; Oeiras, Picos e Piracuruca - 1 patronal, cada. Em Parnaíba, sindicatos de trabalhadores e patronais giravam em torno do PTB, em Teresina, até 1958, giravam mais em torno da UDN.<sup>55</sup>

A partir de 1945, a representação sindical passou a ser reconhecida na forma da lei, haja vista a função importante que os sindicatos detêm de beneficiar as classes operárias de cada setor trabalhista. Ademais, a modificação na organização sindical permitiu que os operários se sindicalizassem, já que antes estavam subordinados à onipotência do Ministério do Trabalho e da vontade governamental.

No Brasil, findo o Estado Novo, houve o ressurgimento das lutas sindicais. Neste contexto, o número de greves dos trabalhadores cresceu e se estendeu por todo o País, inclusive para o setor rural.<sup>56</sup> Além disso, as mudanças ocorridas na legislação do trabalho fizeram com que aumentasse a quantidade de sindicatos no País. Portanto, a busca cada vez maior por melhores condições de trabalho incentivou a sindicalização da classe trabalhadora.

Ao findar do ano de 1954, havia atingido 2.172 o número de sindicatos no Brasil, contra 2.082, existentes em 1953. No ano passado, portanto, foram cadastradas pelo Serviço de Estatística da Previdência do Trabalho mais de 90 associações de gênero em todo o país, dos quais 58 eram formados de empregados, 28 de empregadores e 4 de profissionais liberais.[...].<sup>57</sup>

<sup>53</sup> BRASIL. Decreto-lei n.5.452, de 1º de maio de 1943. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001.

<sup>54</sup> MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: Cepac, 1996.

<sup>55</sup> Id., *Ibid.*, p. 111.

<sup>56</sup> Sobre a greve dos trabalhadores rurais em São Paulo nos anos 1940 e 1950, ver SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1981.

<sup>57</sup> 2.172 SINDICATOS em 1954. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. V, n. 389, p. 10, 25 mar. 1956. p. 10.

O aumento considerável no número de sindicatos no Brasil na década de 1950 ocorreu devido à influência da ideologia trabalhista adotada pelo Governo Vargas, que, com a aprovação e exaltação da legislação trabalhista, buscou incentivar a sindicalização; e o próprio presidente fazia questão de mencionar os benefícios alcançados pela classe trabalhadora, quando esteve em Teresina pela segunda vez, em agosto de 1950. Outra conquista foi o aumento do salário dos comerciários a pedido do Sindicato dos Empregados no Comércio. Os trabalhadores piauienses tiveram outras reivindicações atendidas, além do aumento salarial, dentre elas a aprovação de um anteprojeto que regulamentava o direito de greve; porém, deviam obedecer aos dispositivos da lei, onde constava que a greve deveria ter um motivo convincente e pertinente às relações de trabalho.<sup>58</sup>

A partir de 1964, quando o País esteve sob o controle restrito dos militares, foram frequentes as intervenções no movimento sindical. De acordo com Armando Boito Júnior,<sup>59</sup> toda vida interna dos sindicatos oficiais era rigidamente controlada. Havia o estatuto padrão detalhado e impositivo, regulando até os mínimos detalhes da vida de cada sindicato. A ação reivindicativa através dos sindicatos oficiais praticamente inexistia, e os que tentavam confrontar o governo sofreram forte repressão.

A grande maioria das diretorias dos sindicatos oficiais era pelega, ou seja, governista. As eleições sindicais eram objeto de um controle direto por parte do Ministério do Trabalho. No Piauí, o movimento sindical também persistiu com a legislação sindical corporativista. Na maioria dos sindicatos urbanos, houve intervenção; porém, a maioria foi reativada por diretorias pelegas. Antonio José Medeiros destaca que “de 1965 a 1980, foram criados 131 novos sindicatos - 46 patronais e 85 de trabalhadores.”<sup>60</sup> Ao longo de décadas, um setor expressivo do sindicalismo piauiense esteve atrelado a governos e partidos governistas de diferentes conotações políticas, os quais sempre tiveram a preocupação de observar o movimento dos trabalhadores para que estes não saíssem do seu controle.

No final da década de 1970 e início de 1980, quando houve um progressivo afrouxamento do controle governamental, o sindicalismo brasileiro viveu sua fase áurea com o ressurgimento do movimento sindical de massa. Marcava-se uma nova etapa da atuação sindical através da criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Naquela época, em substituição ao modelo corporativista foi inaugurado o “novo sindicalismo”, estrutura sindical

---

<sup>58</sup> AUMENTA o salário dos comerciários. *O Piauí*, Teresina, a. LXII, n. 767, p. 1, 13 mar. 1952.

<sup>59</sup> BOITO JÚNIOR, Armando. Reforma e persistência da estrutura sindical na crise da ditadura militar e no processo de democratização (1978-1990). In: BOITO JÚNIOR, Armando. *O sindicalismo na política brasileira*. Campinas: Unicamp, 2005. p. 79-141.

<sup>60</sup> MEDEIROS, 1995, p. 177.

caracterizada por sua atuação reivindicatória e que adotou como estratégia a vinculação mais efetiva entre o sindicato e os trabalhadores, estimulando o surgimento de novas lideranças sindicais.<sup>61</sup>

Ainda, conforme Medeiros, os sindicatos procuraram organizar seus trabalhadores por local de trabalho, houve a ampliação do direito de greve e os trabalhadores começaram a ocupar um espaço no cenário político. O movimento dos trabalhadores piauienses, por sua vez, integrou-se a esse esforço de renovação no âmbito nacional, através do discurso de uma nova prática sindical, que propôs o rompimento com as gestões sindicais tradicionais e participando do processo de criação da CUT no Piauí.<sup>62</sup>

No Sindicato dos Comerciantes de Teresina, a base de representação sindical foi ampliada; além dos trabalhadores do comércio, os dos setores de serviços passaram a ser representados nos anos 1980 por esse sindicato. Tal fato repercutiu nas formas de organização do capital e do trabalho de Teresina, observando-se uma movimentação organizativa do segmento sindical de trabalhadores urbanos em busca de melhores condições de trabalho e salariais.<sup>63</sup>

## 2.2 Aspectos da realidade sócio-econômica e política piauiense

Na segunda metade do século XX, o Piauí apresentava um elevado crescimento demográfico. Esse fato desencadeou um crescimento desordenado das cidades, contribuindo para os altos índices de analfabetismo e de mortalidade infantil. Além disso, a maioria da sociedade piauiense era residente da zona rural, o que impediu o surgimento de grandes indústrias locais, e grande parte da renda da sociedade piauiense vinha do setor primário, cujo desenvolvimento comercial estava inteiramente relacionado com o extrativismo vegetal que, através da cera de carnaúba, do babaçu e da borracha de maniçoba, colocou o Piauí em destacada posição no conjunto das exportações brasileiras.<sup>64</sup>

Ao se mostrar desfavorável às perspectivas da atividade extrativa vegetal, a renda do setor primário continuou crescendo graças à comercialização dos produtos da lavoura e da pecuária. Houve, portanto, uma evolução no mercado de gêneros alimentícios, tais como o

---

<sup>61</sup> MEDEIROS, 1995.

<sup>62</sup> Id., Ibid.

<sup>63</sup> SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA. *Home*. Disponível em: <<http://www.sindcomteresina.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2014b.

<sup>64</sup> SANTANA, R. N. Monteiro de. *Evolução histórica da economia piauiense*. 2 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.

arroz, o milho e o feijão. Assim, dentre os fatores que favoreceram a evolução da lavoura nos anos 1950, destacaram-se o crescimento demográfico no Piauí e a maior integração da sua economia com o mercado do Nordeste. Este último deveu-se às transformações a que a economia piauiense foi obrigada, por causa das dificuldades advindas da comercialização da cera no mercado internacional.<sup>65</sup>

Na conjuntura sócio-econômica vivenciada nos anos 1940 e 1950, Teresina emergiu como centro da economia piauiense; assim, os recursos se originavam principalmente da atividade comercial. Com isso, houve o aumento do número de estabelecimentos comerciais e, conseqüentemente, de trabalhadores empregados - daí a importância dos sindicatos como forma de organizar e representar esses trabalhadores na medida em que cresceu a pressão por reformas econômicas e sociais, embora neste período as mobilizações sociais fossem muito ocasionais.<sup>66</sup>

No que se refere ao aspecto urbano da cidade, Francisco Alcides do Nascimento observa os dois lados contrastantes de Teresina:<sup>67</sup>

A cidade recebeu tratamento urbano, novas áreas de sociabilidades, além de transportes modernos, sendo tudo isso valorizado no discurso oficial. Teresina é transformada em uma cidade moderna. Desse modo, alguns símbolos da modernidade foram sendo incorporados ao cotidiano da cidade e de seus habitantes. Mas existia “outra cidade” menos presente no discurso oficial, onde faltava água tratada e canalizada, luz elétrica e suas ruas não eram calçadas; não tinham recebido traçado “oficial”, com animais domésticos criados à solta e os moradores atingidos por maior número de doenças. Nessa “outra cidade” a maioria da população morava em “casas de palha”.<sup>68</sup>

Nessa época em que prevaleceu o modelo corporativista, através da imprensa escrita foi possível identificar a ligação de lideranças sindicais com o governo por meio da cooptação política. O jornal *O Piauí*, órgão da UDN, em janeiro de 1947 reproduziu a carta de apoio de alguns comerciários, que se intitulavam livres, à campanha de Rocha Furtado (1947-1951) para o governo do Piauí.

---

<sup>65</sup> SANTANA, 2001.

<sup>66</sup> MEDEIROS, 1995.

<sup>67</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002. p. 40.

<sup>68</sup> Em “A cidade sob o fogo”, Nascimento (2002) também constrói uma narrativa sobre os incêndios criminosos, colocando-os como parte do processo de modernização da cidade teresinense no período estado-novista. No que se refere ao mundo do trabalho, o autor acredita que, assim como o governo federal, em nível local é possível que o interventor federal Leônidas Mello (1935-1943) tenha estimulado à sindicalização, desenvolvida através da imprensa escrita.

Exmo. Snr. Dr. José da Rocha Furtado:

Os abaixo-assinados, integrantes da grande e decidida classe dos comerciários teresinenses, não podendo, por mais tempo, permanecer alheios à luta política que empolga todos os piauienses, residentes neste Estado e fora dele, desde o Amazonas até o Rio Grande, luta essa travada entre os que amam a liberdade, o direito, a democracia, a moralidade e o progresso da terra comum e aqueles que teimam em querer conservar por todos os meios o regime da corrupção administrativa, que tanto nos avilta e envergonha; e considerando ser V. Excia. portador da confiança de todos os piauienses livres, vêm com a presente moção, hipotecar à vossa candidatura a mais irrestrita e sincera solidariedade, fazendo, ao mesmo tempo, votos do mais completo êxito na campanha que ora se inicia.<sup>69</sup>

O apoio de membros da classe comerciária ao candidato Rocha Furtado explica-se pelo fato de seu partido ser composto basicamente pela burguesia comercial.

Em meio à crise econômico-financeira, buscou-se inserir o Piauí na política desenvolvimentista pela qual vinha passando o Brasil com a administração de Juscelino Kubitschek (1956-1961). A meta do governo estadual, em sintonia com o poder federal, era alcançar o desenvolvimento econômico através da industrialização, por acreditar que esta era indispensável para superar o subdesenvolvimento piauiense.<sup>70</sup>

Com o firme propósito de realizar uma política voltada para o desenvolvimento, o governo local reafirmava constantemente o seu intuito de reorientar a economia piauiense. Nos seus discursos procurava enfatizar as ações e os esforços empreendidos, com vistas a acompanhar o processo de crescimento econômico iniciado no País. Em nota publicada no *Jornal do Piauí*, no dia 4 de Outubro de 1956, intitulada “Entra em ritmo novo a vida econômica do Piauí”, o governador Gal. Manoel Jacob Gayoso e Almendra (1955-1959) afirmou que, na sua gestão que se fazia presente, os índices econômicos cresciam a todo vapor.<sup>71</sup>

Registra-se, no momento, em todos os setores de atividade de meu Estado, um momento deveras animador. Reestrutura-se nossa economia, promove-se o aproveitamento de numerosas possibilidades em diversos setores, tanto no comércio como na indústria ou na agropecuária. [...] Hoje, tudo mudou. Há três fábricas de óleo em Terezina em franca produção: a indústria têxtil registra acelerado desenvolvimento; a Usina de Açúcar de Santana, que era obsoleta e de fraca produção, foi adquirida por usineiros progressistas, está sendo reequipada com maquinaria moderna, ao mesmo tempo em que se promove o aumento imediato da produção canavieira. Nesse

<sup>69</sup> TESTEMUNHO de solidariedade da ponderável parcela livre dos Comerciários de Teresina ao Exmo. Snr. Dr. José da Rocha Furtado. *O Piauí*, Teresina, a. LVII, n. 177, p. 1, 08 jan. 1947. p. 1.

<sup>70</sup> ENTRA em ritmo novo a vida econômica do Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. VI, n. 440, p. 6, 04 out. 1956.

<sup>71</sup> Id., Ibid.



empreendimento aplica-se capital cerca de 30 milhões de cruzeiros. Desenvolvem-se outras indústrias como serrarias, olarias, cerâmicas, etc., já se fabricando azulejos de boa qualidade: instalaram-se novas usinas de descarregar algodão, assim como prensas.<sup>72</sup>

Pode-se depreender que algumas ações foram implementadas no sentido de colocar o Piauí no caminho do desenvolvimento; porém, ainda faltava muito para o avanço do estado, que tinha outros problemas maiores, como a deficiência no abastecimento de água, de energia elétrica e no sistema telefônico - este último considerado artigo de luxo.

Neste contexto, em 1955, foi criado o Instituto de Água e Energia Elétrica (IAEE), subordinado à Secretaria de Obras, com o objetivo de melhorar a distribuição desses serviços para a sociedade piauiense. O IAEE também passou por uma reforma, na parte administrativa, no sistema de arrecadação e fiscalização, pois existiam muitos casos de corrupção denunciados pelos jornais.<sup>73</sup>

O tal IAEE, superlotado de funcionários burocráticos e de pessoal incapaz ou inexperiente, não tem atendido, desde sua criação, às suas verdadeiras finalidades. Se existe um serviço de fiscalização, este só se apresenta nas folhas de pagamento. As lâmpadas quebradas a pedradas pelos garotos, não são substituídas, os fios que se partem ficam estendidos nas ruas, constituindo grande perigo aos transeuntes.<sup>74</sup>

Todavia, a corrupção frequente denunciada nos jornais impressos, o crescimento das despesas públicas e a ausência de orçamento não permitiram que se realizassem todos os melhoramentos necessários nesse setor. A falta de energia elétrica se constituía grande obstáculo para o desenvolvimento econômico do Piauí. Havia uma usina geradora localizada em Teresina que produzia pouca energia e ainda assim em regime de racionamento. Tratava-se da Usina Santa Luzia, que funcionava à lenha, construída ainda na interventoria de Leônidas Melo. Outros obstáculos ao crescimento da economia piauiense deram-se pela cobrança excessiva de impostos, falta de crédito gerada pela pequena quantidade de agências bancárias, deficiências no comércio, indústria e transporte, devido à falta de financiamento.<sup>75</sup>

Felipe Mendes<sup>76</sup> aponta uma integração passiva da economia piauiense à economia brasileira, iniciada na década de 1950 e intensificada a partir de 1960, que foi motivada pela abertura das primeiras estradas ligando o Sudeste ao Nordeste. Por conseguinte, houve o

<sup>72</sup> ENTRA..., 1956, p. 6.

<sup>73</sup> ÁGUA e luz. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. XI, n. 787, p. 6, 24 jan. 1960.

<sup>74</sup> Id., *Ibid.*, p. 6.

<sup>75</sup> Conforme constatado nos jornais da época pesquisados no acervo da Casa Anísio Brito.

<sup>76</sup> MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimentismo no Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.

desaparecimento de centenas de pequenas fábricas no estado piauiense, impossibilitadas de competir com as indústrias (mais modernas) de outros estados.

No setor comercial, a vinda de empresas sediadas em outros estados e a instalação de empresas piauienses, mesmo que em menor escala, favoreceram a ascensão do comércio varejista,<sup>77</sup> devido ao aumento da utilização de vias internas. Por conseguinte, Teresina, maior concentração urbana do Piauí, assumiu o papel principal na economia de mercado interno, transformando-se no principal centro comercial do estado.

No âmbito político-partidário, a principal fonte de apoio às políticas de investimentos piauienses foi o clima harmônico do Piauí com o governo federal, através da coligação entre os partidos Partido Social Democrático (PSD) e PTB. O Governo Gayoso e Almendra, através da imprensa escrita, destacou a importância dessa sintonia para a política econômica desse Estado:

O Piauí, como os demais Estados da Federação, deseja colaborar com o governo federal na realização de suas metas. Urge, portanto, a criação de um clima de paz, para a execução de grandes obras projetadas para encontrar fórmula adequada, com que se resolva a tremenda crise porque passa o país.<sup>78</sup>

A crise a que se referiu o governador Gayoso e Almendra acentuou-se nos últimos anos do Governo Juscelino Kubitschek, quando a sociedade brasileira começou a sentir os efeitos negativos da política desenvolvimentista implementada por este. O País encontrava-se alarmado com a alta do custo de vida, a inflação desenfreada, o desequilíbrio nas contas externas, uma massa de trabalhadores desempregados e uma configuração regional desigual:

O Brasil nunca atravessou uma crise como a que verificamos nos últimos anos. A alta do custo de vida sobe cerca de setenta por cento, ao ano. As instituições bancárias dificultam as indústrias e o comércio com a restrição de crédito. Em nosso Estado, por exemplo, onde não há indústria, a população tem que apelar para o empreguismo, embora a situação financeira do Piauí não comporte qualquer aumento de despesas [...].<sup>79</sup>

<sup>77</sup> Na década de 1960, o varejo, estimulado com a maior integração do estado e dispondo de um grau maior de variedade de bens, quase triplicou o valor real de suas vendas, distanciando-se do atacado e responsabilizando-se por 71,6% do faturamento comercial do Estado. Ver: MARTINS, Agenor de Sousa et al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação Cepro, 2002. p. 153.

<sup>78</sup> SINTONIA. *Jornal do Piauí*. Teresina, a. VII, n. 527, p. 1, 25 ago. 1957. p. 1.

<sup>79</sup> FOME e greve. *O Dia*, Teresina, a. IX, n. 728, p. 1, 13 dez. 1959. p. 1.

É válido destacar que a imprensa possuía considerável participação nos assuntos políticos daquela época, funcionando como um instrumento das disputas entre os partidos. Observou-se, nos jornais pesquisados no acervo da Casa Anísio Brito, que o jornal *O Dia* mencionava frequentemente a desarticulação dos poderes políticos entre o PTB e o PSD. Os aspectos políticos deste jornal podem ser visualizados na transcrição de seus discursos políticos e no apoio explícito a determinados candidatos.<sup>80</sup>

No jornal *O Dia*, que manteve um discurso oposicionista, identificou-se várias críticas à política administrativa do governo estadual. As críticas mais frequentes se referiam às práticas de corrupção administrativa (mexiam na máquina de arrecadação) e do empreguismo, causadores da decadência em todos os setores da sociedade piauiense, a destacar a classe trabalhadora.

A decadência administrativa do Piauí, como qualquer outra, é um fenômeno que tem base na moleza e na parcialidade avessa dos que dirigem a coisa pública. O Governo do Piauí, ao contrário do que indicaria o bom senso, cede a tudo e a todos para dismantelo da vida financeira do Estado, ferindo profundamente a economia pública e privada, e desajustando o funcionalismo, o operariado e todos que contribuem direta ou indiretamente para o equilíbrio social [...].<sup>81</sup>

Nas eleições de 1958, já se refletiam importantes mudanças ocorridas no nível regional, com a queda da oligarquia agrária (família Freitas) que até então detinha o poder; e, no âmbito nacional, a derrota da tradicional aliança partidária PSD/PTB em favor da expansão do PTB. No Piauí, o PSD perdeu a hegemonia de quase oito anos para a coligação udeno-petebista que elegeu Chagas Rodrigues (1959-1962) para o governo do estado.<sup>82</sup>

Criado pela argúcia do presidente Vargas para cobertura de retaguarda contra o partido oficial que o elegera, o PTB cresceu como o caçula mimado do poder, à custa de institutos de previdência e de favores sem conta, e, outras coisas não fez senão desgastar o PSD, infiltrando-o nas suas fileiras e disputando-lhe as posições no papel de aliado preferencial nos pleitos estaduais. E assim, de fiel balança nos primeiros embates, passou a dono da bola e a chutar direto contra um PSD descompassado que não sabe como resistir às suas imposições, dia a dia maiores.<sup>83</sup>

<sup>80</sup> OLIVEIRA, Marylu. *Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

<sup>81</sup> RAJÁ-MI. A decadência administrativa. *O Dia*, Teresina, a. V, n. 301, p. 1, 27 out. 1955. p. 1.

<sup>82</sup> CHRYSIPPO de Aguiar. O drama dos partidos. *O Dia*, Teresina, a. IX, n. 716, p. 6, 01 nov. 1959.

<sup>83</sup> Id., *Ibid.*, p. 6.

Com efeito, a incompatibilidade crescente entre o PSD e o PTB mostrou a influência das mudanças advindas no próprio sistema político com o crescimento do PTB. Isso se refletiu no âmbito sindical, devido à influência partidária petebista na organização dos sindicatos piauienses e à tentativa de promover sua participação na política do estado.<sup>84</sup>

A situação do Piauí, não só relativamente ao País, mas até mesmo com referência ao Nordeste, foi-se agravando. Os jornais de circulação local destacavam que

[...] O Estado do Piauí foi atingido subitamente por um extraordinário surto de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, ameaçado de moratória geral, concordata ou falência, em virtude da ausência do numerário para pagamentos de compromissos assumidos através do comércio das indústrias estatais [...].<sup>85</sup>

Nesse sentido, é importante destacar que os empregados no comércio teresinense sentiram os efeitos negativos desta crise devido ao não recebimento do salário mínimo estabelecido pelo governo federal para o Piauí, em virtude da crise das firmas comerciais existentes na capital ocasionada pela grande quantidade de estabelecimentos e pela restrição do crédito bancário. Conforme noticiou o jornal *O Dia*, eram constantes as reivindicações para que houvesse o pagamento do salário oficial ao empregado no comércio, bem como a fiscalização pela Delegacia do Trabalho:

Nessas condições, como impor ao comércio maiores gravames como salários altos, se os comerciantes não podem pagar nem o salário antigo e de fato não o pagam, como é fácil de ser verificada fazendo-se uma sindicância entre os comerciários? O que deve ser reivindicado, isso sim, é o pagamento do salário oficial, porque patrões há que podem pagá-lo, mas não o fazem porque preferem impor um ordenado menor, certo de que se atuais empregados não aceitarem, aparecerão substitutos que se conformarão em assinar recibo do que não recebem.<sup>86</sup>

Deve-se apontar que os trabalhos legislativos durante o governo de Chagas Rodrigues ficaram prejudicados pela ação obstrucionista da oposição pessedista, o que acarretou danos à sua administração política. Logo, vários projetos deixaram de ser discutidos e votados por causa das frequentes lutas político-partidárias. Dessa forma, as matérias dos jornais locais destacavam que a principal causa do subdesenvolvimento piauiense eram as divergências

---

<sup>84</sup> CHRYSIPPO, 1959.

<sup>85</sup> COSTA, Olympio de. Estado do Piauí - política de desenvolvimento. *O Dia*, Teresina, a. X, n. 751, p. 1, 03 mar. 1960. p. 1.

<sup>86</sup> SALÁRIO mínimo. *O Dia*, Teresina, a. X, n. 766, p. 2, 24 abr. 1960. p. 2.

entre os partidos políticos, assim como a falta de operosidade do governo estadual. O Jornal do Piauí, órgão dos pessedistas e de oposição ao governo, destacou que:

O que caracteriza o reinado do senhor Chagas Rodrigues é a completa desorientação política e administrativa que se implantou no Piauí, desde Janeiro de 1959. Jamais se viu governo tão falho de rumos ou de princípios, tão necessitado de metas e objetivos a serem seguidos, como este que aí está.<sup>87</sup>

Por outro lado, Camal Cury,<sup>88</sup> no jornal O Dia, fazia elogios à administração de Chagas Rodrigues e acentuava a sua capacidade administrativa.<sup>89</sup> Em matéria publicada no dia 2 de abril de 1961, enfatizou-se a boa vontade deste governo em incluir o Piauí no processo de desenvolvimento:

Um governo que procura a todo instante enriquecer o patrimônio estadual não pode ser mal visto no seio dos seus governados e, mesmo se não bastassem os notáveis empreendimentos que constituem a pedra fundamental do seu governo, somente a sua reconhecida boa vontade em procurar dar solução aos cruciantes e dolorosos problemas que atormentam a coletividade piauiense serviria de teste para mostrar a todos os seus contemporâneos a excelsitude de sua administração [...].<sup>90</sup>

É válido destacar que Chagas Rodrigues foi eleito com o apoio do movimento sindical, adotou estratégias e usou os ideais trabalhistas do seu partido, o PTB, para a conquista de uma coletividade social. Com o intuito de estimular o trabalhismo, ele fez homenagens a Getúlio Vargas com comemorações no Primeiro de Maio, Dia do Trabalho.

No Governo Chagas Rodrigues,<sup>91</sup> foi criada a sede do Conselho Sindical, que promoveu cursos de orientação e aperfeiçoamento sindical composto das seguintes matérias: legislação sindical, legislação do trabalho, segurança e higiene do trabalho, cooperativismo e previdência social, os quais funcionavam nos horários noturnos. O referido Conselho reunia-

<sup>87</sup> PRONUNCIAMENTOS oficiais. *Jornal do Piauí*. Teresina, a. X, n. 894, p. 1, 12 fev. 1961. p. 1.

<sup>88</sup> CAMAL, Cury. Porque defendo o governo Chagas Rodrigues. *O Dia*, Teresina, a. X, n. 864, p. 3, 02 abr. 1961.

<sup>89</sup> Os elogios à figura de Chagas Rodrigues explicam-se pelo fato de este jornal ter sido arrendado ao partido do governante, o PTB (OLIVEIRA, 2007).

<sup>90</sup> CAMAL, 1961, p. 3.

<sup>91</sup> Em uma nota da Coluna Sindical, o redator Deusdedit Sousa, então presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio de Teresina (S.E.C.T.), lamentou a renúncia do governador Chagas Rodrigues para candidatar-se a outro cargo, enfatizando sua boa relação com a classe sindical piauiense e os benefícios que este governo trouxe para os trabalhadores em geral (SOUSA, Deusdedit. *O Dia*, Teresina, a. XII, n. 998, 08 jul. 1962b. Coluna Sindical, p. 3).

-se para discutir assuntos políticos, situação econômica do País, indicação para cargos políticos ou na área do trabalho e sindical.

No que se refere aos aspectos sócio-econômico e político,

A cidade de Teresina, no período compreendido entre 1950 e 1970, viveu um processo de transformações econômicas e sociais ligadas diretamente ao modelo econômico proposto pelos governos populistas e militares. Nessa época o governador do estado Helvídio Nunes de Barros afirma, por exemplo, que a cidade é pequena, pessimamente iluminada, possui um deficiente e precário serviço de abastecimento d'água e não dispõe de asfalto, esgoto sanitário ou sistema de comunicação. Teresina era, assim, o retrato da pobreza e do atraso do Piauí, denunciando a imprensa escrita local até a falta de produtos de primeira necessidade, como a carne e o café.<sup>92</sup>

O comércio se expandiu pela implantação de filiais de grandes firmas tanto regionais como nacionais na capital, contribuindo para o processo de terceirização na economia urbana. No decorrer dos anos 1970, ganhou destaque o crescimento do comércio lojista com a chegada de algumas lojas de alto padrão na capital, como Lojas Brasileiras (Lobrás), Casas Pernambucanas, Lojas Jet e o grupo Pintos. E nos anos 1980, verificou-se um processo de desconcentração das lojas, que passaram a buscar os bairros.<sup>93</sup> Paralelamente ao processo de revitalização do movimento sindical ocorrido no Brasil nos anos 1980, em Teresina, um grupo de sindicalistas conduziu o processo de filiação do Sindicato dos Comerciantes. Nesse período, ocorreu a primeira vitória nas eleições sindicais dos empregados no comércio teresinense, originando uma nova forma de condução da luta dos trabalhadores desse setor.<sup>94</sup>

### **2.3 Imprensa e sindicalismo: a gênese e o processo de organização sindical dos comerciantes de Teresina através dos jornais (1928-1983)**

A primeira entidade de classe dos comerciantes encontrada em registro, a Associação dos Empregados do Comércio de Teresina (A.E.C.T.), data de outubro de 1928.<sup>95</sup> Dentre

<sup>92</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira História*, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007. p. 197. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a09v5327.pdf>>. Acesso em: 29 maio. 2014.

<sup>93</sup> TAJRA, Jesus Elias. O comércio e a indústria no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (Org.). *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: Halley, 1995. p. 133-158.

<sup>94</sup> SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA. *Histórico*. Teresina. Disponível em: <<http://www.sindcomteresina.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2014a.

<sup>95</sup> A A.E.C.T. era uma instituição beneficente, instrutiva e comercial, de providência e previdência individual e da classe. Ademais, era organizada e dirigida por uma assembleia geral, uma diretoria administrativa e um conselho fiscal (SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA. *Estatuto da Associação dos Empregados no Comércio de Teresina*. Teresina: Typographia Popular, 1928).

os seus principais objetivos, destacam-se: zelar pelos interesses da classe, confederar-se com as demais existentes nos diversos estados da União, prestar aos seus associados auxílio médico, publicar um periódico e representar perante os governos sobre questões de interesses comerciais, agindo em seu benefício e justas pretensões.

Esta associação dos comerciários era constituída por sócios que exerciam funções do comércio, compondo-se de três categorias: fundadores, efetivos e voluntários, os quais pagavam uma taxa fixa e contribuições estabelecidas. As admissões destes sócios eram feitas mediante requerimento do candidato aos três órgãos responsáveis pela direção da associação. Quanto ao corpo dirigente, o mesmo era formado por três grupos distintos: geral, administrativo e fiscal.<sup>96</sup> Além disso, reuniam-se por meio de assembleia geral convocada pelo presidente da entidade, ao menos quatro vezes ao ano, para tomar conhecimento de todo movimento do ano social, dar posse aos membros eleitos, discutir e votar as contas apresentadas, aprovando-as ou rejeitando-as.

No decorrer da década de 1930, a entidade passou a ser identificada nos jornais como Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina (S.E.C.T.). Os jornais impressos de circulação local noticiavam as convocações para assembleias realizadas na sede do sindicato, onde eram discutidos assuntos do seu interesse: eleições para cargos sindicais, aprovação e reforma dos estatutos, discussão e aprovação de orçamentos, apresentação de relatório pela diretoria e pedido de reajustamento salarial com a classe empregadora.

Através da convocação para uma assembleia publicada no Diário Oficial em julho de 1938, é possível identificar o nome do presidente do sindicato e onde se localizava a sua sede:

Por meio e de ordem do Snr. Presidente dessa nobre instituição de classe o Snr. Benedito Teixeira Marques, secretário do Sindicato dos Empregados no Comércio, do Piauí, sediado nesta capital, de acordo com o Art. 12, dos seus Estatutos, convida, em segunda convocação, todos os seus sócios, para uma reunião da Assembléia Geral Extraordinária, na sede social, à rua Dr. Álvaro Mendes, marcada para as 9 horas do dia de amanhã, domingo. Serão tratados assuntos de grande interesse do Sindicato, com relação à Academia de Comércio do Piauí, pelo que fica determinado o comparecimento obrigatório de todos os seus filiados, conforme consta da participação que nos foi enviada.<sup>97</sup>

<sup>96</sup> O corpo geral era designado por assembleia geral e composto de um presidente, dois secretários, três suplentes e todos os associados que comparecessem às reuniões. O corpo administrativo era designado pela diretoria administrativa e composta de um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro, um vice-tesoureiro, 1º e 2º secretários, um orador, um bibliotecário e seis diretores. O corpo fiscal era designado por conselho fiscal e composto de três membros efetivos e três suplentes (SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA, 1928).

<sup>97</sup> SINDICATO dos Empregados no Comércio. *Diário Oficial*, Teresina, a. VIII, n. 145, p. 3, 02 jul. 1938. p. 3.

No que se refere ao movimento sindical em Teresina, verificou-se uma forte influência da doutrina trabalhista ditada por Vargas. Francisco Alcides do Nascimento<sup>98</sup> observa que, no período compreendido entre 1935 e 1945, não se encontram em registros nenhuma alusão a manifestações relacionadas a melhores condições de trabalho, salariais ou outras reivindicações trabalhistas. Portanto, as notícias mais comuns eram referentes à participação em solenidades, destacando-se as que homenageavam autoridades políticas.

Diversas atividades festivas, como o aniversário de Getúlio Vargas, contavam com a participação de representantes dos sindicatos. No mês de abril, eram frequentes as notícias na imprensa escrita convidando os trabalhadores para participarem das homenagens ao presidente pela passagem do seu aniversário:

Acompanhando esse gesto de rara elegância moral, o Piauí, certamente, não ficará em posição secundária, pois os nossos conterrâneos, aproveitando a feliz oportunidade, não hesitarão em cumprir esse dever cívico, demonstrando ao eminente Presidente Vargas, de modo peremptório, a confiança que inspira a todas as camadas sociais do Brasil, a qual Sua Excelência, sem medir sacrifícios, vem servindo abnegada e patrioticamente.<sup>99</sup>

Assim como os demais sindicatos existentes na cidade teresinense, o Sindicato dos Empregados no Comércio participava das homenagens a Getúlio Vargas e também fazia parte da comissão organizadora das comemorações festivas deste dia, cuja programação incluía missa, atividades esportivas, sessão cívica com discursos e bailes do operariado.

No ano de 1939, encontra-se referência à participação da diretoria da entidade comerciária em uma homenagem ao presidente, ao ministro do Trabalho e ao interventor piauiense Leônidas Mello (1935-1943). Neste encontro promoveu-se a “Grande concentração trabalhista” (cf. Foto 1, a seguir), da qual também participaram personalidades representativas do meio comercial e trabalhista, sendo constituída por vários sindicatos de Teresina e seus representantes.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> NASCIMENTO, 2002.

<sup>99</sup> O DIA do Presidente. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 53, p. 3, 15 abr. 1943. p. 3.

<sup>100</sup> Cícero da Silva Ferraz, presidente da Associação Comercial; José Batista Carvalho, presidente da Associação Comerciantes Varejistas; Saul Nascimento, presidente do Sindicato dos Proprietários de Barbearias; Eduardo José de Carvalho, presidente do Sindicato dos Proprietários de Alfaiatarias; José Ribamar Lopes, presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio; Benedito Duarte, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Círiaco Costa, presidente do Sindicato dos Operários da Construção Civil; Luiz Marciliano de Sousa, presidente do Sindicato dos Pedreiros; Martinho Soares da Rocha, presidente do Sindicato dos Carpinteiros e Marceneiros; José Valentim Sousa, presidente do Sindicato dos Carregadores; Emídio Gomes da Silva, presidente do Sindicato dos Garçons; João Procópio da Silva, presidente do Sindicato dos Operários Panificadores; Messias Alves Feitosa, presidente do Sindicato dos Sapateiros; Antonio Pereira dos Santos, presidente do Sindicato dos





Foto 1 - Grande concentração trabalhista. Teresina. 1939

Fonte: GRANDE..., 1939a, p. 1.<sup>101</sup>

Outra data que fazia parte das programações festivas, amplamente divulgada pela imprensa escrita, era a comemoração pelo Dia do Trabalho, no 1º de maio. As páginas do Diário Oficial traziam convites, programações incluindo os discursos proferidos pelo presidente da República e pelo ministro do Trabalho. Além disso, representantes trabalhistas dissertavam sobre os benefícios que Vargas propiciou aos trabalhadores, a destacar: a sindicalização, o salário mínimo, a previdência social e a justiça do trabalho. Enfatizava-se, ainda, a importância de comemorar a data como forma de demonstrar a satisfação das classes laboriosas do Piauí a Vargas. Neste contexto, os comerciários participavam ativamente, a exemplo das comemorações pelo Dia do Trabalho:

Em comemoração à grande data de 1º de MAIO - dia consagrado aos Trabalhadores, a Diretoria do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, levará a efeito, em sua sede social (provisória) à rua Álvaro Mendes, às 19:30 horas uma sessão solene, para o qual estão sendo expedidos os respectivos convites. A Diretoria, por nosso intermédio, encarece o comparecimento de todos os associados e demais empregados no comércio, mesmo ainda não sindicalizados.<sup>102</sup>

Como se pode observar, a ideologia trabalhista foi incorporada por aqueles que formavam opinião. Percebe-se o poder mobilizador neste conjunto de solenidades na tentativa

Trabalhadores; Salustiano Pereira dos Santos, presidente do Sindicato dos Leiteiros (GRANDE concentração trabalhista. *Diário Oficial*, Teresina, a. IX, n. 172, p. 2, 31 jul. 1939b).

<sup>101</sup> GRANDE concentração trabalhista. *Diário Oficial*. Teresina, p. 1, 31 jul. 1939a.

<sup>102</sup> SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 59, p. 12, 29 abr. 1943a. p. 12.

de legitimizar o discurso oficial em relação ao trabalhador; afinal, as comemorações se constituíam ocasiões-chave para a comunicação entre Vargas e os trabalhadores.<sup>103</sup> Em Teresina, as comemorações seguiam esse mesmo ritual e os empregados do comércio também participavam intermediados por sua diretoria.

No ano de 1942, a entidade comerciária se organizou como uma associação profissional. Em maio daquele ano, o Diário Oficial noticiou que a Associação Profissional dos Empregados no Comércio de Teresina convocou os seus associados para uma assembleia geral com a finalidade de discutir e aprovar o projeto de novos estatutos elaborados de acordo com o modelo oficial editado pelo governo federal. Ainda, nessa assembleia, deliberou-se sobre o pedido de reconhecimento da associação profissional como sindicato da respectiva categoria (empregados do comércio), tendo por base alguns decretos-leis e as instruções das portarias ministeriais.<sup>104</sup>

No ano seguinte o Diário Oficial congratulou a categoria, informando o deferimento do pedido de reconhecimento como Sindicato dos Empregados do Comércio de Teresina pelo ministro do Trabalho Marcondes Filho, ocorrido na data de 13 de abril de 1943.

Do Presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, recebemos participação que muito agradecemos, de haver o exmo. Sr. Ministro Marcondes Filho, da pasta do Trabalho, deferido o pedido de reconhecimento daquela associação. Como sindicato, por despacho de 13 de abril transacto. Fazendo esse registro, enviamos ao S. E. C. T. os nossos melhores votos de prosperidade.<sup>105</sup>

Desse modo, o reconhecimento pelo Ministério do Trabalho deu aos empregados do comércio teresinense maiores possibilidades de pleitear os benefícios decorrentes da legislação trabalhista de Vargas, contribuindo para efeito de reivindicações, negociações e acordos; também para o recebimento de recursos provenientes de contribuições obrigatórias como o imposto sindical, por exemplo.

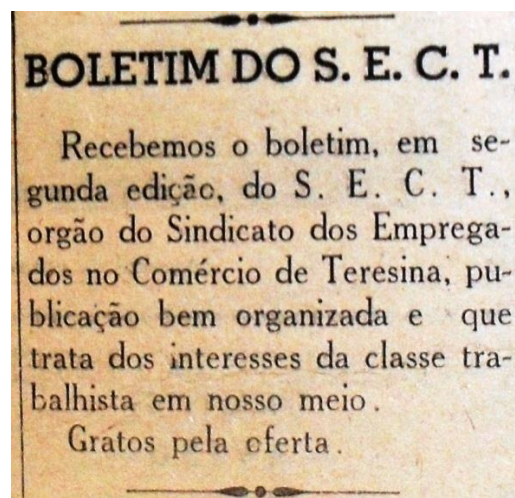
Em junho de 1943, de acordo com a imprensa escrita, passou a circular entre a categoria o Boletim do Sindicato dos Empregados no Comércio, que se tratava de um informativo sobre as condições de trabalho e salariais dos comerciários e que mantinha a

<sup>103</sup> Criou-se uma espécie de “tempo festivo”, com o objetivo de envolver a população em torno de comemorações que resumem a imagem do regime então vigente. Logo, cada uma dessas festas assumiu o mesmo ritual: o presidente em pessoa falava para a multidão e, acentuando o momento mítico, grandes desfiles e músicas construíram a grandiosidade do espetáculo (GOMES, 2005b, p. 216).

<sup>104</sup> ASSOCIAÇÃO profissional dos empregados no comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XII, n. 110, p. 8, 21 maio 1942.

<sup>105</sup> SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 64, p. 1, 10 maio 1943b. p. 1.

classe atualizada sobre as questões da vida sindical do País. É importante destacar que o jornal Diário Oficial, em suas publicações, divulgava o recebimento dos exemplares deste boletim (Foto 2),<sup>106</sup> afirmando que esta iniciativa do sindicato “apoiada pela Delegacia Regional do Trabalho, Indústria e Comércio comprova a elevação e harmonia de vista que orienta essa esforçada classe, composta, em sua grande maioria, de elementos que já se firmaram no seio das entidades laboriosas do Estado.”<sup>107</sup> O discurso apresentado sinaliza, mais uma vez, a boa relação entre os representantes sindicais dos empregados no comércio e o governo, que, através deste órgão noticioso, legitimava as ações do sindicato.



**Foto 2** - Boletim do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina. 1943

Fonte: BOLETIM DO S. E. C. T., 1943, p. 2.<sup>108</sup>

Uma conquista considerada significativa para a categoria, na década de 1940, foi o feriado concedido no dia do empregado do comércio. As solenidades de comemoração nesta data eram marcadas por programações festivas e palestras versando sobre as finalidades, direitos e vantagens da sindicalização, em face da legislação trabalhista vigente.

Como sempre vem sucedendo anualmente, os empregados no comércio têm hoje a feliz oportunidade de comemorar, em todos os quadrantes do nosso território, o 30 de Outubro. Classe antigamente destituída de prerrogativas e direitos que asseguram a estabilidade, em sentido amplo, de todo servidor da Nação, os comerciários, graças à sábia legislação social introduzida pelo nosso ínclito presidente Vargas, estão atualmente colocados em plano não menos superior. Data eminentemente consagrada aos que desenvolvem sua

<sup>106</sup> Embora o Diário Oficial fizesse, em suas páginas, a divulgação do recebimento do Boletim do S.E.C.T., não foi encontrado nenhum exemplar neste órgão informativo.

<sup>107</sup> BOLETIM do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 76, p. 8, 09 jun. 1943.

<sup>108</sup> BOLETIM DO S. E. C. T. *Diário Oficial*, Teresina, p. 2, 05 ago. 1943.

atividade exclusiva no comércio, é ela digna, por todos os títulos, da veneração e acatamento de todos os brasileiros. Como de praxe e para maior brilho das manifestações de regozijo pelo auspicioso evento, o comércio local permaneceu com as suas portas cerradas, hoje à tarde.<sup>109</sup>

Nesta citação, na qual o Diário Oficial congratula os comerciários, para além das conquistas obtidas pela classe, comprova-se a eficácia da propaganda em torno da política varguista, o respeito e os fartos elogios à classe comerciária, colocada numa posição generosa e de obediência, e que atribuía as conquistas adquiridas nas relações trabalhistas aos decretos do governante.

O contato com o presidente não se dava somente para reivindicação por melhores condições de trabalho e salariais, mas também como forma de apoio às questões de diplomacia que envolvia o País. Telegramas enviados ao presidente Vargas, escritos pelos representantes da entidade comerciária, a exemplo do abaixo, serviam para demonstrar apoio e para o estreitamento dos laços com os trabalhadores.

Presidente Getúlio Vargas - Rio - A Associação Profissional de Empregados no Comércio de Teresina representada pela sua diretoria e apoiando atitude digna nosso governo, declarando estado de beligerância contra Alemanha e Itália, em face dos brutais atentados que acabam de praticar contra nossa soberania, causando perdas de vidas de nossos irmãos, cumpre o dever de hipotecar irrestrita solidariedade Vossência pronta defender integridade nosso Brasil. aa) João Noleto, Paravecini Viana e Leucipo Veiga.<sup>110</sup>

No que se refere à representatividade das atividades comerciais, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários (I.A.P.C.) e a Academia Comercial Piauiense (ACP) eram órgãos que tratavam dos interesses relacionados aos seus associados, empregadores e empregados. No primeiro caso, tratava-se de uma organização de previdência que beneficiava os comerciários segurados com pagamentos de pensões (por óbito) e aposentadoria (por invalidez) e também resolvia problemas de habitação e assistência médica.

A imprensa escrita noticiava com frequência as atividades ligadas ao I.A.P.C. Em janeiro de 1942, o Diário Oficial divulgou a inauguração das novas instalações da Delegacia do Instituto dos Comerciários no Piauí. A solenidade contou com a presença de personalidades políticas, como o interventor Leônidas Melo, de representantes de importantes

<sup>109</sup> DIA do empregado no comércio. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIV, n. 133, p. 8, 30 out. 1944. p. 8.

<sup>110</sup> AS CLASSES trabalhistas do Piauí prestam sua irrestrita solidariedade ao presidente Getúlio Vargas, prontas para tudo sacrificar em defesa da pátria estremecida. *Diário Oficial*. Teresina, a. XII, n. 189-190, p. 3, 26 ago. 1942. p. 3.

firmas comerciais da cidade teresinense e do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina.<sup>111</sup> Ainda, sobre esta instituição de previdência social, era comum notícias sobre alterações de expediente, pagamento dos benefícios, o nome dos beneficiados, bem como o valor pago a eles.

O I.A.P.C. concedia os seguintes benefícios aos seus associados: aposentadoria em caso de lepra ou tuberculose aberta, devidamente comprovada por exame bacteriológico, com qualquer número de contribuições e com qualquer tempo de serviço; aposentadoria por invalidez ao associado com mais de cinco anos de serviço, com qualquer número de contribuições; aposentadoria por invalidez com qualquer tempo de serviço e mais de 18 contribuições; aposentadoria por velhice ao associado maior de 60 anos que tivesse pago no mínimo 60 contribuições; e, em caso de morte, uma pensão aos herdeiros dos associados, auxílio maternidade ao sexo feminino e assistência médica cirúrgica e hospitalar. Além disso, o instituto assegurava estabilidade ao empregado nas empresas, estabelecimentos ou associações (também empregava parte dos fundos na aquisição ou construção de casas para os seus associados).<sup>112</sup>

Em uma carta endereçada a Getúlio Vargas em 1944, publicada no Diário Oficial, o então presidente da entidade comerciária, Leucipo Veiga de Almeida, enumerou algumas reivindicações: aumento salarial, dilatação do período de férias, estabilidade no emprego após cinco anos de serviço, participação nos lucros da empresa, casa própria e o pagamento integral do salário ao associado durante o período de enfermidade.<sup>113</sup> Ademais, enfatizava a importância da sindicalização obrigatória pelos seus benefícios, ao reunir os trabalhadores para o fortalecimento da estrutura sindical.

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina também apresentou à ACP, órgão representativo dos empregadores que oferecia cursos de aperfeiçoamento aos comerciários,<sup>114</sup> um memorando pleiteando a adoção da Semana Inglesa<sup>115</sup> no comércio teresinense (Foto 3, a seguir). A justificativa era que traria mais benefícios não só ao

<sup>111</sup> INSTITUTO dos comerciários. *Diário Oficial*, Teresina, a. XII, n. 5, p. 1, 08 jan. 1942.

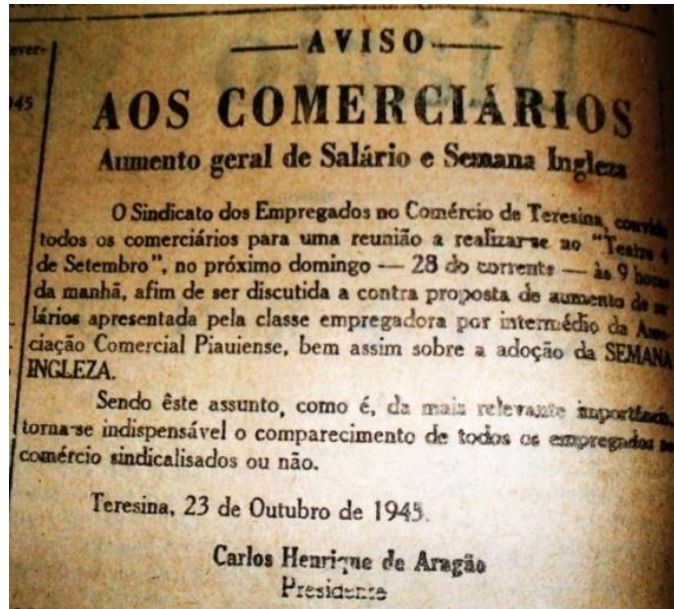
<sup>112</sup> INSTITUTO dos comerciários. *Diário Oficial*, Teresina, a. IX, n. 196, p. 10, 28 ago. 1939.

<sup>113</sup> APELO dos Comerciários de todo o Brasil a S. Excia. o Sr. Presidente da República. *Diário Oficial*. Teresina, 30 nov. 1944, ano XIV, n. 147, p. 13. É importante destacar que a categoria comerciária teresinense pediu atenção especial às duas últimas reivindicações, ao fazer uma crítica ao Instituto pelo seu descaso em resolver problemas de moradia e de pensão aos comerciários associados (APELO..., 1944).

<sup>114</sup> Nas páginas do Diário Oficial, órgão oficial do governo, a Academia Comercial Piauiense divulgava os cursos que oferecia; dentre eles, os de datilografia e de contador (ACADEMIA de comércio do Piauí. Teresina, a. XIII, n. 47, p. 10, 01 abr. 1943).

<sup>115</sup> A expressão Semana Inglesa era utilizada pelos empregados no comércio, assim como por outros movimentos sindicais, para identificar a proibição do trabalho nos sábados à tarde, domingos e feriados, a exemplo do que ocorria em vários países europeus.

empregado como também ao empregador, visto que teria mais disposição para trabalhar durante a semana, caso tivesse o descanso nos fins de semana.



**Foto 3** - Aviso aos comerciários. Teresina. 1945

Fonte: AOS COMERCÍARIOS, 1945, p. 2.<sup>116</sup>

A principal reivindicação da categoria foi o aumento de salário, considerado pelo comerciário desproporcional ao custo de vida. Em outra matéria publicada no Diário Oficial, em 1945, para justificar o pedido de aumento, expôs-se a tabela demonstrativa da alta de preços das principais utilidades, bem como a tabela de elevação dos salários.<sup>117</sup> Portanto, o descontentamento com os salários baixos foi o principal fator de mobilização da categoria comerciária de Teresina nos anos 1950, e repercutiu bastante nos jornais de circulação local.

Em março de 1952, o jornal *O Piauí* noticiou o aumento do salário a pedido do Sindicato dos Empregados no Comércio:

Como se vê, estão adiantadas as dermaches para o entendimento das justas pretensões dos comerciários desta capital, e poderemos admitir que a classe patronal concordou com uma boa parte da solicitação que lhe foi endereçada pelos empregados, sendo de esperar-se que tudo se harmonize sem deflagração de dissídio coletivo. [...].<sup>118</sup>

<sup>116</sup> AOS COMERCÍARIOS. *Diário Oficial*, Teresina, a. XV, n. 131, p. 2, 27 out. 1945.

<sup>117</sup> SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XV, n. 104, p. 5, 25 ago. 1945.

<sup>118</sup> AUMENTA o salário dos comerciários. *O Piauí*, Teresina, a. LXII, n.767, p.1, 13 mar. 1952.

Em contrapartida, o *Jornal do Comércio*, o qual atuou como órgão informativo das atividades ligadas ao movimento sindical como um todo, no mesmo ano (1952), fez uma crítica aos empregadores que não davam o aumento salarial aos seus empregados. Inclusive, chegando a criticar o sindicato da categoria comerciária e a pedir a sua colaboração no sentido de fiscalizar a classe empregadora:

Certos empregadores do comércio de Teresina, até o momento, não pagaram aos seus modestos empregados (que passam horríveis privações) o insignificante aumento de salário, desrespeitando sem qualquer punição, a Lei já publicada no “Diário Oficial”, em edição de (30) de março do corrente ano. E os empregados, como todos nós sabemos, não recebem os benefícios que a lei lhes concede visto como vem acontecendo em nosso país e de um modo especial em nossa Teresina, isto porque a fiscalização é ineficiente de um modo por demais escandaloso, não podendo o empregado fazer as suas justas reclamações, em virtude da inutilidade de uma parte (na maioria) dos fiscais do sindicato que não se prestam para tal administração, pois levam o tempo tomando “Chica Bôa” com limão em todos os botequins da cidade num verdadeiro bate-papo com os seus amigos proprietários e gerentes das principais firmas da cidade.<sup>119</sup>

Nesta matéria, a denúncia gira em torno da ineficiente fiscalização e corrupção existente na direção do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina e de outros sindicatos da capital do Piauí. Tais denúncias eram comuns neste órgão noticioso, que manteve discurso político e disseminava notícias sobre a vida sindical.

Além das discussões sobre as questões salariais, o sindicalismo comerciário colocou como fator de mobilização da classe o comparecimento às assembleias. No ano de 1958, somente no mês de julho, foram realizadas cerca de seis assembleias pelo sindicato convocadas pelo presidente Paravecini Viana de Sousa. As principais pautas discutidas pelos comerciários ajudaram a entender como a categoria se movimentava na época: leitura de relatório referente ao exercício do ano anterior, discussão e aprovação da proposta orçamentária para o ano de 1959, discussão para a aprovação do plano para a instituição de uma caixa de empréstimos ou fundação de cooperativa de crédito e efetuar operação imobiliária com o Instituto dos Comerciários destinada à aquisição da sede própria. Nesse mesmo ano (1958), ainda foi realizada uma eleição para novos cargos dentro da entidade.<sup>120</sup>

Em 1962, o sindicalismo foi tema recorrente nas páginas do jornal *O Dia*, o qual dedicou uma coluna especial para os sindicalistas piauienses, denominada Coluna Sindical

<sup>119</sup> OS EMPREGADORES e suas promessas. *Jornal do Comércio*, Teresina, a. 5, n. 956, p. 5, 20 jun. 1952. p. 5.

<sup>120</sup> SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Jornal do Comércio*, Teresina, a. 11, n. 1.402, p. 5-6, 27 jul. 1958.



(Foto 4), que trazia vários informativos sobre a legislação trabalhista, notícias dos sindicatos teresinenses e piauienses, suas reivindicações e conquistas, decisões das assembleias gerais, avisos e convocações para reuniões de candidatos indicados pelos líderes sindicais. Nessa coluna, frequentemente, publicava-se notícias sobre o Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina - isso porque o seu redator era o então presidente da entidade, Deusdedit Sousa.



Foto 4 - Coluna Sindical, jornal O Dia, Teresina, 1962

Fonte: SOUSA, 1962b, p. 3.<sup>121</sup>

Em uma nota de agradecimento, em 1º de julho de 1962, a Coluna Sindical noticiou que a Câmara Municipal de Teresina aprovou o projeto de lei concedendo isenção de impostos e taxas relativas à transmissão de terreno adquirido pelo S.E.C.T. para construir sua sede própria, uma das maiores aspirações da entidade:<sup>122</sup>

O Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina acaba de adquirir um terreno de 9 x 14 metros na travessura David Caldas, na zona central da cidade, para edificar sua sede social. Os serviços de construção devem começar ainda este ano, mas para isso o Sindicato, emitiu o bônus, com os quais vendidos a comerciantes, comerciantes e amigos outros, pretende deixar senão concluídos pelo menos em vias de conclusão a sede própria— que será um edifício de dois pavimentos.<sup>123</sup>

<sup>121</sup> SOUSA, Deusdedit. *O Dia*, Teresina, a. XII, n. 995, 01 jul. 1962a. Coluna Sindical, p. 3.

<sup>122</sup> SOUSA, Deusdedit. *O Dia*, Teresina, a. XII, n. 995, 12 ago. 1962c. Coluna Sindical, p. 2.

<sup>123</sup> Id., *Ibid.*, p. 2.



Com o objetivo de ajudar o sindicato a construir a sede própria, foi emitido e distribuído entre os comerciários os chamados bônus pró-aquisição da sede própria, os quais eram encontrados nos principais estabelecimentos comerciais da capital, como a Casa Inglesa e a Casa Marc Jacob. Ainda, nesta Coluna foi divulgada que uma única chapa foi registrada na secretaria do sindicato para concorrer à eleição no ano de 1962, encabeçada pelo Sr. José Mario Silva de Carvalho.<sup>124</sup>

Naquela época, nos jornais de circulação local, criticava-se o sindicalismo teresinense como um todo, destacando-se a importância de uma maior articulação entre os dirigentes dos sindicatos e de sua comunicação com a categoria, através da imprensa escrita e falada, a fim de possibilitar melhorias para esta:

O sindicalismo em nosso meio ainda se arrasta a passos de jaboti. O desinteresse por parte dos trabalhadores teresinenses é de tal monta que causa dó aqueles que, possuídos de idéias trabalhistas, procuram carregar sobre os seus ombros tão árduo fardo. Os sindicatos aqui existentes, se ainda vivem é porque à frente deles há, como dissemos, uma meia dúzia de associados arraigados ao ideal de união de classe, sabedores estes de que nenhuma classe poderá reivindicar direitos sem se encontrar unida através de seus órgãos competentes. [...]. Necessário, se torna para um rápido soerguimento da massa obreira, divulgação ampla do que é um Sindicato de classe e quais os frutos que este, bem orientado, produzirá para os seus filiados no que concerne a melhores vitórias, para os que, trabalhando oito horas por dia, não ganham o suficiente para as suas manutenções diárias, ficando no reinado da miséria.<sup>125</sup>

A partir do exposto acima, pode-se depreender que a imprensa estava atenta ao movimento de fortalecimento do movimento sindical, que fora silenciado durante o período da ditadura militar.

Em janeiro de 1964, o pedido de aumento salarial pelos comerciários gerou dissídio coletivo. O jornal Folha da Manhã publicou a ata de audiência de instrução e conciliação no dissídio coletivo suscitado pelo sindicato contra a classe patronal. Na ocasião, o presidente da entidade, José Mário Silva de Carvalho, apresentou algumas condições para o acordo. Dentre as propostas da classe patronal aceitas pela categoria, destacou-se que as obrigações atingiriam aos empregados das categorias profissionais do grupo dos empregados do

---

<sup>124</sup> SOUSA, 1962c.

<sup>125</sup> SINDICALISMO. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. XI, n. 999, p. 6, 18 fev. 1962. p. 6.

comércio, e que o aumento deveria atingir a todos os empregados do comércio e não apenas os sindicalizados.<sup>126</sup>

É importante destacar que, durante os governos da ditadura militar, praticamente não houve alterações no cargo da presidência do S.E.C.T., pois somente dois dirigentes estiveram à frente da entidade. O primeiro foi José Mário Silva de Carvalho, que dirigiu o sindicato entre os anos de 1964 e 1968. Entretanto, a principal figura no sindicato no período de repressão foi, sem dúvidas, José Noronha Teixeira que assumiu a direção em 1969 e permaneceu no cargo até o ano de 1984, através de sucessivas reeleições. Os comerciários consideram que: “de Abril/1964 a Março/1985, a nossa entidade era administrada por sucessivas diretorias pelegas que ficaram por quase 30 anos na direção da entidade, e que nada faziam pela nossa classe, ou seja, nossa entidade era meramente cartorial.”<sup>127</sup>

José Noronha Teixeira cultivou uma boa relação com os governos piauienses representantes da ditadura militar. Esse fato pôde ser comprovado quando o Restaurante dos Comerciários estava prestes a ser inaugurado, em outubro de 1983: em uma mensagem publicada no jornal O Dia, Noronha fez elogios e agradeceu aos governantes piauienses:

Queremos agradecer, e fazer lembrar o empenho que nos deu o ex-governador Dirceu Mendes Arcoverde. Destacamos e agradecemos, ainda, o empenho do ex-governador Lucídio Portela Nunes, sem sua ajuda não seria possível a construção do nosso restaurante. [...] Finalmente, agradeço o apoio que recebemos também do governador Hugo Napoleão, que dentro dos princípios dos novos tempos, favorecendo os comerciários.<sup>128</sup>

Com a mensagem acima, o presidente da entidade tinha como objetivo não só mostrar o seu apoio explícito a esses governantes, mas também se promover entre os comerciários como o articulador da construção de um espaço que beneficiaria à classe, já que, na época, ele concorria às eleições para a renovação do cargo da diretoria do sindicato. Para a maioria, foi um período em que nada melhorou para a classe - uma das maiores, com mais de 30.000 comerciários em todo o estado, mas somente 6.000 sócios.<sup>129</sup>

No ano de 1983, quando se formou um grupo de oposição à diretoria vigente por iniciativa de alguns associados com experiência de militância, deu-se início a uma nova etapa na trajetória da organização dos comerciários de Teresina. No ano seguinte, o grupo de

<sup>126</sup> SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Folha da Manhã*, Teresina, a. 1.690, p. 7, 11 jan. 1964.

<sup>127</sup> PARABÉNS, Sindicato. *Balcão*, Teresina, n. 63, p. 3, 24 abr. 1996.

<sup>128</sup> COMERCÍARIOS terão logo seu restaurante. *O Dia*, Teresina, a. XXXII, n. 5.555, p. 9, 12/13 out. 1983. p. 9.

<sup>129</sup> RODRIGUES, Maria do Rosário; NOGUEIRA, Fernando Aires. Aspectos do movimento sindical em Teresina. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 13, n. 1, p. 111-123, jan./jun. 1988.

oposição encabeçada por Evaldo Cunha Ciríaco, conseguiu articular a primeira chapa para concorrer às eleições, contrapondo-se à chapa de diretoria que, por cinco gestões consecutivas, controlava a entidade.

### 3 O NOVO SINDICALISMO À FRENTE DO SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA

#### 3.1 O sindicalismo comerciário teresinense nos cenários brasileiro e piauiense

A década de 1980, caracterizada pela abertura política, transição democrática e por uma conjuntura econômica de elevada inflação, pode ser considerada um período de ressurgimento e mobilização do movimento dos trabalhadores. Nesse período, o sindicalismo nacional acumulou vitórias organizativas importantes, reocupando o espaço político que havia sido ocupado pelos governos militares.<sup>130</sup>

Assim, após um período de repressão e de enfraquecimento das organizações populares, o sindicalismo brasileiro, em conjunto com outros movimentos sociais, voltou à cena cobrando espaço para a representação dos interesses da classe trabalhadora. Diante desse processo, destacou-se o “novo sindicalismo”, cujo modelo de estrutura sindical apresentou como proposta a ruptura com o modelo corporativista, tendo por base a autonomia sindical diante dos partidos e do Estado, uma organização voltada à base, a negociação coletiva livre e direta entre empregados e empregadores e o direito irrestrito a greve.<sup>131</sup>

Neste período, ocorreu a formação das centrais sindicais: a CUT e a Central Geral dos Trabalhadores (CGT).<sup>132</sup> Por sua capacidade de mobilização, o sindicalismo cutista serviu de canal e estímulo para as inúmeras manifestações e greves que marcaram essa época.<sup>133</sup> A partir deste momento, começaram a se articular as chamadas oposições sindicais, que reunia militantes sindicais que estavam em oposição às diretorias consideradas pelegas. Quanto à sua composição, era relativamente heterogênea, sendo a maioria ligada à igreja católica e a partidos políticos de esquerda.

<sup>130</sup> SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980/1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b. p. 283-313.

<sup>131</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Crise econômica e interesses organizados: o sindicalismo no Brasil dos anos 80*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>132</sup> Esta central sindical reunia um conjunto muito heterogêneo de tendências, dificultando sua atuação para reunir sindicatos e atrair militantes. No centro dessas cisões, encontrava-se uma forte disputa interna que deu origem a CGT, em 1988, e à Força Sindical, em 1991. Assim, em lugar da valorização das grandes mobilizações e movimentos grevistas de caráter nacional, o chamado sindicalismo de resultados se pretendia mais pragmático do que ideológico; priorizava as mobilizações de categorias e os acordos isolados com as empresas, colocando em primeiro lugar a negociação e depois a greve (RODRIGUES, Leôncio Martins. As tendências políticas na formação das centrais sindicais. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 12-42).

<sup>133</sup> Sobre o intenso movimento grevista no período, ver NORONHA, Eduardo. A explosão das greves na década de 80. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 123-138.

É importante mencionar que o movimento sindical intensificou o seu processo organizativo e de participação não só na arena da relação capital/trabalho, mas também no cenário político, com a legalização e crescimento de antigos e novos partidos, com destaque para a criação do Partido dos Trabalhadores (PT). No âmbito econômico, os sindicatos foram personagens importantes desse período em que a reconstrução democrática conviveu com a crise econômica, que, à medida que se foi agravando, adotaram estratégias de confrontação, caracterizada pela oposição sistemática às políticas governamentais, pela ênfase na mobilização de massas e pela ação grevista.<sup>134</sup>

Cabe assinalar que o movimento sindical brasileiro viveu realidades distintas, quando comparadas suas atuações nos anos de 1980 e 1990, haja vista ter sido um momento de muitas transformações sociais, políticas e econômicas. Segundo Marco Aurélio Santana,

A década de 1980, caracterizada pela abertura política (onde o regime militar implantado no país em 1964 ia dando seus últimos suspiros) e pela transição do regime democrático, pode ser considerada um período de ressurgimento, mobilização e ascensão do movimento dos trabalhadores, reintroduzindo este importante ator na cena política nacional. Já a década de 1990, marcadas pelas mudanças econômicas que abriram a economia brasileira e intensificaram o que se convencionou chamar de reestruturação produtiva, caracteriza-se para o movimento dos trabalhadores como de arrefecimento em termos mobilizatórios e reorientação de práticas e estratégias.<sup>135</sup>

Como se vê, embora o autor caracterize as duas décadas como de movimentos diferenciados, ele frisa que, apesar das condições adversas que tiveram de enfrentar, os trabalhadores sempre estiveram em movimento, contribuindo muito a importância do movimento sindical como estimulador neste quadro de intensas movimentações.

Santana<sup>136</sup> observa ainda que, no campo sindical, os primeiros anos da década de 1990 teriam como característica uma forte mobilização dos trabalhadores, o que fazia crer que o acúmulo de forças ocorrido nos anos anteriores se intensificaria, garantindo aos trabalhadores

---

<sup>134</sup> Esse ponto é destacado por Maria Hermínia Tavares de Almeida que, ao fazer um estudo sobre o sindicalismo brasileiro nos anos 1980, discorre sobre as respostas sindicais frente às políticas econômicas de estabilização de preços, bem como sobre as iniciativas de reforma da estrutura sindical corporativista, argumentando que nenhum destes dois objetivos foi atingido. Deste modo, o foco de estudo da autora incidiu sobre as lideranças e suas estratégias em relação ao governo, aos empregadores e aos competidores do mundo sindical (ALMEIDA, 1996).

<sup>135</sup> SANTANA, Marco Aurélio. O mundo do trabalho em mutação: memórias, identidades e ações coletivas. In: MARQUES, Antonio José; STAMPA, Inez Teresinha (Org.). *O mundo dos trabalhadores e seus arquivos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2010a. p. 44.

<sup>136</sup> Id., Ibid.

um dique contra o avanço de medidas contrárias a eles. Nesse sentido, surgiu uma nova central sindical denominada Força Sindical.<sup>137</sup>

No Piauí, a partir dos anos 1980, houve um aumento significativo do número de organizações de diferentes segmentos sociais, influenciados pelo movimento de rearticulação da sociedade civil em todo o País. De acordo com Antonio José Medeiros,<sup>138</sup> inicialmente houve a ação de padres italianos que incentivaram a organização de diversas pastorais populares e de comunidades eclesiais de base na periferia teresinense. A partir daí, outras categorias como associações de moradores, entidades estudantis, núcleo dos partidos de esquerda e sindicatos se organizaram num clima de mobilização.

Neste contexto, os movimentos sociais ganharam visibilidade no cenário urbano, conferindo um novo ritmo ao processo organizativo em Teresina. Nesse período, aconteceram as primeiras manifestações articuladas em torno dos problemas sociais comuns: transporte, educação, saúde e moradia. Quanto ao movimento sindical urbano, este precisou praticamente se refazer, visto que foi o movimento mais neutralizado durante o período autoritário.<sup>139</sup>

Assim, identificados com a concepção de estrutura sindical “novo sindicalismo”, a organização dos trabalhadores urbanos no Piauí buscou a rearticulação com essa nova prática sindical para efeito de renovação de suas entidades. Diante dessa perspectiva de se fazer um novo tipo de sindicalismo que se propunha desatrelado do Estado e na busca do rompimento com as gestões sindicais tradicionais, surgiu na capital do estado as primeiras iniciativas de oposição sindical.

No cenário sindical piauiense, ganharam expressão os comerciários de Teresina, que no início dos anos 1980 se articularam com o objetivo de romper com uma prática sindical passiva, marcada por lideranças consideradas pelegas que estiveram à frente do sindicato por quase 30 anos.

### **3.2 A oposição sindical comerciária e o dinâmico processo eleitoral (1984)**

No ano de 1982, um grupo formado por trabalhadores empregados no comércio teresinense, alguns ligados a associações de bairro e pastorais da igreja católica, passou a

---

<sup>137</sup> A Força Sindical, criada em 1991, representou uma ofensiva dos setores à direita da CUT. Essa central sindical aderiu ao neoliberalismo ao apoiar ativamente a implantação de algumas práticas neoliberais, assim como difundiu aspectos desta ideologia para suas bases. Para maiores detalhes acerca da origem, raízes sociais e a atuação da Força Sindical diante das políticas neoliberais nos anos 1990 (TRÓPIA, Vieira Patrícia. *Força sindical: política e ideologia no sindicalismo brasileiro*. São Paulo: Expressão Popular, 2009).

<sup>138</sup> MEDEIROS, 1996.

<sup>139</sup> Id., Ibid.

contestar as péssimas condições de trabalho a que os trabalhadores eram submetidos. Eles começaram a se organizar com o objetivo inicial de retomar o controle da direção do sindicato pela categoria e, no ano seguinte, articularam a formação de uma chapa de oposição para concorrer às eleições.

Segundo o relato do entrevistado Abdon Moura,<sup>140</sup> o movimento organizado pelos comerciários da oposição começou pequeno. Eles se reuniam em grupos de discussão nas suas próprias residências, praças, botecos e ruas do centro da cidade para discutir os problemas vivenciados pela categoria.<sup>141</sup> A inércia da direção do sindicato e a insatisfação com as constantes irregularidades trabalhistas pelo patronato, sobretudo as extensas jornadas de trabalho, foram a princípio a motivação dos comerciários neste esforço de renovação da entidade. Conforme depoimento de Evaldo Ciríaco

[...] na realidade a formação foi por acaso. A gente no período de folga, na praça Rio Branco, antes de adentrar no segundo expediente, começava a conversar sobre aquele sistema de exploração. E em 1983, nós formamos um grupo de oposição... eram 7 ou 8 e vivíamos na clandestinidade, não podíamos aparecer senão éramos automaticamente demitidos. [...] Esse grupo se formou na realidade com um ideal, combater a exploração por que na realidade era descabida, o trabalhador não tinha direito a hora extra, o nosso salário era o menor de todos os outros Estados... era um ideário mesmo. A nossa campanha era ideológica do ponto de vista da sobrevivência do contraponto à exploração que era dada á classe.<sup>142</sup>

Contudo, o objetivo não era somente tomar posse da diretoria do sindicato, mas tornar o sindicato realmente representativo dos interesses gerais da categoria. Os comerciários da oposição traziam uma proposta inovadora para o movimento sindical piauiense, haja vista que almejavam renovar outras diretorias sindicais que se encontravam na mesma situação, como as dos motoristas, bancários e professores, bem como fundar outros sindicatos no Piauí.

Ao descrever como se deu o registro da chapa de oposição, Evaldo Ciríaco relatou as dificuldades que o grupo enfrentou para concorrer com a direção vigente:

Em 1983, quando apresentamos a chapa, nós fomos expulsos do sindicato, pois o presidente na época, José Noronha Teixeira, não aceitou a nossa

<sup>140</sup> Alguns nomes que compuseram a chapa de oposição comerciária foram Evaldo Ciríaco, Abdon Moura, Antonio Gonçalves, Raimundo Nonato, Caetano Brito, Luís José, Ilmar Sousa e Ribamar. Eles buscaram fazer um trabalho de base nas lojas onde trabalhavam: Esplanada, Pernambucanas, Pintos Magazine e Riachuelo (MOURA, Abdon Martins de. *Abdon Martins de Moura*: depoimento. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014).

<sup>141</sup> Id. Ibid.

<sup>142</sup> CIRIACO, Evaldo Cunha. *Evaldo Cunha Ciríaco*: depoimento. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

inscrição... ele foi a cada um dos patrões e exigiu que todos fossem demitidos para que não pudéssemos registrar a chapa. O meu patrão, José Sady, me chamou e ele era presidente do sindicato patronal, não me ameaçou, mas pediu que eu fizesse uma escolha entre o emprego ou continuar na chapa de oposição... porque era muito perigoso, era coisa de subversivo, essa era a ideia que ele tinha na época... e, dois dias depois, eu não tinha muito tempo pra pensar, eu voltei com a carteira de trabalho no bolso e entreguei. Ele foi muito decente e não me demitiu... por incrível que pareça, embora fosse presidente do sindicato patronal, ele não me demitiu. Mas, alguns companheiros sofreram pressão e saíram da chapa para não perder o emprego.<sup>143</sup>

Ainda, de acordo com os depoimentos, outros fatores que dificultavam o registro da chapa, além das constantes ameaças de demissão, eram o período curto de inscrição, as perseguições e os impedimentos de fazer o trabalho de base nas lojas, pois os integrantes da chapa de oposição somente podiam se mostrar nas vésperas das eleições.

No ano de 1984, as eleições para a renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários movimentaram a cidade teresinense e tiveram grande repercussão na imprensa local. Afinal, tratava-se de um dos maiores sindicatos do Estado e com grande influência sobre outros sindicatos. Ademais, era a possibilidade de acabar com um longo período de peleguismo que dominou a categoria comerciária por muitos anos.

Desta forma, duas chapas concorreram ao pleito: a Chapa 1, dirigida por José Noronha Teixeira e apoiada por membros da diretoria do sindicato, e a Chapa 2, formada pelo grupo de oposição representada pelo comerciário Evaldo Cunha Ciríaco. Este último (Foto 5, na página posterior) contou com o apoio da assessoria sindical do Centro Piauiense de Ação Cultural (Cepac),<sup>144</sup> o qual contribuiu para o direcionamento das ações do grupo de oposição, com vistas à conquista da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina.

---

<sup>143</sup> CIRIACO, 2014.

<sup>144</sup> O Cepac, formado pela reunião de militantes de movimentos sociais, contou com o apoio político e financeiro de organizações não governamentais de cooperação internacional e manteve um serviço de documentação, comunicação, assessoria jurídica, equipes de formação e assessoria nas áreas de sindicalismo rural, sindicalismo urbano e movimentos de periferia urbana (MEDEIROS, 1996).





**Foto 5** - Evaldo Cunha Ciríaco, candidato da Chapa 2. Teresina. 1984

Fonte: CIRÍACO..., 1984, p. 5.<sup>145</sup>

Através dessa assessoria, desenvolveu-se um trabalho de orientação da base e de sua aproximação com a categoria comerciária nos locais de trabalhos, através do uso de megafone, panfletos e boletins informativos. Além disso, o Cepac promoveu cursos de formação política e sindical, nos quais as discussões giravam em torno do sindicalismo brasileiro, da estrutura sindical, das eleições sindicais e da política nacional. Foram promovidos, ainda, cursos de administração e liderança sindical, cujo objetivo era capacitar os dirigentes da entidade para o entendimento da nova dimensão que os sindicalistas vinham atingindo, bem como atualizá-los quanto aos conhecimentos específicos da área sindical.<sup>146</sup>

Vale ressaltar que a imprensa local ficou atenta às discussões sobre as eleições, aos conflitos entre os dois lados e ao resultado, tendo em vista o processo sucessório da direção do sindicato. No jornal *O Dia*, constatou-se na pesquisa que o tom das publicações mudava no decorrer do processo eleitoral, haja vista que eram publicadas matérias elogiando uma das chapas e, nos dias seguintes, criticando o mesmo grupo.

O espaço conquistado em alguns setores da mídia, que passou a noticiar todos os acontecimentos dessa mobilização, foi imprescindível neste cenário de retomada do Sindicato dos Comerciários de Teresina. A despeito disso, Ciríaco enfatizou:

Nós tivemos um apoio muito forte e um espaço que poucos deram na época no *Diário do Povo*, não lembro se o nome já era *Diário do Povo*... e um dos jornalistas importantes foi Arimatea Azevedo e Zózimo Tavares. E, na TV, nós tínhamos a TV Timon, através do Toni Trindade e do Paulo Guimarães

<sup>145</sup> CIRÍACO: comerciário quer classe convocada. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.686, p. 5, 24 mar. 1984.

<sup>146</sup> SILVA, Maria do Rosário de Fátima e. *Comerciários e bancários: experiências coletivas no novo sindicalismo*. 2000. 300 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

que abriram espaço. Eles foram importantes no momento que nos deram espaço para difundir nossas ideias e, também, do ponto de vista da divulgação mais ou menos isenta... enquanto os outros divulgavam um viés negativo do movimento sindical, como um movimento de baderna, comunista e bagunceiro, eles davam um viés mais jornalista. Quanto ao restante, nós éramos proibidos de nos manifestarmos, nos outros meios de comunicação.<sup>147</sup>

Com o propósito de realizar uma campanha de conscientização junto aos empregados no comércio, o grupo de oposição comprometia-se com um novo tipo de gestão voltado para os interesses da classe, de representação e de fiscalização das atividades desenvolvidas dentro do sindicato. Eles acusavam o então presidente, José Noronha Teixeira, de não convocar a classe para debater seus problemas e de fazer assembleias e acordos à revelia desta classe.<sup>148</sup>

José Noronha Teixeira, por seu turno, durante a campanha eleitoral, procurava reafirmar a todo instante o trabalho desempenhado no período em que esteve à frente do sindicato. Segundo ele, na época, “ao assumir a direção, em 1969, não tinha sequer máquina de escrever, quando hoje tem um patrimônio avaliado em Cr\$ 60 milhões. Além disso, o sindicato é uma entidade administrativamente equilibrada.”<sup>149</sup> E numa clara alusão ao candidato de oposição, fazia alertas às autoridades do governo para que tivesse cuidado com o envolvimento cada vez crescente de partidos políticos de oposição e de movimentos de esquerda nos sindicatos, pois temia que a articulação da luta sindical com o aval das entidades de esquerda levasse o País a um novo 1964.<sup>150</sup>

Como se vê, naquele momento tornou-se conveniente ao candidato à reeleição da direção do sindicato o uso do discurso de uma suposta manobra da chapa de oposição com interesses político-partidários colocando-se acima dos interesses da categoria comerciária. A oposição, por sua vez, continuava a fazer críticas incisivas contra a ação descomprometida do seu adversário com os interesses da categoria. Embora não houvesse declarações explícitas da chapa de oposição nos jornais afirmando-se como integrantes de partidos políticos de esquerda ou partidários da CUT, sabe-se que posteriormente alguns participantes e apoiadores desta chapa se destacaram no cenário político piauiense.

Em abril de 1984, em um informativo distribuído à imprensa local, a chapa de oposição do Sindicato dos Comerciários desafiou o presidente da entidade para um debate com a participação da categoria. No informativo, os integrantes da chapa formularam

---

<sup>147</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>148</sup> Id., Ibid.

<sup>149</sup> OPOSIÇÃO quer vencer eleição em sindicato. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.686, p. 5, 24 mar. 1984a.

<sup>150</sup> CIRÍACO..., 1984.

inúmeras denúncias contra a direção do sindicato afirmando, por exemplo, que o presidente usou o cargo da direção para aumentar o tempo de serviço e conseguir aposentadoria. Ademais, levantou-se suspeita sobre o destino dos recursos que a entidade comerciária recebia de órgãos oficiais, indagando quais tipos de benefícios a aplicação dos valores recebidos resultou para a classe.<sup>151</sup>

Na plataforma de lutas da Chapa 2, divulgada no jornal *O Dia*,<sup>152</sup> Ciríaco propôs questões como “colocar o sindicato a serviço da classe” e “lutar pela garantia de emprego”. Havia também tópicos como “fazer uma vasta campanha pela sindicalização”. No plano sindical, as propostas para a categoria comerciária eram de um salário mais justo, pagamento das horas extras, segurança para a empregada no comércio, fiscalizar as demissões e folga no Dia do Comerciário.

“Somos mais de vinte mil pessoas e apenas uns seis mil estão filiados e desses apenas uma minoria está quites e sequer participa. E nem mesmo assembleias gerais são convocadas por Noronha.”<sup>153</sup> Com essa afirmação, Evaldo Ciríaco<sup>154</sup> enfatizava que a formação de sua chapa visava garantir a participação da categoria nas decisões tomadas pela direção do sindicato. Outra acusação era em relação ao assistencialismo sindical praticado pelo candidato da situação (Foto 6), de que os benefícios de assistência médica, odontológica e jurídica não eram estendidos para toda a categoria, mas usufruídos somente por uma minoria privilegiada.



**Foto 6** - José Noronha Teixeira, candidato da Chapa 1. Teresina. 1984

Fonte: ELEIÇÕES..., 1984, p. 5.<sup>155</sup>

<sup>151</sup> OPOSIÇÃO quer debate público em sindicato. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.701, p. 5, 11 abr. 1984b.

<sup>152</sup> OPOSIÇÃO..., 1984a, p. 5.

<sup>153</sup> COMERCÍARIOS marcam debate para esta noite. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.723, p. 6, 11 maio 1984a.

<sup>154</sup> Id., Ibid.

<sup>155</sup> ELEIÇÕES: Noronha mostra o que fez e alerta os comerciários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.721, p. 5, 09 maio, 1984.

José Noronha Teixeira,<sup>156</sup> ao rebater as críticas feitas pelo candidato de oposição, destacava o tempo que fazia política sindical e que, ao assumir a presidência da entidade em 1969, o sindicato estava abandonado e contava com apenas 69 sócios, enquanto que em 1984 já contava com mais de seis mil. “Não tinha, sequer, uma sede. Hoje conta com um prédio moderno, construído com recursos próprios”, afirmava. Ele se referia à oposição como “falsos profetas de última hora” e “elementos estranhos à classe.”

À medida que se aproximava o pleito eleitoral, o grau de conflitos atingiu um acirramento tal que acarretou em mais denúncias e acusações mútuas entre os dois candidatos. Em notícia publicada no jornal *O Dia*,<sup>157</sup> no dia 26 de maio de 1984, foi divulgado que, em assembleia, o dirigente do sindicato fez a prestação de contas referente ao ano de 1983 e que os balancetes haviam sido aprovados com unanimidade.

José Noronha Teixeira, o presidente e candidato à reeleição, segundo levantamento feito por repórteres de *O Dia*, em diversos estabelecimentos comerciais de Teresina, conta com a simpatia da grande maioria da classe, devendo ser reconduzido à presidência da entidade para um novo mandato de três anos. Segundo a maioria dos comerciários entrevistados, o sindicato passou a existir depois da administração de Teixeira. Alguns citam, inclusive, ser o Sindicato dos Comerciários um dos únicos do Piauí a possuir sede própria, graças ao trabalho desenvolvido pela atual diretoria. Além disso, há uma efetiva prestação de serviços aos associados.<sup>158</sup>

É importante destacar que a chapa de oposição contou com a aprovação de alguns membros do parlamento piauiense. Os deputados Paulo dos Santos Rocha e Tomaz Teixeira, ambos do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tornaram público o seu apoio a Evaldo Ciríaco para a renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina. O primeiro considerava oportuno o momento da mudança, alegando que Noronha dirigia a entidade havia muito tempo e que procurava debater os problemas da classe somente depois de ouvir a classe patronal.

Por seu turno, o deputado Tomaz Teixeira<sup>159</sup> acusou o presidente de ser comprometido com o governo e patrões e de receber o apoio da Delegacia Regional do Trabalho (DRT). Ele manifestou sua insatisfação com José Noronha Teixeira, ao lembrar uma campanha feita por este contra um projeto de lei de sua autoria, propondo a ampliação do horário do comércio.

<sup>156</sup> ELEIÇÕES..., 1984, p. 5.

<sup>157</sup> TEIXEIRA..., 1984.

<sup>158</sup> Id., Ibid., p. 6.

<sup>159</sup> Conforme o relato de Evaldo Ciríaco (2014), o deputado Tomaz Teixeira foi importante também pelo fato de ser um dos poucos jornalistas que tinha voz em Teresina; então, ele disponibilizou espaço no rádio ao grupo de oposição.

Tomaz Teixeira alegava que havia sido mal interpretado, pois a proposta tinha como objetivo principal possibilitar mais empregos e não que os empregados trabalhassem mais e ganhassem menos.<sup>160</sup>

Nas eleições realizadas no dia 28 de maio de 1984, a chapa encabeçada por José Noronha Teixeira saiu vitoriosa com 442 votos contra 394 votos dados a Evaldo Ciríaco.<sup>161</sup> Dessa forma, Ciríaco decidiu entrar com um recurso na DRT a fim de que fossem realizadas novas eleições, alegando que a chapa vencedora não havia conseguido a maioria absoluta determinada pelo estatuto da entidade.

Na época, as eleições sindicais eram controladas pela Delegacia Regional do Trabalho e, no Piauí, o delegado regional chamava-se Pedro Lemos, que era mão de ferro, controlava o sindicato urbano e rural como se dele fosse, né? E o Ministério do Trabalho e a Delegacia Regional eram quem promovia as eleições, indicava os mesários, proclamava os eleitos... na nossa época, o delegado não proclamou a gente eleito porque não queria que o Noronha fosse destronado... porque os comerciários eram referência do sindicalismo urbano e rural no Piauí, por ser a maior categoria profissional. Então, viemos a receber o Sindicato dos Comerciários somente um ano após as eleições.<sup>162</sup>

O deputado Tomaz Teixeira<sup>163</sup> voltou a tecer várias críticas às eleições do sindicato que deu vitória à Chapa 1, afirmando que o processo foi marcado por fraudes e abuso de poder. O parlamentar também criticou a DRT, que havia legitimado o pleito.

O deputado disse que mesmo sendo uma eleição sindical, o pleito foi coberto pelos mesmos vícios de outras eleições no Piauí, onde a pressão tomou conta dos associados, chegando ao ponto de uma grande loja da cidade realizar o pleito às portas fechadas, com uma urna colocada à disposição dos empregados e com a ameaça dos diretores de demitir em massa, caso os empregados não votassem em José Noronha. Disse o parlamentar que a eleição teve o seu resultado contestado na justiça porque existiam 1.144 sócios quites e com direito a voto, tendo comparecido ao pleito apenas 879.<sup>164</sup>

Diante da posição da DRT local, a oposição movimentou-se contra o resultado das eleições e recorreu à instância federal. Com efeito, a justiça decretou a nulidade da votação e enviou o processo para o Tribunal Federal de Recursos para julgamento, autorizando novas

<sup>160</sup> COMERCÍARIOS têm apoio de deputados em nova eleição *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.726, p. 3, 15 maio 1984b.

<sup>161</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>162</sup> Id., Ibid.

<sup>163</sup> ANULADA eleição sindical. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.841, p. 3, 03 out. 1984.

<sup>164</sup> Id., Ibid., p. 3.

eleições. Em uma nota intitulada “Comerciários elegerão nova diretoria”,<sup>165</sup> O Dia noticiou que o candidato Evaldo Ciríaco esteve na redação do jornal para falar sobre a anulação das eleições no sindicato e que conseguiu marcar outra para o dia 18 de outubro de 1984. Na ocasião, o candidato mostrou-se otimista e aproveitou para pedir votos e criticar o adversário.

De acordo com Evaldo Ciríaco, a chapa de oposição saiu vitoriosa no segundo pleito por uma diferença de sete votos.<sup>166</sup> Todavia, embora eleita, terminou por não tomar posse da diretoria do sindicato. Isso porque José Noronha Teixeira entrou com um recurso e o Tribunal Federal de Recursos concedeu liminar suspendendo a ação da segunda eleição. A liminar impedia, assim, a posse da chapa de oposição, já que o resultado da primeira eleição voltou a ser julgado após o encaminhamento feito a Brasília.<sup>167</sup>

Nós ganhamos essa eleição, mas houve muita briga... chegou ao ponto da gente ver armas no birô do presidente da época para amedrontar os companheiros. A rua do sindicato, a David Caldas, ficou contaminada por policiais, que achavam que nós éramos comunistas e subversivos... foi uma conquista com muita luta, mas valeu a pena.<sup>168</sup>

Diante do impasse, os integrantes da oposição contaram com o apoio de alguns representantes políticos. Conforme o relato de Evaldo Ciríaco,

O professor Wall Ferraz foi fundamental para a nossa campanha na época... ele tinha ojeriza ao peleguismo que era incrustado no movimento sindical teresinense. E foi importantíssimo, quando da dificuldade do processo em Brasília, para que a gente pudesse receber o sindicato definitivamente. Ele, deputado federal, e o senador Chagas Rodrigues financiaram a passagem para que eu pudesse acompanhar o processo lá em Brasília... o Sr. Chagas Rodrigues disponibilizou o escritório de advocacia de uma família tradicional e nos acompanhou de forma gratuita... foram pessoas importantíssimas e não nos cobraram nenhuma obediência em relação a isso.<sup>169</sup>

Ainda, de acordo com os relatos dos entrevistados Caetano Brito e Abdon Moura,<sup>170</sup> outros nomes importantes da política piauiense que ajudaram ao grupo de oposição foram

<sup>165</sup> COMERCIÁRIOS elegerão nova diretoria. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.851, p. 6, 16 out. 1984c.

<sup>166</sup> CIRIACO, 2014.

<sup>167</sup> DIRETORIA eleita do SEC não toma posse. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.861, p. 5, 27 out. 1984.

<sup>168</sup> BRITO, Caetano João de Farias. *Caetano João de Farias Brito: depoimento*. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

<sup>169</sup> CIRIACO, 2014.

<sup>170</sup> BRITO, 2014; MOURA, 2014.

Deusdeth Nunes e o professor Olympio de Castro, sobretudo na confecção de panfletos e em ligações telefônicas para Brasília.

Portanto, somente cinco meses após as eleições a situação foi resolvida e o Tribunal Federal de Recursos expediu mandado de cumprimento da posse de Evaldo Ciríaco. Após a decisão, o jornal *O Dia* lançou uma nota irônica intitulada “Perdendo o emprego”.<sup>171</sup>

Decididamente, os ventos da Nova República começaram a soprar antes de ser instalado o novo sistema. Pior quem está sendo levado pelos redemoinhos da democracia, principalmente aqueles que se acostumaram com a brisa suave do autocracismo. Depois de 15 anos de verdadeira “maré manda” o Sr. José Noronha Teixeira foi catapultado da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Perdeu o emprego, ontem, assoprado por uma decisão do Tribunal Federal de Recursos.<sup>172</sup>

Na segunda metade da década de 1980, os comerciários da oposição conquistaram a direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Um dos pontos marcantes do processo de renovação do sindicato foi a aglutinação com os demais movimentos sociais que foram se articulando na cidade teresinense. Para Antônio José Medeiros,

Estratégica para uma virada sindical urbana do Piauí foi a renovação do Sindicato dos Comerciários. Pilar da estrutura sindical tradicional, pela liderança que sua diretoria exercia sobre praticamente todo o movimento sindical urbano piauiense, sua mudança de rumo foi decisiva, com repercussões em outros sindicatos e na consolidação da CUT no Piauí. [...] Por sua capacidade de intervenção e por sua articulação nacional, a nova orientação desse sindicato em muito fortaleceu o processo de afirmação dos sindicatos como interlocutores representativos e legítimos, ante os empregadores, o governo e a sociedade. Bancários, comerciários, servidores e empregados do setor público e trabalhadores são hoje a base da CUT.<sup>173</sup>

Cabe mencionar que, um ano após a posse da nova direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina, o ex-presidente José Teixeira Noronha foi condenado pela 3ª Vara Criminal a pagar multa por crime de emprego irregular de verbas públicas. Ele foi levado à justiça pelo presidente do sindicato, Evaldo Cunha Ciríaco, que, ao tomar posse, encontrou várias irregularidades, em virtude de o ex-presidente não ter prestado contas de verbas recebidas para serem empregadas em benefício dos comerciários.<sup>174</sup>

<sup>171</sup> PERDENDO o emprego. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.973, p. 1, 07 mar. 1985.

<sup>172</sup> Id., *Ibid.*, p. 1.

<sup>173</sup> MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: Cepac, 1996, p. 122.

<sup>174</sup> JUSTIÇA condena sindicalista que desviou recurso. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.101, p. 7, 1º/2 maio 1986.

### 3.3 Gestão Evaldo Cunha Ciríaco (1985-1991)

#### 3.3.1 Ação efetiva e prioridades das novas gestões sindicais

O ano de 1985 foi de renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Evaldo Cunha Ciríaco, uma das principais lideranças do grupo de oposição, assumiu o cargo de presidente, compreendendo as gestões 1985-1988 e 1988-1991.<sup>175</sup> No que se refere à estrutura e prática sindical, as duas gestões sindicais se integraram em um mesmo esforço de renovação da entidade. Por essa razão, optou-se pela análise em conjunto das duas experiências, destacando as principais ações, acontecimentos e dificuldades que marcaram este período.

A partir dessa eleição, abriu-se um período de maior movimentação no Sindicato dos Comerciários de Teresina, bem como de um trabalho de sindicalização voltado para os interesses da categoria. A diretoria eleita procurou estabelecer um novo ritmo de organização política e sindical, adotando como práticas a realização de assembleias fora da sede do sindicato, contatos com a categoria no seu local de trabalho e o planejamento de outras ações: campanhas salariais, acordos e convenções coletivas de trabalho e campanhas de sindicalização. De um modo geral, tal orientação política persistiu na segunda fase da gestão de Evaldo Ciríaco.

Convém mencionar que, nesse período, o Sindicato dos Comerciários de Teresina desempenhou papel central em atividades políticas, como as greves específicas da categoria e greves gerais organizadas pelas entidades sindicais. Nesse sentido, uma das importantes contribuições foi o fato de Evaldo Ciríaco ter assumido, simultaneamente, o cargo de direção do sindicato e da CUT piauiense.<sup>176</sup>

Para nós, não houve afastamento da luta sindical na época em que o Evaldo Ciríaco esteve à frente das duas entidades... foi uma sequência, não teve uma separação, ajudou muito porque a gente era visto como referência, a nível regional e nacional. A partir daí, nós fizemos três greves: a primeira greve foi a do Sesc, que a gente lutava pela melhoria na alimentação e do preço da refeição, depois teve a greve do sindicato a nível municipal, onde paralisamos geral o comércio, e a terceira greve que o comerciário

<sup>175</sup> Nas eleições sindicais de 1988, a chapa da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina foi a única que se registrou para concorrer ao pleito. A composição da chapa era basicamente a mesma de 1985, portanto, não houve grandes alterações no quadro diretivo do sindicato (CIRÍACO, 2014).

<sup>176</sup> Evaldo Ciríaco assumiu o cargo de presidente da CUT no Piauí, por duas vezes consecutivas, compreendendo as gestões 1986-1988 e 1988-1991 (Id., Ibid.).



participou, que eu me lembro, foi a greve geral nacional convocado pela CUT.<sup>177</sup>

Pode-se depreender, através da fala do entrevistado, que outras lideranças sindicais reconheceram esse potencial do processo de renovação dos comerciários e a sua contribuição na estruturação da CUT no Piauí. Os comerciários de Teresina filiaram-se a esta central no ano de 1986 e tiveram participação expressiva nos seus quadros diretivos, fato este que contribuiu para a consolidação da entidade sindical no Estado.<sup>178</sup>

É importante destacar que a renovação da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina significou um marco histórico não somente na trajetória da categoria comerciária, mas também para o sindicalismo de trabalhadores urbanos na realidade piauiense. Os comerciários de Teresina desenvolveram um forte trabalho de renovação das diretorias de outros sindicatos, impulsionando a renovação de outras diretorias sindicais e a criação de novos sindicatos dentro e fora do Piauí, como os da construção civil, dos mecânicos, dos gráficos, dos jornalistas e dos bancários.

Nós fomos referência na época para outras tomadas, como no Piauí, Ceará e Maranhão... participamos ativamente da campanha da tomada do Sindicato dos Comerciários de Fortaleza, do Sindicato dos Comerciários de São Luís, depois da Federação dos Comerciários do Piauí, do Maranhão e do Ceará. E com isso, esse trabalho nosso teve dimensão nacional e internacional, foi um momento importante, em que os grupos sindicalistas italianos vieram para o Brasil para fazer um estudo desse trabalho que a gente fez aqui.<sup>179</sup>

Em busca de um sindicato mais autônomo e democrático, os comerciários de Teresina seguiram a tendência do “novo sindicalismo”. Todavia, conforme os relatos de todos os entrevistados, os dirigentes do sindicato encontraram algumas dificuldades. Isso porque, apesar dos esforços de concretizar uma prática sindical inovadora, as lideranças sindicais registraram a permanência de elementos presentes no modelo corporativista. Elucidativa é a afirmação de Evaldo Ciríaco, que destacou:

A primeira grande dificuldade nossa foi que o trabalhador entendesse que não era papel do sindicato promover, por exemplo, o lazer, clube recreativo,

---

<sup>177</sup> BRITO, 2014.

<sup>178</sup> Patrícia Vieira Trópia assinala que os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística atestam a existência de 195 sindicatos de comerciários em todo o Brasil na década de 1980. Destes, em 1988, 32 eram filiados à CUT, o equivalente a 16,5% (TRÓPIA, Patrícia Vieira. *Sindicalismo comerciário: retaguarda e conservadorismo político*. *Cadernos AEL*, Campinas, SP, v. 7, n. 12-13, p. 75-112, 2000).

<sup>179</sup> MOURA, 2014.

serviço odontológico... esse trabalho é do Estado. Foi difícil para tirar essa visão de assistencialismo. Nosso papel era de fomentar melhores condições salariais, de trabalho e, sobretudo, cidadania... tanto é que a primeira experiência no Brasil de um piso salarial diferenciado dos comerciários foi em Teresina.<sup>180</sup>

Conclui-se, então, que a direção do sindicato deixou em plano secundário o assistencialismo sindical defendido e implementado de forma expressiva nas gestões anteriores. Priorizando, assim, o discurso e a prática da luta pelos interesses dos trabalhadores comerciários. Por outro lado, no seu relato, Evaldo Ciríaco<sup>181</sup> reforça que os serviços assistenciais, bastante utilizados no período da ditadura militar, também foram utilizados pela nova direção do Sindicato dos Comerciários como uma forma de aumentar o número de trabalhadores sindicalizados. O trecho abaixo, do depoimento do então presidente eleito, é bastante significativo nesse sentido.

Embora deparássemos com a dificuldade da pressão interna da empresa, as pessoas se associavam. Para você ter uma ideia, como já era permitido pela CLT, a pessoa que era associada tinha o desconto na folha de pagamento. Nós tínhamos 80% dos associados que pagavam diretamente no sindicato, pois o empregado não tinha liberdade de se associar e ser descontado em folha, por que se o patrão descobrisse, ele seria demitido... e desses 80% eu diria que 50% ou mais se associavam buscando os benefícios sociais, que era o serviço odontológico que nós dispunha naquela época... e a gente tinha a ideia de acabar com isso, porque não era e não é o papel do sindicato prover isso. Então, desses 80% a metade ou mais se associavam em razão disso.<sup>182</sup>

Diante do exposto acima, é pertinente mencionar a discussão feita por Armando Boito Júnior.<sup>183</sup> Este autor aponta para as continuidades, defendendo a visão de que o populismo ainda está vivo e penetra, de maneira desigual, amplos setores do movimento sindical, havendo, portanto, a sobrevivência de várias características do período populista no interior das novas tendências sindicais. Nesse caso, destacando-se o serviço de assistencialismo praticado pela entidade comerciária.

No início da primeira gestão de Evaldo Ciríaco, os comerciários de Teresina encontraram dificuldades no encaminhamento da nova forma de gestão e organização sindical. Naquela época, segundo os relatos de todos os entrevistados, a entidade contava

---

<sup>180</sup> CIRIACO, 2014.

<sup>181</sup> Id., Ibid.

<sup>182</sup> Id., Ibid.

<sup>183</sup> BOITO JÚNIOR, Armando. Reforma e persistência da estrutura sindical. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 43-91.

apenas com três dirigentes liberados que eram remunerados e voltados exclusivamente para a ação sindical.

Olha, era tudo novo... na realidade, a exploração era tão forte que nos fazia subversivos... a dificuldade financeira era enorme para manter a estrutura do sindicato, porque o trabalhador era proibido de se sindicalizar. Então, a única fonte de recursos que tinha era o imposto sindical que o sindicato arrecadava na época. A segunda, pessoas disponíveis pra fazer esse trabalho, porque, na época, o patronato não liberava o dirigente para dedicar mais tempo à atividade sindical e, quando liberava, tínhamos que arcar com a manutenção desses sindicalistas. A outra grande dificuldade era que já tinha incrustado na cabeça do trabalhador que sindicato era coisa de subversivo, de comunista e que as pessoas não deviam se associar e participar.<sup>184</sup>

É importante destacar que, nas duas primeiras gestões sindicais pós-retomada do sindicato, os comerciários de Teresina alteraram suas formas de organização, adotando práticas consideradas inovadoras no meio sindical piauiense. Dessa forma, o incentivo à participação da categoria comerciária nas atividades desenvolvidas pelo sindicato deu-se através do contato direto com a categoria nos seus locais de trabalho, da realização de assembleias nas ruas de Teresina e de campanhas de filiação.

Espaço para a discussão e articulação dos comerciários de Teresina, as assembleias se tornaram a base fundamental para a aproximação com a categoria; era o momento escolhido pela direção sindical para debater os problemas vivenciados pelos empregados do comércio teresinense, de prestação de contas e de propor mobilizações e atos de apoio a movimentos existentes na cidade, garantindo, portanto, uma maior possibilidade de representação e participação nas ações do sindicato.

As assembleias se fizeram presentes em momentos variados, como nas negociações para a assinatura e renovações das convenções coletivas de trabalho. Além disso, desempenharam papel central nas greves da categoria e greves nacionais organizadas pela CUT piauiense. Conforme Abdon Moura,<sup>185</sup> nas primeiras gestões sindicais foram realizadas grandes assembleias com a participação significativa da classe comerciária.

Assim, como uma forma de incentivar a participação da base nas atividades sindicais, as assembleias passaram a ser realizadas fora da sede do Sindicato dos Comerciários, no calçadão do centro da cidade:

---

<sup>184</sup> BRITO, 2014.

<sup>185</sup> MOURA, 2014.

Antigamente, o dirigente sindical convocava uma assembleia para prestação de contas e botava entre 6 e 10 pessoas dentro de uma sala, discutiam e tal... nós passamos a fazer assembleia de rua: prestação de contas, discussão da pauta de negociação, das propostas a serem levadas ao patronato e das contra-propostas, enfim tudo passou a ser assembleia na rua, no calçadão. Quando a gente chegava, o povo já começava a ficar preocupado e começava a baixar as portas: “Lá vem os homens do sindicato” (risos). E, quando era específico de uma loja, a gente ia no final do expediente... também começamos a nos organizar nos locais de trabalho.<sup>186</sup>

Para aproximar a direção do sindicato de sua base e possibilitar uma maior participação no encaminhamento da luta sindical, as tentativas de organização por local de trabalho também se tornaram uma das frentes de ação importante do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Deste modo, foi realizado um trabalho de militância pelos diretores não liberados que procuravam desenvolver um trabalho de conscientização, utilizando-se de várias formas de comunicação com a categoria, como o bate-papo nas ruas e nos locais de trabalho sobre os problemas vivenciados no cotidiano de trabalho do comerciário.

De acordo com Caetano Brito,<sup>187</sup> que assumiu um dos dos cargos de direção da entidade comerciária entre os anos de 1988 e 1991, foi possível realizar um trabalho de base nos armazéns Esplanada.

Nós partimos para um trabalho de base muito forte da categoria e esse trabalho maior se refletiu no armazém Esplanada, que era uma loja que detinha um quadro de funcionários muito grande, cerca de 210 e, na época, nós conseguimos como formiguinhas fazer esse trabalho de base. A gente liderava o grupo e essa loja deu para o sindicato 10 dirigentes futuros... de lá saiu eu, o Paixão, o Magalhães, o Ilmar Santos, a Vilma e outros companheiros que agora me falha a memória. Nós chegamos ao ponto de fazer uma greve nessa loja... a gente lutava por melhores condições de trabalho: por uma central de refrigeração, refeitório e bebedouro... foi a primeira greve de empresa privada que perdurou por 10 dias... nós conseguimos fechar a loja com todos os funcionários do lado de fora. Então, eu acho que o grupo contribuiu muito com isso, muito mesmo.<sup>188</sup>

A partir do exposto acima, pode-se afirmar que a atuação do sindicato, a partir do local de trabalho nas Lojas Esplanada, tornou-se referência de organização dos comerciários de Teresina, resultando na obtenção de melhorias significativas para a categoria e, sobretudo, formando lideranças que atuaram na direção da entidade.

---

<sup>186</sup> CIRIACO, 2014.

<sup>187</sup> BRITO, 2014.

<sup>188</sup> Id., Ibid.

Entretanto, é importante destacar que os dirigentes do Sindicato dos Comerciários de Teresina encontraram algumas dificuldades na implantação de um trabalho de base permanente nos locais de trabalho. Tal fato se explica devido à dificuldade de mobilização da categoria que ainda não tinha tradição de luta, à questão da rotatividade do emprego no comércio e à resistência patronal, pois muitos não permitiam que seus funcionários sequer se filiassem ao sindicato.

Dessa forma, na ausência de um trabalho de base sedimentado, os comerciários buscaram outras estratégias para mobilização e aproximação com a categoria. Logo, uma das características marcantes do período em que Evaldo Ciríaco esteve à frente da direção do sindicato foi o uso do carro de som e do megafone para o contato direto com a classe comerciária:

Nós fizemos com que chegasse ao conhecimento da categoria que o sindicato tinha mudado de direção e estava com ideias renovadas... eu passei seis anos utilizando o gogó [risos]... a gente fazia o boca a boca mesmo e o megafone... esse foi muito importante... o sindicato tinha na época que assumimos cento e poucos filiados, e quando a gente saiu já tinha cerca de 3 mil filiados.<sup>189</sup>

O trabalho das duas primeiras gestões sindicais definiu, ainda, como uma das metas prioritárias a realização das campanhas de sindicalização através da confecção de camisetas, panfletos e adesivos. Nesse período, tem-se a realização dos eventos festivos organizados pelo sindicato, como a festa do comerciário, que era o momento de comemoração e também de repasse das informações sobre a luta sindical.

Outra ação importante foi o investimento em um informativo do sindicato que possibilitasse um maior contato da direção com a categoria, mantendo-a informada. Nesse sentido, surgiu no ano de 1986 o periódico *Balcão*, produzido pelos comerciários que integravam a comissão de imprensa e que possibilitou a divulgação das ações desenvolvidas no Sindicato dos Comerciários de Teresina.

O resultado desse trabalho de sindicalização, por sua vez, foi um saldo de 6.000 comerciários filiados ao sindicato. Porém, dos trabalhadores em atividade, apenas 3.000 mantinham em dias suas contribuições sociais e desse percentual apenas menos da metade formou o *quorum* legal para as eleições para a renovação do sindicato, fato este que revelou dispersão da categoria e distanciamento da entidade.<sup>190</sup>

---

<sup>189</sup> MOURA, 2014.

<sup>190</sup> SILVA, M., 2000.

Ao longo das duas primeiras gestões sindicais, os comerciários de Teresina também desenvolveram atividades de formação política e sindical, sob a coordenação da assessoria sindical do Cepac e da CUT piauiense.

A CUT e o Cepac foram fundamentais para o nosso trabalho de formação sindical, pois nós não tínhamos nenhuma experiência. O Cepac era muito mais voltado para os movimentos sociais... era mais para os trabalhadores rurais. Então, a CUT chegou para dar essa visão do ponto de vista ideológico, não do ponto de vista político-partidário, mas do ponto de vista do que nós queríamos. Ela dava as condições para que você enfrentasse os movimentos, os patrões, ataques, estratégias, como você deveria atuar em caso de greve e nas negociações coletivas.<sup>191</sup>

Na primeira gestão, de acordo com as notícias publicadas nos jornais de circulação local, foram realizados cursos sobre iniciação sindical e administração sindical com o objetivo de preparar e melhor qualificar o desempenho dos novos dirigentes da entidade. Já na segunda fase da gestão de Evaldo Ciríaco,<sup>192</sup> segundo seus relatos, a diretoria do sindicato passou a incluir as atividades de formação no seu plano de ação sindical, responsabilizando-se pela organização dos eventos.

### 3.3.2 Os comerciários e suas ações coletivas: questões em torno das lutas, conquistas e movimentos grevistas

As prioridades de ação da nova diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina, nos primeiros anos após a renovação da direção, eram basicamente aquelas apresentadas na plataforma de lutas por Evaldo Ciríaco durante o processo eleitoral em 1984. No plano sindical, visava-se lutar por melhores condições de trabalho e salariais, pela estabilidade no emprego da comerciária, sobretudo durante a gestação, pela redução da carga horária aos sábados, fiscalizar as demissões ilegais no comércio e instituição do repouso remunerado no Dia do Comerciário.

Nesse cenário de renovação da entidade comerciária, inaugurou-se uma nova relação de negociação entre o sindicato e a classe patronal através de acordos<sup>193</sup> e convenções

<sup>191</sup> BRITO, 2014.

<sup>192</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>193</sup> É o acordo que estipula condições de trabalho aplicáveis, no âmbito da empresa ou empresas acordantes, às respectivas relações de trabalho. A celebração dos acordos coletivos é facultada aos sindicatos representativos das categorias profissionais, conforme a CLT (BRASIL. Decreto-lei n.5.452, de 1º de maio de 1943. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)>. Acesso em: 12 fev. 2014).

coletivas de trabalho<sup>194</sup> elaboradas e discutidas previamente em assembleias com a categoria. As irregularidades trabalhistas eram constantemente denunciadas pela direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina nos jornais de circulação local. Assim, a política de enfrentamento com o patronato deu-se principalmente em função das questões salariais, das extensas jornadas de trabalho e da desvalorização do trabalho feminino no comércio teresinense.

A partir desse momento, passou a ter as convenções coletivas que era pra todo mundo, foi quando se estabeleceu pela primeira vez o piso salarial para a categoria dos comerciários, criou-se o Dia do Comerciário, o fechamento do comércio ao meio-dia aos sábados, o pagamento de hora-extra, as mulheres caixas passaram a ter o chamado quebra de caixa, creche. Então, tudo isso foram acordos e convenções coletivas que a gente começou a despontar, começou a criar condições que não estavam na lei... foi uma mudança radical no cenário sindical teresinense, isso favoreceu muito a democracia, e nós fizemos parte desse processo.<sup>195</sup>

Quanto às campanhas salariais,<sup>196</sup> nos seis anos em que Evado Ciríaco esteve à frente da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina, estas foram marcadas por assembleias massivas, manifestações públicas e tensas mesas de negociações entre patrões e comerciários. Outro aspecto importante desse período foi o prenúncio de greve, embora algumas delas não tenham chegado a se efetivar.

No que se refere à questão salarial, em abril de 1985, o sindicato comprovou casos de empregados no comércio teresinense que estavam recebendo o salário mínimo com o valor abaixo do que era determinado pelo Ministério do Trabalho. Ao fazer a denúncia, os comerciários fizeram algumas reivindicações à classe patronal e ameaçaram entrar com uma ação na justiça, caso não fossem atendidos.<sup>197</sup> Para que esta ação fosse autorizada, a direção da entidade convocou uma assembleia. Segundo matéria publicada no jornal *O Dia*,

Os comerciários vão discutir na sede do sindicato da classe, o encaminhamento do dissídio coletivo e a taxa de mensalidade da entidade, a

<sup>194</sup> Convenções coletivas de trabalho são acordos de caráter normativo pelos quais dois ou mais sindicatos representativos de categorias econômicas e profissionais estipulam condições de trabalho aplicáveis, no âmbito das respectivas representações, às relações individuais do trabalho (BRASIL, 2001).

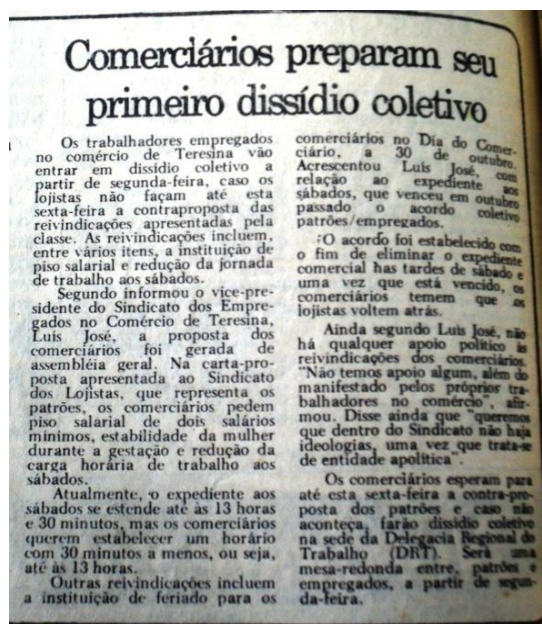
<sup>195</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>196</sup> Momento em que é elaborada a pauta de reivindicações contendo as cláusulas que serão discutidas e aprovadas pela assembleia geral da categoria e encaminhadas para ser negociada entre as empresas ou sindicato patronal e sindicato dos trabalhadores. Dessa forma, quando há interesse de negociação entre as partes, é assinado o acordo ou Convenção (CAMPANHA salarial: foi dada a largada. *Balcão*, Teresina, n. 33, p. 1, 14 set. 1994).

<sup>197</sup> COMERCIÁRIO quer ganhar dois salários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.998, p. 1, 17 abr. 1985a.

partir deste mês. A assembleia foi convocada pelo presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, Evaldo Cunha Ciríaco. O boletim do sindicato, distribuído ontem, informa que no dia 2 passado, a entidade enviou ao presidente do Tribunal do Trabalho da 7ª Região, em Fortaleza, representação para instauração do dissídio coletivo. Os comerciários querem, na justiça, discutir suas reivindicações aos patrões.<sup>198</sup>

As reivindicações dos comerciários no primeiro dissídio coletivo da categoria (Foto 7), incluíam, dentre vários itens, a instituição de um piso de dois salários mínimos e a redução da jornada de trabalho aos sábados. Na imprensa local, o sindicato denunciou que no acordo coletivo de trabalho do Sindicato dos Lojistas de Teresina não havia sido contemplada nenhuma das reivindicações da categoria; desrespeitando, portanto, as exigências aprovadas anteriormente em uma mesa de negociação entre patrões e comerciários. Por esse motivo, o dissídio foi enviado para Fortaleza, de onde deveria sair a resolução do Tribunal Regional do Trabalho.



**Foto 7** - Preparação do primeiro dissídio coletivo da categoria. Teresina. 1985

Fonte: COMERCÍARIOS..., 1985a, p. 2.<sup>199</sup>

O resultado do dissídio foi considerado vantajoso para os comerciários, uma vez que contemplava praticamente tudo que havia sido reivindicado. Ademais, garantiu algumas

<sup>198</sup> COMERCÍARIOS fazem mais reivindicações. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.767, p. 7, 11 jul. 1985b, p. 7.

<sup>199</sup> COMERCÍARIOS preparam seu primeiro dissídio coletivo. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.998, p. 1, 17 abr. 1985a.



conquistas inéditas para a categoria, como o feriado no Dia do Comerciário,<sup>200</sup> 60 dias de estabilidade para mãe gestante e adicional de 10% como compensação da quebra de caixa. Contudo, a jornada de trabalho de 45 horas e 30 minutos semanais foi mantida e os patrões não concordaram com o piso de dois salários mínimos para os comerciários.

No geral, o resultado do primeiro dissídio coletivo foi avaliado de forma positiva não somente pelo Sindicato dos Comerciários, mas também pelos jornais da cidade. A imprensa teresinense destacava que Evaldo Ciríaco estava apenas há seis meses à frente do sindicato e já havia garantido resultados significativos para os comerciários. A partir desse momento, ficou registrada a assinatura do primeiro acordo coletivo de trabalho entre os patrões e os comerciários.

Nos anos seguintes, os comerciários continuaram reivindicando por um piso salarial que fosse justo.<sup>201</sup> Em uma notícia publicada no jornal *O Dia*, em setembro de 1988, os comerciários fizeram uma campanha salarial próxima à data-base,<sup>202</sup> após uma rodada de negociações entre o Sindicato dos Comerciários e representantes dos quatro sindicatos patronais: lojistas, varejistas, atacadistas e farmacêuticos. Os comerciários de Teresina queriam discutir a questão salarial, porém, o objetivo principal era renovar o acordo coletivo de trabalho. Eles reivindicavam um piso salarial de três salários mínimos de referência, no entanto, não houve acordo entre comerciários e empregadores, já que estes não apresentaram contraproposta.<sup>203</sup>

A mobilização dos comerciários não obteve êxito, apesar de o sindicato ter convocado várias assembleias com o patronato. Desse modo, os sindicalistas comerciários foram cedendo aos poucos, afirmando que negociariam as horas extras e as melhorias salariais.

A questão do horário de funcionamento do comércio teresinense e o seu não cumprimento também foi um dos problemas mais comuns enfrentados pelos comerciários

<sup>200</sup> Em outubro de 1985, pela primeira vez, o comércio não funcionou em Teresina, pois foi concedido o repouso remunerado pelo Dia do Comerciário. Na programação da data comemorativa, foram realizadas maratonas, salão de futebol, missa em ação de graças, palestras e a escolha da miss comerciária. Essa conquista foi considerada uma vitória pelo Sindicato dos Comerciários e amplamente divulgada nos jornais da cidade (SETOR comercial não funciona no sábado. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.953, p. 7, 24 out. 1985; LOJAS de Teresina fecham hoje, dia do comerciário. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.955, p. 1, 26 out. 1985a; COMERCIÁRIO faz festa no seu dia. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.956, p. 1, 27/28 out. 1985b).

<sup>201</sup> De acordo com informações do Sindicato dos Comerciários de Teresina publicadas no jornal *O Dia*, por exemplo, no ano de 1987 o piso salarial do comerciário era de Cz\$ 4.500,00, e não dava para atender às necessidades básicas do empregado no comércio (COMERCIÁRIO não tem como se alimentar. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.597, p. 7, 30 dez. 1987b).

<sup>202</sup> Setembro é o mês em que é negociado o Acordo ou Convenção Coletiva entre as empresas ou o sindicato patronal e o sindicato laboral. No caso dos comerciários de Teresina, a data-base, na época, era em novembro (O QUE é data-base? *Balcão*, Teresina, n. 33, p. 1, 14 set. 1994).

<sup>203</sup> COMERCIÁRIOS e patrões discutem questão salarial. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.819, p. 2, 18/19 set. 1988b; PATRÕES não fazem acordo. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.821, p. 1, 21 set. 1988.

nesse período de renovação da direção do sindicato. Os trabalhadores empregados no comércio teresinense deveriam completar um total de 45 horas e meia de trabalho por semana, somando-se as oito horas por dia, de segunda à sexta-feira, acrescidas de cinco horas e meia no sábado, quando trabalhavam das 8h às 13h30min. De acordo com denúncias de representantes do sindicato, muitos patrões colocavam os comerciários para trabalhar aos sábados, após o expediente normal, e aos domingos, sem que recebessem hora extra.

No ano de 1984, em meio às discussões em torno das eleições sindicais, a questão do horário de funcionamento do comércio também foi debatida pela imprensa escrita. Na ocasião, José Noronha Teixeira, representante dos comerciários, protestou contra a proposição do ministro da Indústria e Comércio, Camilo Penna, no sentido de instituir a obrigatoriedade do funcionamento do comércio ininterruptamente. O dirigente sindical solicitou o empenho do ministro do trabalho Murilo Macedo e alegou que a medida prejudicaria os comerciários. Nas palavras de Noronha,<sup>204</sup> “seria mais um sacrifício imposto a quem já não tem nada, além de ser uma verdadeira sangria nas poucas possibilidades econômicas do comércio em geral.”

Em contrapartida, o presidente do Clube de Diretores Lojistas (CDL), Pedro Rocha, rebateu as afirmações do presidente do Sindicato dos Comerciários de Teresina, afirmando que, com o horário ininterrupto, as lojas venderiam mais. De acordo com o presidente da CDL, a adoção dessa forma de expediente ficaria a critério de cada loja, uma vez que nem todas tinham movimento comercial que justificassem o expediente corrido. Em Teresina, alguns estabelecimentos já adotavam o horário ininterrupto, sem fechar ao meio-dia, como as Casas Pernambucanas e as Lojas Brasileiras.<sup>205</sup>

Convém lembrar que a campanha contra o horário livre realizada por José Noronha Teixeira foi feita em um momento delicado, quando ele ainda estava em processo de disputa pelo cargo da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Para a chapa de oposição, não passava de uma tática do dirigente sindical, pois ironizava que a eleição com a chapa oposicionista renovou o pensamento do dirigente: parece piada de pelego.<sup>206</sup>

O sindicato da categoria também denunciou o aproveitamento do horário de verão para aumentar a carga horária dos trabalhadores empregados no comércio. A entidade recebeu várias denúncias de não cumprimento da jornada de trabalho pelos patrões nesse período. Isso porque a maioria das lojas estava funcionando com uma hora de antecedência, mas

---

<sup>204</sup> FUNCIONAMENTO ininterrupto prejudicará comerciários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.772, p. 1, 10 jul. 1984.

<sup>205</sup> CDL contesta declarações de Noronha. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.773, p. 5, 11 jul. 1984.

<sup>206</sup> CÍRIACO..., 1984.

encerrando o seu expediente no horário “velho”.<sup>207</sup> A fiscalização por parte da DRT era constantemente requisitada pela entidade para que constatasse as infrações cometidas pelos lojistas.

Outra denúncia recorrente feita pelo sindicato nesse período foi com relação ao expediente no comércio de Teresina durante o período natalino que, mediante acordo entre os lojistas e representantes da categoria, tinha o seu horário ampliado em duas horas. Assim, os comerciários que trabalhavam no horário especial deveriam receber hora extra; porém, muitos não recebiam o pagamento, levando o sindicato a solicitar o pagamento na justiça.

O presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, Evaldo Cunha Ciríaco, vai cobrar na Justiça do Trabalho as horas extras que as lojas não pagaram aos seus funcionários que trabalharam no expediente especial do Natal, que durou mais de uma semana. Evaldo disse que muitas casas comerciais não pagaram as horas extras. Acrescentou o presidente do sindicato que há casos de lojas que obrigaram os seus funcionários a assinar a folha de pagamento das horas extras sem receber o pagamento. Além das horas extras, o comércio deveria ter pago aos seus funcionários um adicional de 25 por cento, conforme acordo firmado na Delegacia Regional do Trabalho.<sup>208</sup>

Percebe-se, então, que o sindicato atuava no sentido legal de reivindicar benefícios para a categoria e de ficar atento quanto ao cumprimento do que era determinado em lei. O dirigente sindical Evaldo Ciríaco insistia para que os abusos do patronato fossem denunciados, mesmo que anonimamente: “Tem muita gente prejudicada que não nos procura porque ainda tem aquela imagem antiga do sindicato. Naquela época, o funcionário fazia a denúncia e tão logo deixava a sede da entidade, era entregue ao seu patrão.”<sup>209</sup>

A partir do ano de 1987, a tônica que gerou conflitos entre a classe patronal e os representantes do sindicato foram os sucessivos recursos deste contra o trabalho noturno aos sábados. Os representantes do Sindicato dos Comerciários entraram em conflito com os donos de supermercados da capital, pois os estabelecimentos estavam funcionando aos sábados até às 21h. Conforme matéria publicada no jornal *O Dia*:

Os 25 supermercados de Teresina atenderam ontem seus clientes até às 21 horas, desafiando o Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, que estão exigindo o respeito à cláusula 4ª da Convenção Coletiva, assinada em acordo com o Sindicato do Comércio Varejista, que estabelece o

<sup>207</sup> LOJAS não obedecem o novo horário. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.973, p. 7, 19 nov. 1985b.

<sup>208</sup> EMPREGADOS vão cobrar hora extra do comércio na justiça. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.038, p. 6, 06 fev. 1986. p. 6.

<sup>209</sup> COMÉRCIO sem hora extra após o Natal. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.999, p. 1, 19 dez. 1985.

expediente de trabalho nos sábados das 8 a 13h30min. O presidente da Associação Piauiense de Supermercados, Raul Lopes de Araújo, garantiu ontem que os supermercados continuarão abrindo suas portas até à noite aos sábados, até que o Tribunal Regional do Trabalho decida pela anulação da convenção coletiva de trabalho, assinada em novembro de 1986 pelo Sindicato dos Comerciantes e Sindicato dos Varejistas.<sup>210</sup>

Devido ao impasse entre a categoria e os patrões com relação ao horário de funcionamento dos supermercados, os comerciantes ameaçaram deflagrar uma greve do setor ou ir à Justiça.<sup>211</sup> O sindicato também entrou em conflito com a DRT, visto que esta, não concordando com o fechamento dos estabelecimentos, dizia defender os interesses dos demais comerciantes que não trabalhavam em supermercados, e argumentava que estes cumpriam o horário no comércio até às 13h30min. no sábado e, constituindo a maioria, que somente tinham tempo de fazer suas compras no período da tarde.

No ano de 1989, outra questão envolvendo os donos de supermercados e os comerciantes de Teresina ganhou destaque na imprensa local, quando estes enviaram aos sindicatos patronais da categoria uma pauta de reivindicações contendo dois itens: a reposição salarial e a implantação do regime de 44 horas semanais. Contudo, os donos de supermercados teresinenses decidiram manter o regime de 48 horas de trabalho semanal até que a lei que reduzia a jornada entrasse em vigor. Quando isso ocorreu, os donos do estabelecimento não negociaram com o Sindicato dos Comerciantes os critérios para a redução da jornada.<sup>212</sup>

Ainda no que se refere à questão do horário no comércio de Teresina, no início dos anos 1990, a imprensa local cogitou a possibilidade de o comércio funcionar aos domingos; porém, chamou atenção o fato de tanto os comerciantes como os lojistas discordarem de tal proposta. Além disso, os comerciantes ameaçaram entrar em greve, caso o comércio fosse aberto aos domingos.<sup>213</sup>

Conforme pesquisa realizada nos jornais do acervo da Casa Anísio Brito, observou-se que a nova postura de enfrentamento dos dirigentes do Sindicato dos Comerciantes, muitas vezes, encontrou a resistência do patronato. Tal fato levou a entidade a deflagrar greves e

<sup>210</sup> SUPERMERCADOS funcionam até às 21 horas. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.395, p. 2, 26/27 abr. 1987.

<sup>211</sup> EMPREGADOS ameaçam fechar supermercados de Teresina. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.401, p. 7, 05 maio 1987.

<sup>212</sup> SUPERMERCADOS não reduzem expediente. *O Dia*. Teresina, a. XXXVII, n. 8.688, p. 2, 10/11 abr. 1989.

<sup>213</sup> LOJISTAS contra comércio funcionar aos domingos. *O Dia*. Teresina, a. XXXVI, n. 8.486, p. 1, 13 ago. 1987; COMERCiante ameaça nova greve nos próximos dias. *O Dia*. Teresina, a. XXXVII, n. 8.783, p. 6, 05 ago. 1989.

manifestações que ocorreram na cidade de Teresina a partir da segunda metade dos anos 1980 e que se entenderam até o início dos anos 1990.

No que se refere às lutas e manifestações grevistas, ano de 1985, as pautas de reivindicações feitas pelos comerciários de Teresina vieram quase sempre acompanhadas da proposta de dissídio coletivo, ainda não se falava em greve propriamente dita. Dessa forma, a entidade comerciária deu continuidade à prática de solicitar empenho por parte da DRT a fim de que esta fiscalizasse as ações do patronato.

A partir do ano de 1986, observou-se que as lutas sindicais tornaram-se mais frequentes, que foi um período de maior mobilização e que o sindicalismo comerciário buscou mostrar para os patrões não só a força da categoria, mas também sua capacidade de articular diversas categorias. Neste período, como já mencionado, o presidente do sindicato Evaldo Ciríaco passou a acumular o cargo de presidente da CUT no Piauí.

A CUT trabalhava do ponto de vista mais ideológico, da junção de várias categorias e na fomentação de uma luta conjunta. Por exemplo, quando íamos para a negociação, e era uma dificuldade o patrão aceitar sentar em volta da mesma mesa para negociar, todas as categorias se uniam, iam para frente da DRT e faziam pressão: fosse comerciário, fosse motorista de ônibus, da construção civil ou fosse bancário, para dar uma pressão do ponto de vista psicológico para que as negociações fluíssem. Então, a CUT foi fundamental nesse sentido, por fazer essa agregação de todos os setores econômicos e de trabalhadores do Piauí.<sup>214</sup>

Assim, o fato de o presidente da CUT estar na direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina favoreceu sua aglutinação com outros movimentos sindicais piauienses, com movimentos populares e com partidos políticos de esquerda. Além disso, de acordo com os relatos de Evaldo Ciríaco,<sup>215</sup> a estrutura física e os equipamentos do Sindicato dos Comerciários de Teresina eram utilizados pela CUT piauiense para discussão sobre as estratégias e os planos de ações para os movimentos paredistas, bem como para os diversos eventos: assembleias, palestras, debates e plenárias realizadas pela CUT do Piauí.<sup>216</sup>

No ano de 1986, uma das primeiras lutas dos comerciários foi contra o aumento do preço da refeição no Restaurante dos Comerciários mantido pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) e frequentado, prioritariamente, pelos empregados no comércio de Teresina. Nos jornais de circulação local, o sindicato denunciou que o aumento havia sido feito sem a

---

<sup>214</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>215</sup> Id., Ibid.

<sup>216</sup> É importante destacar também que as duas entidades ficaram centralizadas com a mesma política nos meios de comunicação, ou seja, as declarações de Evaldo Ciríaco serviam para as duas entidades.

consulta dos seus usuários. Além disso, os sindicalistas alegavam que o salário do comerciário não conseguia acompanhar o constante reajuste feito nos preços da refeição.<sup>217</sup>

Outra reclamação da entidade à direção do restaurante foi quanto ao local onde eram tomadas as decisões do reajuste, de acordo com Evaldo Ciríaco: “Tudo é decidido lá em Parnaíba, onde não conhecem a realidade do funcionário do comércio teresinense e reajustam os preços como bem entendem.”<sup>218</sup> Assim, como forma de protesto, os comerciários fizeram um movimento que durou três dias para tentar impedir o acesso ao restaurante, realizando boicotes e piquetes noticiados pela imprensa.

O terceiro dia do movimento dos comerciários para impedir o acesso ao restaurante do SESC foi marcado por muita confusão, com piquetes na porta do estabelecimento. Foi necessária a presença da Polícia Militar, para garantir a entrada dos usuários que pretendiam usar o refeitório. O Sindicato dos Empregados no Comércio afirma que caiu o índice de frequência, mas a coordenação do SESC em Teresina informou ontem que aumentou o número de refeições servidas.<sup>219</sup>

Diante do desencontro dos números a respeito da frequência ao restaurante e de adesão ao movimento, os comerciários resolveram cancelar o boicote. Embora tenha enfatizado que o movimento foi marcado por confusão, a repercussão na imprensa não chegou a ser considerada negativa pelo Sindicato dos Comerciários, já que a imprensa criticava o constante aumento do preço do bandeirão e anunciou que as decisões continuariam a ser tomadas em Parnaíba.<sup>220</sup>

Em setembro de 1986, deflagrou-se o primeiro movimento grevista da categoria após o Sindicato dos Comerciários de Teresina consultá-la sobre a possibilidade de uma greve geral do setor; isso porque, ao enviar pauta de reivindicações aos patrões apontando a necessidade de renovação da convenção coletiva de trabalho, na qual exigiam um piso salarial e menor jornada de trabalho, não obtiveram resposta. Os jornais alertaram para as consequências caso a greve fosse concretizada: “Teresina vai praticamente parar, uma vez que o comércio é o setor que mais emprega e porque é a atividade que movimenta a cidade.”<sup>221</sup>

Segundo notícia publicada no jornal O Dia, mais de 95% dos empregados do comércio foi favorável a uma greve do setor, tendo por base o resultado do plebiscito feito pelo

<sup>217</sup> COMERCIÁRIO quer esvaziar restaurante. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.053, p. 7, 27 fev. 1986a

<sup>218</sup> Os sindicalistas reivindicavam também a criação de uma comissão de comerciários junto ao Sesc para que os comerciários participassem das decisões sobre alimentação e preços (Id., *Ibid.*, p. 7.)

<sup>219</sup> MUITA confusão no restaurante. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.054, p. 7, 28 fev. 1986.

<sup>220</sup> COMERCIÁRIOS terão logo seu restaurante. *O Dia*, Teresina, a. XXXII, n. 5.555, p. 9, 12-13, out. 1983.

<sup>221</sup> SINDICATO articula greve dos comerciários na cidade. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.219, p. 2, 20 set. 1986.

sindicato que consultou a classe sobre a paralisação. Diante da recusa patronal em negociar, houve uma assembleia organizada pela entidade e, no mês de outubro, o setor comerciário resolveu parar. Conforme relata Abdon Moura,

Em 1986, tentamos fazer a primeira convenção... fui pra rua com um megafone para que a categoria tomasse conhecimento que a convenção seria benéfica pra todos. Então, nós marcamos e o patronal não compareceu na primeira reunião e, em 21 de outubro, fizemos uma assembleia geral no Teatro de Arena na praça da Bandeira... e aproximadamente 4 mil compareceram naquela época. Com essa força da categoria em prol da convenção, de imediato, provocamos uma greve no dia seguinte, porém, essa greve era irregular, porque tinha que comunicar o patrão 3 dias antes... e fomos pro pau, pra rua, e o comércio parou, parou e ninguém teve condições de abrir o comércio com medo de qualquer coisa que pudesse acontecer de ruim... por sinal, ficou registrada a primeira greve no Piauí promovida pelo Sindicato dos Comerciários de Teresina. No dia seguinte, os patrões nos chamaram para negociar... só foi possível um mero acordo, mas, de qualquer maneira, já foi uma abertura para registrar a data-base... pra nós foi uma glória.<sup>222</sup>

É importante frisar que esta foi a primeira vez que o sindicato conseguiu levar os lojistas para a mesa de negociação da DRT para discutir a primeira convenção coletiva. O movimento grevista foi considerado vantajoso pelos empregados do comércio de Teresina, pois conseguiram a aprovação da maioria de suas reivindicações sem necessidade de entrar na Justiça do Trabalho em processo de dissídio coletivo:

Os comerciários fizeram uma greve de poucas horas ontem e no seu final haviam conseguido uma boa parte daquilo que reivindicaram, como um piso salarial. O movimento atingiu cerca de 80% dos 10 mil estabelecimentos comerciais da capital, sendo que pelo menos 18 mil 400 empregados pararam, na previsão do Sindicato dos Comerciários. [...] Os empregados do comércio conseguiram, entre outras coisas, piso salarial de Cz\$ 960,00.<sup>223</sup>

Além do aumento salarial, eles conquistaram repouso remunerado no Dia do Comerciário, jornada de trabalho de 45h30 min. semanais, escala móvel e estabilidade de 120 dias para gestante após o término de sua licença.<sup>224</sup>

Ainda sobre este greve, vale mencionar que a imprensa evidenciou que o movimento organizado pelos comerciários foi marcado por confusão com portas quebradas e saques em lojas, embora a greve tenha durado apenas três horas, com os grevistas impedindo alguns

<sup>222</sup> MOURA, 2014.

<sup>223</sup> COMERCIÁRIO pára e ganha novo salário. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 1, 23 out. 1986b. p. 1.

<sup>224</sup> O QUE os comerciários ganharam com a greve. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 7, 23 out. 1986.

empregados quando estes tentavam atender aos clientes.<sup>225</sup> Houve também a prisão ilegal de alguns dirigentes sindicais, que foram liberados mediante a intervenção da assessoria jurídica da entidade.<sup>226</sup>

No que respeita ao resultado do movimento, houve divergências nas avaliações feitas pelos jornais e pela direção sindical. De um lado, *O Dia* destacou que a greve dos empregados no comércio de Teresina foi feita apenas para demonstração de força do sindicato e ressaltou o seu fracasso. Desta forma, como justificativa, destacou que as cláusulas do acordo entre o Sindicato dos Comerciários e o Sindicato dos Lojistas já haviam sido discutidas e aprovadas, quando os comerciários deliberaram a favor da greve, faltando apenas a redação da ata pelos funcionários da DRT e a assinatura dos presidentes dos dois sindicatos e de seus advogados.<sup>227</sup>

Em contrapartida, a direção da entidade comerciária definiu sua greve como vitoriosa, visto que tinha alcançado 80% de toda a categoria, além de ter mostrado sua força e o grau de organização da classe. No geral, pode-se inferir a importância desta primeira luta grevista dos comerciários, haja vista que, a partir deste movimento, iniciou-se uma nova possibilidade de intervenção na defesa dos direitos da classe, que passaram a ser negociados pelo sindicato dentro de uma pauta coletiva e definida em acordos gerais.

A inserção dos comerciários nas lutas grevistas não foi motivada somente pela insatisfação com os descumprimentos dos acordos trabalhistas e pelas más condições de trabalho e salariais, mas também pela política econômica aplicada pelo governo federal,<sup>228</sup> levando o Sindicato dos Comerciários de Teresina, sob a direção da CUT, a participar dos movimentos nacionais.

Em dezembro de 1986, uma greve geral convocada pelas duas grandes centrais sindicais, a CUT e a CGT, em protesto contra o pacote de medidas do Governo Sarney, gerou grandes expectativas nos líderes sindicais comerciários. Em Teresina, motoristas de ônibus,

---

<sup>225</sup> As grandes lojas de departamento, como Armazém Paraíba, Pernambucanas, Lojas Brasileiras e Jelta, que empregavam mais de 4 mil comerciários, por exemplo, fecharam as portas no turno da manhã, mas, a partir da tarde do mesmo dia, essas lojas foram abrindo as portas, em virtude da ação da polícia que atuou no sentido de dissipar os piquetes (MAIS de 18 mil empregados páram comércio. *O Dia*. Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 7, 23 out. 1986).

<sup>226</sup> O QUE..., 1986.

<sup>227</sup> SINDICATO faz greve apenas para mostrar sua força a lojista. *O Dia*. Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 7, 23 out. 1986.

<sup>228</sup> A variação das greves estava bastante vinculada às conjunturas políticas e econômicas, revelando a sua dinâmica. Logo, “A década de 80 foi marcada pela estagnação do crescimento econômico [...] pela instabilidade das políticas econômicas e das regras de correção salarial, e pela utilização de mecanismos de controle da inflação que redundaram na queda do poder aquisitivo dos salários. Por outro lado, o processo de democratização permitiu a expressão de demandas trabalhistas, mas manteve a greve como o único meio eficiente para as conquistas dos trabalhadores [...]. (NORONHA, 1991, p. 124).



eletricitários e professores foram as três categorias que ameaçaram paralisar suas atividades aderindo à greve geral. Embora o sindicato tenha aprovado participação na greve em assembleia com a categoria, os grevistas não conseguiram impedir o funcionamento do comércio; logo, somente os motoristas paralisaram suas atividades.

A imprensa, por sua vez, caracterizou o movimento como um fracasso, destacando a falta de poder dos sindicatos sobre seus associados e que, apesar da maioria das lideranças sindicais apoiarem a paralisação, os trabalhadores continuaram indiferentes:

Por ironia, os presidentes das duas centrais sindicais que convocaram os trabalhadores piauienses a aderirem à greve geral, em protesto contra as medidas econômicas adotadas pelo Governo para reformular o Plano Cruzado, não conseguiram mobilizar as suas próprias categorias. O presidente da CUT e do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina, Evaldo Ciríaco, não viu os comerciários protestarem contra o Plano Cruzado, como ele aconselhou que fosse feito pelas outras categorias. Os 20 mil empregados dos estabelecimentos comerciais trabalharam normalmente. O presidente da CGT no Piauí e diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção Civil em Teresina, Genésio da Costa, amargou também uma derrota: os 26 mil trabalhadores de sua categoria não aderiram à paralisação.<sup>229</sup>

Isto posto, depreende-se que a imprensa piauiense estava bastante atenta à desenvoltura da entidade comerciária, bem como observava o peso com que as propostas da CUT piauiense eram recebidas por ela. Assim, percebe-se que a imprensa se utiliza da sua força para convencer que houve fracasso dos movimentos organizados pela entidade sindical.

Particularmente, a greve geral realizada no ano de 1987 foi considerada vitoriosa para os representantes das entidades sindicais do Piauí. Na capital piauiense, teve uma adesão expressiva de 10 sindicatos, dentre as categorias que participaram, estavam as seguintes: comerciários, gráficos, operários da construção civil, assistentes sociais, enfermeiros, professores da rede pública e particular e eletricitários. Outro fato considerado significativo foi a participação de movimentos populares e estudantis e de categorias que ainda não haviam experimentado o confronto direto com o patronato, como a indústria de confecções, de móveis e da construção civil.<sup>230</sup>

A direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina denunciou que os empregados foram ameaçados de demissão, caso participassem da greve geral. E como resposta à pressão

<sup>229</sup> CUT não consegue fazer o comerciário parar. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.288, p. 7, 13 dez. 1986. p. 7.

<sup>230</sup> CENTRAIS consideram movimento vitorioso. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.493, p. 7, 21 ago. 1987. p. 7. Evaldo Ciríaco e Genésio Nunes, representantes das centrais CUT e CGT, respectivamente, estimaram que 80% dos 75.280 trabalhadores participaram da greve geral (CENTRAIS..., 1987).

patronal, a direção do sindicato ameaçou deflagrar uma greve do setor por tempo indeterminado.

Evaldo informou que no Sindicato dos Empregados no Comércio o telefone não pára. A todo o momento, os comerciários avisam que estão sofrendo pressão: *'a cada cinco minutos chega uma nova denúncia'*, frisou. Os comerciários que moram no Itararé são os mais visados, já que eles avisam aos patrões que não poderão trabalhar devido à falta de transporte. Mesmo assim, os empresários ameaçam demitir se faltarem ao trabalho.<sup>231</sup>

Logo depois da participação na greve geral, os comerciários, na época estimados em 25 mil, ameaçaram parar suas atividades. Eles reivindicavam reposição salarial e manutenção da jornada de trabalho. Os patrões, por seu turno, queriam a manutenção do salário e aumento da jornada de trabalho, abrindo o comércio aos sábados à tarde. Desta forma, as negociações foram feitas sem a intermediação da DRT e a greve não se concretizou.<sup>232</sup>

Enfim, embora fossem registradas algumas paralisações, sobretudo no período de renovação das convenções coletivas, no final dos anos 1980, os comerciários preocuparam-se com a manutenção das garantias obtidas pela categoria não através da greve, mas com o discurso permanente de ameaça de greve.<sup>233</sup>

No fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, Teresina vivenciou uma situação de miséria, com problemas relacionados ao saneamento básico, de abastecimento de água, energia elétrica e problemas de calçamento. Tal situação contrastava com o crescimento da cidade,<sup>234</sup> devido aos edifícios de grande porte construídos. Antônia Jesuíta de Lima<sup>235</sup> destaca que, a partir das mudanças produzidas no espaço urbano de Teresina, ensejaram-se novos olhares e configurações sobre a cidade; esta cresceu de forma desigual. Desta forma,

O desempenho de Teresina nos anos de 1980, fruto dos ganhos e das vicissitudes da urbanização (grandes avenidas, pontes sobre o rio Poti,

<sup>231</sup> PATRÃO ameaça demitir quem faltar ao trabalho. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.492, p. 7, 20 ago. 1987.

<sup>232</sup> CENTRAIS..., 1987.

<sup>233</sup> COMERCÁRIO ameaça greve para 2ª feira. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n.º 8.544, p. 1, 23 out. 1987a; COMERCÍARIOS ameaçam fazer greve na segunda. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.701, p. 1, 29 abr. 1988a.

<sup>234</sup> O censo demográfico de 1980 indica que 538.294 pessoas moravam na cidade de Teresina. Já no final dos anos 1990, a cidade passou a ter 680.131 pessoas morando na capital. A maioria dessa população era oriunda de pequenas cidades piauienses, mas fundamentalmente da zona rural do Piauí, e também de outros estados do Nordeste (NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. Olhares da periferia: os migrantes na construção de Teresina na década de 1970. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 122-144, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1810/1426>>. Acesso em: 14 maio 2014).

<sup>235</sup> LIMA, Antônia Jesuíta de. *As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina, Halley, 2003.

extensos conjuntos habitacionais para as populações de baixa renda) traz, nas suas marcas físico-espaciais, a imagem de uma cidade em expansão, num quadro de grandes contradições e conflitos sociais, com fortes traços segregadores e excludentes das populações pobres. É que nas políticas locais, restrita aos investimentos federais, tinham reduzido alcance no enfrentamento dessas questões.<sup>236</sup>

A falta de estabilidade no emprego no cotidiano do trabalhador comerciário ocasionada pelas crescentes demissões,<sup>237</sup> devido à crise que provocou o fechamento de vários estabelecimentos comerciais e outras irregularidades trabalhistas, favoreceu a precarização do trabalho no comércio. Isso tudo provocou a deflagração de greves na cidade não só dos comerciários, mas de várias categorias sindicais.<sup>238</sup>

O movimento grevista começou no mês de outubro, com os comerciários reivindicando piso de três salários, reposição das perdas com base em 100% do índice de preços ao consumidor (IPC), 15% de produtividade, 10% de aumento real, auxílio-creche, 30% de quebra de caixa e participação nos lucros da empresa.<sup>239</sup> Logo depois, após decisão tomada em assembleia geral, outras categorias - motoristas, gráficos, urbanitários, trabalhadores da construção civil e das indústrias de alimentação - paralisaram suas atividades em uma manifestação conjunta que prejudicou de forma quase completa o funcionamento de Teresina, com uma greve durou aproximadamente uma semana.

Como resultado do trabalho de organização e mobilização dos comerciários de Teresina, pode-se inferir que houve conquistas significativas nos seis primeiros anos após a renovação da direção do sindicato. Dentre as principais conquistas, destacam-se: piso salarial superior ao mínimo; feriados remunerados no Dia do Comerciário, na Semana Santa e no Carnaval; diminuição dos dias do trabalho com hora extra no período natalino, definição da carga horária aos sábados (funcionando das 8h às 13h30min). Além disso, a abertura de negociações entre patrões e empregados tendo por base acordos e convenções coletivas de trabalho.

<sup>236</sup> LIMA, 2003, p. 43.

<sup>237</sup> A análise dos jornais de circulação local revelou que o comércio, um dos setores que mais empregava na cidade, foi afetado, provocando o desemprego crescente dos comerciários de Teresina (cf. SINDICATO quer fim das demissões no comércio. *O Dia*. Teresina, a. XXXV, n. 8.084, p. 7, 09 abr. 1986; DESEMPREGO no comércio cresce 25% com a crise. *O Dia*. Teresina, a. XXXVI, n. 8.372, p. 2, 27 mar. 1987; TERESINA já tem 100 mil desempregados. *O Dia*. Teresina, a. XXXVI, n. 8.597, p. 1, 30 dez. 1987).

<sup>238</sup> Trabalhadores do comércio, construção civil, indústrias gráficas, alimentação, confecções e de ônibus urbanos decidiram parar suas atividades por tempo indeterminado no mês de novembro de 1990 (TERESINA enfrentará semana de muita greve. *O Dia*. Teresina, a. XXXIX, n. 9.459, p. 9, 04/05 nov. 1990).

<sup>239</sup> COMERCÍARIOS dão prazo até terça-feira para a resposta dos lojistas ou fazem greve. *O Dia*, Teresina, a. XXXIX, n. 9.437, p. 9, 07/08/09 out. 1990.

#### **4 ENTRE CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES: trabalho e sindicalismo através do jornal Balcão**

Na década de 1990, diversas mudanças de ordem política, econômica e tecnológica afetaram a classe trabalhadora, provocando uma crise do sindicalismo brasileiro e sua desestabilização. Tal crise foi reflexo das várias transformações ocorridas no mundo do trabalho. Para Marcelo Badaró Mattos,<sup>240</sup> os principais motivos dessa desestabilização foram: a permanência de alguns elementos da estrutura sindical corporativista (o imposto e a unicidade sindical, por exemplo); a chamada reestruturação produtiva, que gerou uma grande taxa de desemprego; a precarização nas relações de trabalho; e a ausência de proteção sindical.

Ademais, a crise do sindicalismo deveu-se à conjuntura política da época, com a chegada ao governo de dirigentes identificados com o projeto neoliberal, que priorizaram a privatização das empresas públicas, menor participação do Estado no mercado de trabalho e redução dos investimentos sociais, diminuindo a proteção ao trabalhador. Em função dessas medidas tomadas pelos governantes, muitos trabalhadores perderam os seus empregos em todo o País.<sup>241</sup>

Ricardo Antunes<sup>242</sup> destaca as metamorfoses no mundo do trabalho, haja vista a automação, a robótica e a microeletrônica que, com o uso de novas tecnologias poupadoras de mão de obra, provocaram uma subproletarização. Isso significa que os trabalhadores temporários começaram a prevalecer sobre os trabalhadores estáveis, uma vez que estes últimos são os empregados que realmente se sindicalizam e se aproximam dos sindicatos. Portanto, essas transformações no mundo do trabalho afetaram a organização e a mobilização política da classe trabalhadora, tornando-a mais heterogênea e fragmentada.

Esse quadro complexificado, de múltiplas tendências e direções, afetou agudamente o movimento sindical, originando a crise mais intensa em toda sua história, atingindo, especialmente na década de 1980, os países de capitalismo avançado, e posteriormente, dada a dimensão globalizada e mundializada dessas transformações, em fins daquela década de 1990, também os países de Terceiro Mundo, particularmente aqueles dotados de

<sup>240</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

<sup>241</sup> BOITO JÚNIOR, Armando. O sindicalismo brasileiro frente à política neoliberal. In: BOITO JÚNIOR, Armando. *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1999. p. 125-197.

<sup>242</sup> ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

uma industrialização significativa, como é o caso do Brasil, México, entre tantos outros.<sup>243</sup>

Nesta conjuntura sócio-política vivenciada nos anos 1990, observa-se que em Teresina a formação política dos empregados no comércio se fortalecia e passaram a organizar protestos frequentes. De acordo com informações publicadas no jornal escrito Balcão, dentre as várias discussões nos encontros promovidos pelos comerciários, destacavam-se os temas do desemprego e da cidadania. Reivindicava-se o desenvolvimento de uma política voltada para a geração de emprego com a participação de trabalhadores e empregadores, a redução da jornada de trabalho, a demissão espontânea e a participação popular nos movimentos sociais, com destaque para os sindicatos.

Funcionando como uma oportunidade de intercâmbio permanente entre os comerciários de Teresina, bem como espaço de veiculação de informações sobre a ação e o cotidiano sindical, surgiu no ano de 1986 o informativo do Sindicato dos Comerciários de Teresina intitulado Balcão,<sup>244</sup> produzido pelos profissionais que integravam a comissão de imprensa da entidade.

O Balcão tinha e tem como público leitor os trabalhadores empregados no comércio de Teresina. Segundo Evaldo Ciríaco, o mesmo era distribuído nas lojas do comércio teresinense pelos diretores do sindicato.<sup>245</sup>

Conforme observado na pesquisa ao acervo, o periódico interno da entidade, de circulação mensal entre os profissionais do comércio da capital, possuía entre duas e quatro páginas, geralmente dedicadas à mesma reportagem. Além disso, era voltado para temas ligados às relações entre empregado e empregador e às condições de trabalho, abraçando os seguintes eixos de discussão: eleição, cidadania, desemprego, jornada de trabalho, campanhas salariais e convenções coletivas de trabalho. Em suas publicações, mesclava uma variedade de temas: política nacional e local, cotidiano, esporte (campeonatos promovidos pela entidade), variedades e campanhas de sindicalização; buscando, assim, o equilíbrio da informação, formação de opinião e entretenimento. Na lateral esquerda do Balcão encontrava-se a coluna “Meta a Bronca” - coluna permanente de denúncias acerca das irregularidades nas lojas de Teresina e arbitrariedades patronais. Algumas denúncias recorrentes nesta coluna eram: salários baixos, atrasos nos pagamentos, extensão da jornada de trabalho, demissões

---

<sup>243</sup> ANTUNES, 2002, p. 73.

<sup>244</sup> O editorial interno do Sindicato dos Comerciários de Teresina circula até os dias de hoje. Além deste periódico, outros veículos de informação permitem o intercâmbio entre a entidade e a categoria comerciária, como o *site* do Sindicato dos Comerciários de Teresina (em <http://www.sindcomteresina.com.br/>).

<sup>245</sup> CIRÍACO, 2004.

irregulares, falta de higiene nos vestiários e banheiros das lojas, falta de segurança, maus-tratos recebidos de patrões e discriminação sofrida pelas trabalhadoras comerciárias.

Para Evaldo Ciríaco, que dirigiu o sindicato entre os anos de 1985 e 1991:

O jornal Balcão foi um instrumento importante por que, às vezes, a gente era proibido de entrar na loja... nós ficávamos esperando o fim do expediente para entregar o jornalzinho... e a comunicação contribuiu bastante, além da questão do emocional e do subjetivo, as pessoas começaram a despertar para a cidadania... nós procuramos divulgar os direitos do trabalhador, denunciar as irregularidades e fazer a parte de entretenimento. Então, era um jornal bem amplo e acessível.<sup>246</sup>

O trabalho de comunicação e informação feito pelo sindicato, na busca de uma maior aproximação com a categoria, contribuiu para fortalecer a consciência e o potencial de luta dos trabalhadores comerciários. Sobre a coluna Meta a Bronca, do Balcão, o entrevistado Abdon Martins de Moura<sup>247</sup> assim se expressou:

Ihhh!, por causa dessa coluna, a gente foi até chamado em delegacia, deu muito problema. O Meta Bronca era onde a categoria comerciária começou a criar coragem para denunciar as irregularidades no comércio, principalmente a questão do assédio sexual à comerciária... nós tínhamos uma loja que chamava-se Lóbrás... deu muito problema na época porque eles faziam revista íntima mesmo e às vezes por homem, então as Lojas Brasileiras era a campeã disso aí.

Como se vê, o espaço do informativo Balcão foi amplamente utilizado pelos comerciários para o registro de denúncias contra o desrespeito aos direitos trabalhistas.

#### **4.1 A experiência de administração sindical colegiada**

No ano de 1991, o Sindicato dos Comerciários de Teresina vivenciou um processo eleitoral no qual saiu vitoriosa a Chapa Comerciária, única que concorreu ao pleito. Após as eleições, no dia 18 de março, tomou posse a primeira diretoria colegiada. No plano interno, a nova composição diretora era formada por integrantes da gestão anterior e reforçada por lideranças que se destacaram na luta sindical durante os primeiros anos de renovação da direção do sindicato.<sup>248</sup>

---

<sup>246</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>247</sup> MOURA, 2014.

<sup>248</sup> SILVA, M., 2000.

Cabe destacar que esse período marcou o início de um novo momento na história da entidade comerciária, que, além da renovação da diretoria por ocasião das eleições, iniciou uma experiência inédita no sindicalismo piauiense, inaugurando uma nova forma de gestão sindical; isso porque o Sindicato dos Comerciários de Teresina passou a ser administrado por uma diretoria colegiada, substituindo a figura do presidente. Desta forma, os diretores eleitos passaram a ter a mesma condição de trabalho, os mesmos direitos e deveres dentro do sindicato.<sup>249</sup>

O sistema colegiado representou a possibilidade de descentralização do poder sindical e de participação da categoria comerciária nas ações do sindicato. A tomada de consciência da necessidade de mudar a forma de direção surgiu como uma decisão no fim da segunda gestão de Evaldo Ciríaco.

A questão do colegiado era para possibilitar que tivesse mais gente com estabilidade dentro das lojas, que pudesse fazer o trabalho de interlocução do problema da empresa com o sindicato e de fazer a conscientização do empresariado. Então, o colegiado foi uma coisa que não tinha em lugar nenhum, me despertou aquela ideia... como na CLT falava no delegado sindical, eu inventei e terminou pegando. O patronato, depois mais na frente, começou a perceber que também era bom pra ele, que evitava alguns problemas... saía da seara do Ministério do Trabalho, daí eles começaram a aceitar essas pessoas dentro da loja.<sup>250</sup>

O relato de Evaldo Ciríaco<sup>251</sup> ressalta o alcance democrático do novo modelo de gestão sindical, ao afirmar que era preciso acabar com a visão de presidencialismo existente dentro do sindicato. O sistema colegiado foi pensado, ainda, como uma forma de incorporar uma quantidade cada vez maior de trabalhadores comerciários às práticas e lutas sindicais, bem como minimizar os problemas administrativos internos da entidade.

Diante da construção de um novo modo de fazer política dentro do Sindicato dos Comerciários de Teresina, houve a necessidade de reformulação do seu estatuto, buscando atualizá-lo e torná-lo condizente com a nova forma de gestão. Nesta reformulação, priorizou-se a ampliação da participação dos comerciários no encaminhamento das lutas sindicais, através da liberação de uma maior quantidade de dirigentes a fim de possibilitar a integração de mais trabalhadores distribuídos por áreas de interesse da categoria.

---

<sup>249</sup> SINDICATO tem nova forma de liderança. *Diário do Povo*, Teresina, a. III, n. 958, p. 9, 13/14 jan. 1991.

<sup>250</sup> CIRÍACO, 2014.

<sup>251</sup> Id., Ibid.

Conforme relato de Abdon Moura,<sup>252</sup> um dos responsáveis pela reformulação do estatuto, a gestão colegiada representou também uma inovação quanto à estrutura organizativa e à distribuição dos cargos diretivos dentro do sindicato. Ao descrever como ficou a composição da direção, após a reforma estatutária, ele destacou que

O sindicato passou a ser administrado por uma diretoria colegiada composta por 18 membros distribuídos em seis secretarias: secretaria geral, secretaria de finanças, secretaria de administração e patrimônio, secretaria de formação política e sindical, secretaria de cultura e imprensa e secretaria social, esporte e lazer. E cada secretaria era composta por três diretores: o titular, segundo e terceiro, que gozavam da mesma hierarquia de poder... as deliberações do sindicato deveriam ser tomadas com a participação conjunta do colegiado, com a presença dos representantes de todas as secretarias, sob a coordenação do secretário geral, pois somente assim teriam validade.<sup>253</sup>

Pelo exposto acima, depreende-se que a ampliação do quadro diretivo oportunizou um maior nível de participação dos dirigentes e de membros da base comerciária. Ademais, favoreceu a formação de novas lideranças na condução das atividades dentro e fora do Sindicato dos Comerciários de Teresina, que passaram a acompanhar mais de perto os problemas vivenciados no cotidiano de trabalho, bem como as reivindicações dos empregados no comércio teresinense.

#### 4.1.1 Primeira gestão colegiada (1991-1994)

O comerciário Cícero Magalhães Oliveira foi eleito secretário-geral do Sindicato dos Comerciários de Teresina, compreendendo o mandato de 1991 a 1994. Antes de exercer o cargo de direção, ele se destacou pelo trabalho de base realizado pelo sindicato no Armazém Esplanada, empresa de médio porte na capital teresinense, e também chegou a fazer parte do Conselho Deliberativo do sindicato, quando houve a reeleição de Evaldo Ciríaco, entre os anos de 1988 e 1991.<sup>254</sup>

A política da primeira diretoria colegiada tinha como eixos básicos o fortalecimento da organização sindical e a democratização do sindicato. No conjunto de suas ações, os comerciários visavam fortalecer as lutas de classes e lutar por melhores condições de vida e de trabalho dos empregados no comércio de Teresina; no plano sindical, eram incentivar a

---

<sup>252</sup> MOURA, 2014.

<sup>253</sup> Id., Ibid.

<sup>254</sup> OLIVEIRA, Cícero Magalhães. *Cícero Magalhães Oliveira: depoimento*. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.



participação da categoria nas negociações das campanhas salariais e convenções coletivas (renovação), realizar atividades de formação política e sindical, avançar na organização por local de trabalho, dinamizar os serviços assistenciais e intensificar as campanhas de sindicalização.<sup>255</sup>

No que respeita às campanhas salariais e convenções coletivas de trabalho, ao longo da primeira gestão colegiada, as mesmas foram encaminhadas para a realização de acordos, através de mesas de negociações, sem o recurso à greve. Além disso, foram antecipadas por assembleias realizadas no Teatro de Arena na praça Marechal Deodoro da Fonseca (conhecida como praça da Bandeira), em Teresina, com significativa participação da categoria. Outro aspecto importante foi a extensão das pautas de reivindicações, ultrapassando a questão salarial e envolvendo aspectos relacionados às condições de trabalho do empregado no comércio de Teresina.

A primeira campanha dirigida pela direção do sindicato, no ano de 1991, contou com a participação de outras categorias com a mesma data-base, sob a coordenação da CUT piauiense. A experiência de campanha salarial unificada foi considerada pelos dirigentes do sindicato um passo importante para fortalecer o potencial de organização e mobilização dos comerciários. Esta campanha reuniu, além dos comerciários, trabalhadores de outras categorias: motoristas, gráficos, construção civil, panificação, hoteleiros e vestuários, que reivindicavam a reposição salarial, a questão da produtividade e a redução da jornada de trabalho.<sup>256</sup>

No ano de 1992, o Sindicato dos Comerciários de Teresina lançou a campanha salarial de caráter nacional com o seguinte tema: “Horário livre. Diga não a essa escravidão”. Os comerciários reivindicavam um piso salarial de Cr\$ 980 mil cruzeiros, a manutenção da jornada de trabalho, reajuste de 100% do índice nacional de preços ao consumidor (INPC) acumulados e 80% de antecipação do 13º salário. Porém, um aspecto que chamou atenção nessa campanha foi a inserção de novas reivindicações relacionadas às condições de trabalho e à saúde do empregado no comércio de Teresina.<sup>257</sup>

<sup>255</sup> COMERCÍARIOS: propostas de luta. *Balcão*, Teresina, p. 1, 14 jan. 1991.

<sup>256</sup> Em outubro de 1991, o *Balcão* noticiou que a renovação da convenção coletiva de trabalho garantiu aos empregados no comércio de Teresina um piso salarial de Cr\$ 55 mil cruzeiros, hora extra de 100%, quebra de caixa de 10%, auxílio-creche, uniforme, garantia do salário normativo aos comissionistas (CAMPANHA salarial unificada e seus resultados. *Balcão*, Teresina, p. 1, 01 out. 1991).

<sup>257</sup> Para além das reivindicações relativas aos direitos sindicais, os comerciários reivindicavam auxílio-creche, quebra de caixa, auxílio-alimentação, auxílio-funeral, prêmio por assiduidade, gratificação semestral, auxílio-escola e auxílio-acidente. Contudo, essas reivindicações não foram atendidas (COMERCÍARIOS apresentarão reivindicações. *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 10.0007, p. 7, 12 set. 1992a; COMERCÍARIOS lutam por melhor salário. *Balcão*, Teresina, p. 1, 19 set. 1992d).

Com efeito, o acordo assinado entre patrões e comerciários garantiu a renovação da convenção coletiva de trabalho no ano de 1992. No mês de outubro deste ano, o jornal *Balcão* divulgou que os comerciários passaram a ter um piso salarial de Cr\$ 720 mil cruzeiros, com reajustes a cada quatro meses. Ademais, houve a manutenção da jornada de trabalho em 44 horas, porém, não houve acordo entre os lojistas e os comerciários quanto à liberação do horário de funcionamento do comércio.<sup>258</sup>

A campanha salarial de 1993 também foi de grande mobilização e resultou na obtenção de um acordo que foi celebrado pelos comerciários como o “melhor dos últimos anos”, haja vista que trouxe de volta uma das principais reivindicações da categoria, o feriado do Dia do Comerciário.<sup>259</sup> De acordo com Cícero Magalhães, secretário-geral do sindicato:

A convenção deste ano, com certeza, não é a dos nossos sonhos, mas, levando-se em consideração a conjuntura do país, de instabilidade política, recessão, onde vimos demissão em massa de trabalhadores, principalmente na nossa categoria, podemos dizer que foi razoável.<sup>260</sup>

Diante de tal afirmação, no cenário político, em uma conjuntura de instabilidade política e recessão econômica, observa-se que os comerciários de Teresina participaram de muitas manifestações contra o Governo Fernando Collor que ocorriam por todo o País, principalmente contra as várias privatizações em curso e em favor do *impeachment* do presidente.<sup>261</sup> E, como uma forma de demonstrar a insatisfação com a política econômica adotada pelo governo federal, os comerciários realizaram uma pesquisa feita pelo sindicato, divulgada na imprensa escrita teresinense, que mostrou que 70% dos comerciários eram favoráveis à renúncia do presidente Collor.<sup>262</sup>

Ainda sobre o governo de Collor, no ano de 1993, o *Balcão* divulgou o resultado de um plebiscito interno realizado pelos comerciários de Teresina, cujo objetivo era divulgar a opinião dos trabalhadores empregados no comércio teresinense a respeito da forma e do

<sup>258</sup> COMERCÍARIOS chegam a acordo salarial com os empregadores. *Balcão*, Teresina, p. 2, 01 out. 1992b; COMERCÍARIOS têm novo piso salarial de Cr\$ 720 mil. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.492, p. 4, 30 out. 1992f.

<sup>259</sup> SINDICATO fecha acordo e traz de volta o Dia do Comerciário. *Balcão*, Teresina, n. 18, p. 1, 17 out. 1993c.

<sup>260</sup> COMERCÍARIOS lançam campanha salarial. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.319, p. 7, 16 set. 1993b. p. 7.

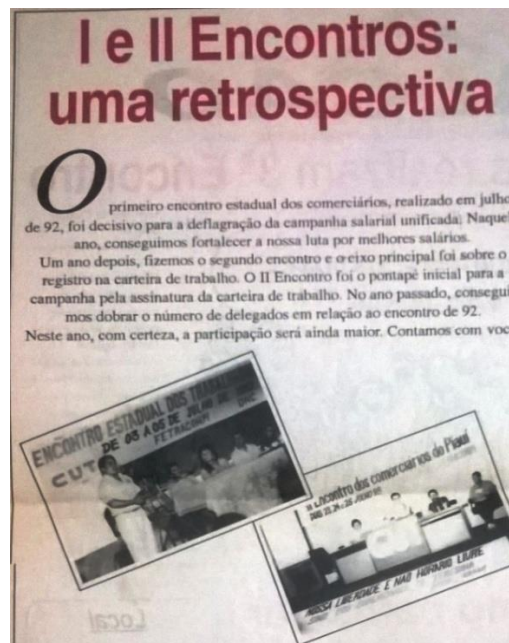
<sup>261</sup> No que se refere ao Governo Collor, não se tem registro de qualquer diálogo mais consistente entre governo e organizações sociais. A despeito de suas especificidades, sindicatos e associações de classe eram apresentados no discurso oficial como parte uniforme de um passado corporativista que se buscava superar. Ver COSTA, Tarcísio. Os anos 90: o acaso do político e a sacralização do mercado. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. 2 ed. São Paulo: Senac, 2000. p. 247-282. p. 262.

<sup>262</sup> COMERCÍARIOS defendem renúncia de Collor *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 9.986, p. 7, 15 ago. 1992c.

sistema de governo para o Brasil.<sup>263</sup> O informativo *Balcão* também foi utilizado pelos comerciários para denúncias a respeito do aumento do desemprego, arrocho salarial, falências e concordatas de pequenas e médias empresas locais.

No que diz respeito às formas de organização sindical, de acordo com os levantamentos feitos no periódico *Balcão* e nos jornais de circulação local, verificou-se que a busca de sintonia com a categoria no encaminhamento das ações sindicais fez com que a direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina promovesse cursos de formação, realização do contato nos locais de trabalho e incentivo à sindicalização, através de campanhas de filiação.

Ao longo da primeira diretoria colegiada, o sindicalismo comerciário de Teresina voltou-se para as atividades de formação política e sindical destinadas aos dirigentes e à categoria. Com o objetivo de discutir formas de encaminhamento de luta, intercambiar experiências entre os comerciários e aprofundar as discussões no campo profissional, social e político, o sindicato promoveu diversos eventos: encontros (Foto 8), palestras, seminários e cursos. Nesses eventos eram debatidos assuntos variados, desde a conjuntura nacional a temas específicos relacionados com o cotidiano de trabalho dos empregados do comércio teresinense.



**Foto 8** - Retrospectiva dos I e II Encontros estaduais dos comerciários do Piauí. Teresina. 1994

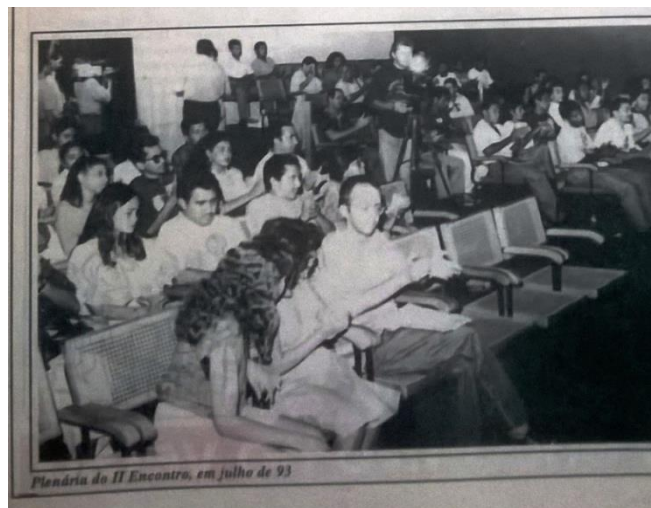
Fonte: I e II ENCONTROS..., 1994. p. 2.<sup>264</sup>

<sup>263</sup> SINDICATO vai fazer prévia do plebiscito. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.620, p. 4, 04-05 abr. 1993b.

<sup>264</sup> I e II ENCONTROS: uma retrospectiva. *Balcão*, Teresina, p. 2, 16 Jun. 1994.

Em julho de 1992, os comerciários realizaram o I Encontro Estadual da categoria. O evento reuniu cerca de 4.000 associados ao sindicato e teve como pontos de discussão a análise da conjuntura do País, questões envolvendo a discriminação das mulheres comerciárias nos locais de trabalho, a campanha salarial unificada e a relação com outras entidades representativas dos trabalhadores.<sup>265</sup> Este encontro tinha ainda como objetivo fortalecer a luta sindical através da criação de outros sindicatos da classe comerciária, visto que, na época, existiam apenas quatro em todo o estado piauiense: em Teresina, Campo Maior, Parnaíba e Floriano.<sup>266</sup>

No ano seguinte, foi realizado o II Encontro dos Comerciários do Piauí (Foto 9) no auditório do Palácio da Cultura. Neste evento, os temas principais discutidos pelos comerciários foram a questão do horário livre no comércio, da revisão constitucional e a importância da carteira de trabalho.<sup>267</sup>



**Foto 9** - II Encontro estadual dos comerciários do Piauí.  
Teresina. 1993

Fonte: II ENCONTRO..., 1993, p. 3.<sup>268</sup>

Com relação ao último ponto de discussão supramencionado, o Sindicato dos Comerciários de Teresina lançou em 1993 uma campanha pela assinatura da carteira de trabalho. Naquela época, segundo dados do sindicato, cerca de 35% dos comerciários de Teresina não tinham carteira assinada. Dos quase 15.000 empregados no comércio, mais de

<sup>265</sup> I ENCONTRO estadual dos comerciários. *Balcão*, Teresina, p. 2, 01 jul. 1992.

<sup>266</sup> COMERCÍARIOS realizam o primeiro encontro. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.386, p. 9, 26 jun. 1992e; COMERCÍARIOS terão I encontro estadual. *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 9.943, p. 9, 26 jun. 1992g.

<sup>267</sup> COMEÇA amanhã II encontro de comerciário. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.714, p. 2, 29 jul. 1993.

<sup>268</sup> II ENCONTRO estadual. *Balcão*, Teresina, p. 3, 19 ago. 1993.

5.000 trabalhavam sem o documento.<sup>269</sup> Essa situação foi agravada em virtude da grande rotatividade da profissão, favorecendo a precarização do trabalho no comércio teresinense.

A reincidência desses problemas no cotidiano de trabalho dos empregados no comércio de Teresina, somados aos problemas salariais e de condições de trabalho, fez com que o sindicato colocasse à disposição de seus associados para denúncia e reclamações o serviço de disque-denúncia, para que tomasse conhecimento do que se passava nos locais de trabalho e, junto à DRT, fiscalizar as irregularidades trabalhistas.<sup>270</sup>

Cumprir destacar que as questões da rotatividade do emprego no comércio, da extensa jornada de trabalho e do baixo nível de escolaridade da categoria comerciária foram apontados pelos entrevistados como fatores que dificultaram o desenvolvimento das atividades de formação no sindicato. Deste modo, outra estratégia adotada pelos comerciários foram as ações voltadas para as atividades de lazer e para os eventos festivos, a exemplo da festa pelo Dia do Comerciário, a data de aniversário do sindicato e o Dia das Mães, geralmente festas dançantes com música ao vivo e torneios esportivos.

Inicialmente, para ter um contato maior com a categoria, a gente usava os carros de som nas ruas, parava na esquina da rua Simplício Mendes e lá a gente dava o recado através da nossa rádio Calçada. Depois, passamos a realizar atividades festivas, como festas anuais pelo dia do Comerciário, festas mensais para fazer confraternização com a categoria e outras atividades: congressos, encontros. Os diretores também faziam visitas nas lojas, levando a proposta de filiação... além de campanhas anuais, devido à grande rotatividade do comércio, por que se não fizer essa campanha constante, com certeza cai o número de filiados.<sup>271</sup>

Portanto, a direção do sindicato deu continuidade ao trabalho de base iniciado nas primeiras gestões. No Armazém Esplanada, onde o sindicato já possuía um considerável nível de organização dos comerciários, o trabalho de base desempenhou papel central em uma luta encampada para reverter as perdas salariais acumuladas pelos empregados no comércio de Teresina com o Plano Collor.<sup>272</sup>

O Sindicato dos Comerciários de Teresina foi a primeira entidade sindical no Piauí a reivindicar as perdas salariais de 84,32% que os trabalhadores brasileiros tiveram com o

<sup>269</sup> COMERCÍÁRIO trabalha sem CTPS assinada. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.303, p. 5, 08 set. 1993.

<sup>270</sup> SILVA, M., 2000.

<sup>271</sup> BRITO, 2014.

<sup>272</sup> SILVA, M., 2000.

referido plano em março de 1992.<sup>273</sup> Segundo dados divulgados na imprensa teresinense, foram mais de 400 processos ganhos na Justiça do Trabalho, beneficiando cerca de 7.000 comerciários em Teresina.<sup>274</sup>

Entretanto, alguns fatores dificultaram a consolidação da organização por local de trabalho no cotidiano sindical dos comerciários. O relato de um militante que fez parte do Conselho Deliberativo e, posteriormente, foi membro da diretoria do sindicato, chegando a ser secretário-geral, aponta essas dificuldades:

Olha, nós fizemos várias tentativas de organização por local de trabalho, porém, muitas dessas experiências foram desmanteladas pelo empresariado, que dificultava esse reconhecimento. A gente era, inclusive, proibido de entrar nas lojas... O sindicato não tinha recursos suficientes para investir, o que dificultou mais ainda a sedimentação de um trabalho de base permanente nos locais de trabalho.<sup>275</sup>

Diante de tal afirmação, verifica-se que a organização por local de trabalho foi aos poucos ficando em plano secundário. Houve, porém, o investimento em outras estratégias para recuperar a categoria e atrair novos membros, de modo que pudesse aumentar o número de filiados em favor do Sindicato dos Comerciários de Teresina.<sup>276</sup>

Neste contexto, uma das características mais marcantes da primeira gestão colegiada, em que Cícero Magalhães Oliveira esteve à frente da direção do sindicato, foi o investimento em publicidade. No que se refere a campanhas de sindicalização, os comerciários inauguraram um novo estilo de fazer sindicalismo. Para a filiação de maior número de sindicalizados, a entidade comerciária investiu não só no discurso panfletário, confecção de camisetas e adesivos, mas passou a investir também em *outdoors*, na imprensa oficial e propagandas de rádio, até então incomuns no movimento sindical piauiense.<sup>277</sup>

Com o *slogan* “Sindicalização: quem ganha é você. Venha pra ver”, divulgado por meio de *outdoors* pela cidade de Teresina (Foto 10, a seguir), o sindicato pretendia convencer

<sup>273</sup> Outras empresas que receberam o benefício com o processo movido pelo sindicato foram: Riachuelo, Ocapana, Lucimar, Novaterra, Jet, Grupo Pintos e Pernambucanas (SINDICATO ganha mais uma na justiça. *Balcão*, Teresina, n. 55, p. 2, 28 dez. 1995b).

<sup>274</sup> COMERCIÁRIOS exigem correção. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.184, p. 2, 15 abr. 1993a.

<sup>275</sup> FONSECA, Gilberto da Paixão. *Gilberto da Paixão Fonseca*: depoimento. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

<sup>276</sup> Maria do Rosário de Fátima e Silva destaca que, embora o trabalho de base fosse considerado pelos dirigentes do Sindicato dos Comerciários de Teresina, uma ação importante na organização e representação dos empregados no comércio não correspondeu ao discurso e aos compromissos de continuidade do projeto renovador da entidade (SILVA, M., 2000).

<sup>277</sup> Os comerciários colocaram no ar o “Fala Comerciário; um programa diário veiculado pela rádio FM da cidade teresinense, que, em sua programação, incluía notícias, dicas e músicas (SINDICATO está no ar. *Balcão*, Teresina, n. 84, p. 2, 06 jun. 1997).

aos comerciários não filiados de que a sindicalização representaria ganhos concretos à categoria, como a reposição de perdas salariais e outros direitos trabalhistas garantidos através de ações judiciais.



**Foto 10** - Campanha de sindicalização dos comerciários em Teresina. 1993

Fonte: CAMPANHA..., 1993, p. 9.<sup>278</sup>

Conforme relato de Gilberto Fonseca,

Na época, achavam que estávamos pelegando em colocar *outdoors* convidando o trabalhador a se filiar. A gente passou a entender a importância da mídia para a comunicação com os trabalhadores, então passamos a utilizar além do informativo do sindicato, os jornais de circulação local, a televisão e o rádio para fazer esse convite para o trabalhador se filiar... sempre foi assim, se nós fazíamos a festa, a gente automaticamente levava o nosso produto, que era a forma de como você se filiar ao sindicato.<sup>279</sup>

Em uma publicação do jornal O Dia, em maio de 1993, o secretário-geral do sindicato, Cícero Magalhães,<sup>280</sup> enfatizou a importância da filiação, ao afirmar que “em Teresina, existem cerca de 10.000 comerciários, mas apenas 2.500 são associados ao sindicato da categoria. A nossa meta é filiar 50% da categoria e, para isso, precisamos dobrar o atual número de sindicalizados.” Para tanto, o sindicato contratou uma empresa de publicidade, a MP&A e desembolsou cerca de Cr\$ 100 milhões para a confecção de seis *outdoors*, impressão de 6.000 a 10.000 adesivos e gravação de *spot* para ser veiculada em 1.500

<sup>278</sup> CAMPANHA de sindicalização. *Balcão*, Teresina, p. 9, 07 maio 1993.

<sup>279</sup> FONSECA, 2014.

<sup>280</sup> COMERCÍARIOS..., 1993a.

chamadas nas rádios AM e FM da cidade.<sup>281</sup> Segundo dados do jornal *Balcão*, em fins de 1993, o número de trabalhadores comerciários devidamente sindicalizados já alcançava 3.000 filiados.<sup>282</sup>

Conforme se pode depreender da leitura do jornal *Balcão* sobre a retrospectiva da gestão de Cícero Magalhães, esta também foi marcada por uma ênfase nas atividades sociais e assistenciais, através da realização de concursos, festas, assistências médico-odontológica e jurídica permanentes. Ao fazer o balanço do fim da sua gestão, o dirigente sindical destacou que

O sistema colegiado foi uma experiência que exigiu da nossa diretoria um grande esforço e, sobretudo, vontade política. Descentralizar a administração e democratizar a entidade foi um grande desafio para todos nós, mas valeu a pena. Conseguimos promover um trabalho sério: a realização de Encontros Estaduais, as campanhas de sindicalização, os cursos e seminários e as campanhas salariais, com as quais fechamos os melhores acordos já conquistados. Além disso, devolvemos à categoria importantes eventos como a festa dos comerciários, o concurso da mais bela comerciária e os eventos esportivos.<sup>283</sup>

Em termos de realizações, conclui-se que, ao final da primeira gestão colegiada, o conjunto de ações dos comerciários de Teresina foi voltado para o fortalecimento da organização política e sindical e para a conquista e garantia de direitos para os empregados no comércio de Teresina. Por fim, houve a renovação de todas as convenções coletivas de trabalho, conseguindo manter as conquistas das convenções anteriores e garantindo novas conquistas para os empregados do comércio de Teresina.

É importante mencionar que, em um primeiro momento, a diretoria colegiada mostrou-se sintonizada com a política sindical adotada pelos dirigentes das gestões anteriores. Contudo, segundo o relato de Evaldo Ciríaco, a partir de 1992 começaram a aparecer as primeiras divergências entre as principais lideranças do sindicato. Por conseguinte, alguns comerciários que atuaram diretamente no processo de renovação do Sindicato dos

---

<sup>281</sup> É importante mencionar que esta campanha de filiação do Sindicato dos Comerciários foi bastante evidenciada pela imprensa teresinense. E um fato que chamou atenção foi a divergência entre os jornais com relação aos gastos do sindicato com a campanha (OUTDOOR incorporado ao movimento sindical. *O Dia*. Teresina, a. XLII, n. 10.291, p. 9, 07 maio 1993). Em outra matéria publicada no jornal *Diário do Povo*, por exemplo, destacou-se que esta campanha foi avaliada em 150 milhões de cruzeiros, com a confecção de 10 placas de *outdoors*, *spots* veiculados nas rádios AM e FM e distribuídos 20 mil panfletos (COMERCIÁRIOS têm campanha de filiação. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.645, p. 10, 08 maio 1993c).

<sup>282</sup> CAMPANHA..., 1993.

<sup>283</sup> OLIVEIRA, Cícero Magalhães. Retrospectiva 1993. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 4, 12 jan. 1994. p. 4.



Comerciários de Teresina romperam com a direção que ajudaram a eleger e voltaram a atuar como oposição.<sup>284</sup>

As divergências de pensamento e de ação política e sindical entre os comerciários de Teresina resultaram na formação de dois grupos opostos: a direção colegiada e a oposição comerciária.<sup>285</sup> Esta última foi liderada novamente pelo ex-presidente do sindicato Evaldo Ciríaco, que passou a questionar as ações sindicais da diretoria colegiada quanto ao seu caráter combativo na defesa dos interesses da categoria comerciária e de não participar das questões de interesse geral dos trabalhadores.

O rompimento entre os sindicalistas comerciários e seus desdobramentos foram bastante evidenciados pela imprensa teresinense e no periódico interno do sindicato, verificando-se troca de acusações e defesas de ambas as partes. Do lado da oposição, eram frequentes as denúncias acerca da existência de irregularidades de ordem financeira e má administração de recursos da direção do sindicato, acusada de promover caras campanhas de sindicalização e de privilegiar os seus diretores com pagamentos de 14º salários desviados do fundo de campanha salarial da categoria, por exemplo.<sup>286</sup>

Por outro lado, no informativo *Balcão*, que também era o espaço utilizado pela diretoria colegiada para sua defesa e rebater as acusações da oposição, os representantes do sindicato alegavam sofrer perseguição e ter herdado muitas dívidas deixadas pela gestão anterior. Em uma edição do jornal do sindicato, Raimundo Nonato dos Santos, que fez parte da direção do sindicato, afirmou:

Quando assumimos a diretoria, encontramos uma entidade praticamente falida. Uma das heranças foi, por exemplo, entre outras dívidas, atraso dos encargos sociais dos funcionários, que estavam com um ou dois períodos de férias vencidos. O dinheiro em caixa equivalia apenas a um quinto da dívida do sindicato só com os encargos sociais. Hoje vivemos uma nova fase, o Sindicato dos Comerciários de Teresina está entre os mais atuantes do Estado.<sup>287</sup>

---

<sup>284</sup> CIRÍACO, 2004.

<sup>285</sup> Segundo Maria Rosário de Fátima e Silva (2000, p. 137), as cisões que estabeleceram campos de poder dentro do Sindicato dos Comerciários de Teresina formaram dois grupos: “Hora da verdade” e “Articulação”, compostos, respectivamente, pelos comerciários da diretoria colegiada e pelos comerciários da oposição. Estes, ao deixar o quadro diretivo do sindicato, passaram a controlar a direção da Federação dos Trabalhadores no Comércio e Serviços no Estado do Piauí.

<sup>286</sup> SINDICATO paga 14º aos funcionários. *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 10.109, p. 7, 14 jan. 1993a.

<sup>287</sup> SANTOS, Raimundo Nonato dos. Eleições no sindicato. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 2, 12 jan. 1994. p. 2.

Ao fim da primeira gestão colegiada, com a proximidade das eleições para a renovação da direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina, as divergências entre os sindicalistas comerciários se acirraram e, nesse período, o trabalho da oposição cresceu.

#### 4.1.2 Segunda gestão colegiada (1994-1997)

No ano de 1994, ocorreram novas eleições para a renovação da diretoria do Sindicato dos Comerciários de Teresina, concorrendo ao pleito duas chapas, o que expressava o aprofundamento das divergências no seu interior. De um lado estava a Chapa 1, denominada Chapa dos Comerciários e representada pelos dirigentes da primeira gestão colegiada; do outro, a Chapa 2, intitulada Oposição Comerciária, formada por membros da antiga diretoria e encabeçada pelo ex-presidente Evaldo Ciríaco. A eleição, coordenada por uma Comissão Eleitoral composta por sindicalistas de outras entidades, ocorreu no dia 18 de janeiro de 1994.<sup>288</sup>

Como se pode observar no quadro divulgado no Balcão (Foto 11, na página posterior), ao todo, 15 urnas recolheram os votos dos comerciários: uma urna fixa permaneceu no sindicato e 14 urnas itinerantes circularam pelas principais lojas de Teresina. O resultado eleitoral deu vitória à chapa situacionista, que obteve 1.084 votos contra 538 votos da chapa da oposição - uma diferença de 546 votos. O comerciário Cícero Magalhães Oliveira foi reeleito para o cargo de secretário-geral do sindicato, compreendendo o mandato de 1994 a 1997.<sup>289</sup>

---

<sup>288</sup> ELEIÇÕES no sindicato. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 4, 12 jan. 1994.

<sup>289</sup> OS ELEITOS. *Balcão*. Teresina, n. 21, p.2, 03 fev. 1994.

RESULTADO DA ELEIÇÃO					
URNAS	VOTOS CHAPA 1	VOTOS CHAPA 2	VOTOS NULO	VOTOS BRANCO	LOCAIS
FIXA 1	30	06	01	0	<b>SINDICATO (AUTÔNOMOS)</b>
ITINERANTES 1	241	39	10	01	Pernambucanos, Esplanada, Riachuelo, Grupo Platos, Itamaraty, Porta João, King João, Grupo Matos.
+ 2	104	51	03	01	Solinhas, Cruz de Ouro, Sportiva, Foto Sombra, Sonora, Foto KR, Babilândia e Carrico.
+ 3	39	24	01	0	Ocapana, Clark, Joçara, Bia, Dakine, Glória, Dep. Fábricas, Teresina Confec. Nordestina, Dist. Piauiense.
+ 4	49	40	-	02	Casa das Linhas, Nataly, Pap.Moderna, Bebel Lar. Farmácias Adjalbe
+ 5	84	65	05	0	Comercial Barros, Armazém São Pedro
+ 6	147	59	09	03	Casa da Madeira, O Pedão, São Gonçalo, Universal, Casa dos Criadores, Dismal, Alta Bebidas.
+ 7	34	23	04	01	Lobrás, Charmens, Marisa, Lucimar, Aguiar, Vitrino, Acropolis, Armazém Piauí.
+ 8	22	58	03	-	Jelta, JET, Casas das Ferragens
+ 9	26	26	01	01	Automaq, Nacional Refrigeração, Distr. Cristal, Cofel, Pão de Açúcar
+ 10	114	28	16	04	Novaterra, Treva, Dragão.
+ 11	63	32	02	02	Casa São Francisco, Pedro Machado, Pneucenter, Piquis, Pneumobil, A Ferragem
+ 12	50	30	03	0	Integração Auto Elétrica, Tico Bebidas.
+ 13	37	35	02	0	Jorge Batista, L.Nunes, Globo das Ferragens, Cabel e Norte America.
+ 14	41	22	01	0	Jelta Veículos, Jotal, Alvema, F.Gomes, Jacob, Marchão, Itaim, W. Martins Bratma
TOTAL	1.084	538	61	15	-

Foto 11 - Resultado das eleições do Sindicato dos Comerciantes de Teresina em 1994

Fonte: OS ELEITOS, 1994, p. 2.<sup>290</sup>

Em seu depoimento, Evaldo Ciríaco destacou que, na reta final da campanha, uma pesquisa já indicava a vitória da Chapa 2 no pleito; porém, acusações feitas pela Chapa dos Comerciantes acerca de desvio de dinheiro por parte da antiga direção do sindicato foram determinantes para a derrota da chapa opositora.

Em 1994, quando eu já tinha saído do sindicato, o grupo dos comerciantes me procurou, e insistiram para que eu voltasse... e uma coisa me marcou muito, eu não vou esquecer nunca: Na véspera da eleição, os dirigentes do Sindicato dos Comerciantes de Teresina distribuíram um jornal Balcão com a manchete que eu tinha desviado cem milhões do sindicato... se eu ganhasse, eu ia abrir a caixa preta, ia mostrar o que tava acontecendo... é uma coisa que não é mágoa, é um misto de revolta e decepção... esse jornal está guardado ainda. E isso foi decisivo para que eles ganhassem as eleições, evidentemente que isso se tornou um processo e eles foram condenados, o jornal foi assinado pelo Raimundo Nonato, mas eu concordei que a pena dele fosse computado no perdão social... inclusive, eu ajudei a pagar a multa, por que eu sabia que aquilo não tinha sido ideia dele. Então, essa foi a tática utilizada por eles para ganhar a eleição.<sup>291</sup>

Conforme mencionado acima, houve um processo judicial movido pelo antigo presidente contra a direção do sindicato. Tal postura foi criticada pelos representantes da diretoria colegiada, considerando-a divisionista por expor a entidade comercial ao juízo de

<sup>290</sup> OS ELEITOS..., 1994.

<sup>291</sup> CIRIACO, 2014.

valor da Justiça do Trabalho como forma de resolver os conflitos, as divergências políticas e as disputas pela direção. A posição adotada pelo sindicato, outrossim, teve o respaldo da CUT piauiense, que emitiu uma nota de repúdio à atitude do ex-presidente dirigida a todos os seus sindicatos filiados no Piauí.<sup>292</sup>

A vitória da chapa situacionista representou uma evidente continuidade na linha de atuação do sindicato, no sentido de uma política de democratização e de fortalecimento da organização sindical. Logo, o conjunto de ações desenvolvidas pelos comerciários da segunda gestão colegiada foi delineado através de um plano estratégico realizado pela direção colegiada, destacando como prioridades a garantia dos direitos dos empregados do comércio teresinense por meio das convenções coletivas e o apoio às lutas gerais e específicas dos trabalhadores.

Dentre os problemas vivenciados pelos empregados no comércio de Teresina nesse período, destacavam-se os baixos salários, o descumprimento da jornada de trabalho, a discriminação contra a mulher comerciária, o não pagamento de horas-extras e o aumento do índice de desemprego no comércio teresinense como reflexos das incertezas que se abateram sobre o País com a política econômica adotada pelos governos identificados com o projeto neoliberal.

Durante o período da segunda gestão colegiada, os comerciários de Teresina assumiram uma postura um pouco mais agressiva com relação às campanhas salariais. Estas foram bastante movimentadas, marcadas pela realização de várias mesas de negociações com os patrões e por assembleias massivas. As manchetes dos jornais de circulação local noticiavam a ocorrência de conflitos do sindicato com a DRT e de arrastões nas lojas de Teresina que tomavam conta do movimento.

No ano de 1994, o sindicato viveu momentos de agitação com a campanha salarial. Em assembleias com a categoria, os comerciários aprovaram uma pauta contendo as seguintes reivindicações: reposição mensal de salários, manutenção do feriado do Dia do Comerciário, hora-extra de 200%, comissão de venda de 5%, jornada de 44 horas semanais e cálculo do 13º, férias e rescisões dos comissionados com base na maior remuneração do ano. Nesta campanha, uma das principais bandeiras de luta girou em torno dos casos de assédio sexual nos locais de trabalho.<sup>293</sup>

Por esse motivo, os comerciários tentaram ainda incluir uma cláusula na convenção coletiva de trabalho que determinasse punição nesses casos. Como resultado, embora não

<sup>292</sup> CUT repudia atitude de Evaldo. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 2, 12 jan. 1994.

<sup>293</sup> CAMPANHA..., 1994; CAMPANHA. *O Dia*, Teresina, a. XLIII, n. 10.608, p. 7, 16 set. 1994.

tivesse conseguido a aprovação de todas as suas reivindicações, o sindicato renovou sua 8ª convenção coletiva em novembro de 1994, sendo que o piso salarial do comerciário subiu 34,26%, passando a valer R\$ 95,00, e o Dia do Comerciário também foi mantido nesta convenção.<sup>294</sup>

Somado a isso, no mês do dissídio da categoria comerciária, em setembro de 1994, jornais locais, como o *Diário do Povo*, por exemplo, noticiavam que o Sindicato dos Comerciários de Teresina passava por uma crise financeira. Naquela época, o sindicato teve que leiloar um veículo e uma linha telefônica para pagar um débito trabalhista a um ex-funcionário acusado de desviar dinheiro da entidade referente a contribuições sindicais, e que venceu uma ação na Justiça do Trabalho.<sup>295</sup>

Na campanha salarial de 1995, o sindicalismo comerciário de Teresina buscou apontar os problemas vivenciados pela categoria na conjuntura do Plano Real adotado no Governo Fernando Henrique Cardoso (Foto 12). Neste contexto, o *Balcão* publicou dados referentes à diminuição dos salários e ao recebimento de remuneração diferenciada do contrato na carteira de trabalho, refletindo nas condições de vida da classe comerciária.<sup>296</sup>



**Foto 12** - Campanha salarial dos comerciários de Teresina. 1995

Fonte: CAMPANHA..., 1995. p. 1.<sup>297</sup>

<sup>294</sup> SINDICATO fecha convenção. *Balcão*, Teresina, n. 35, p. 1, 12 nov. 1994.

<sup>295</sup> FEITICEIRO. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.035, p. 10, 01 set. 1994; HERANÇA de prejuízos. *Diário do Povo*. Teresina, a. VII, n. 2.036, p. 1002, set. 1994.

<sup>296</sup> A edição de novembro de 1995 do jornal *Balcão* noticiou que a renovação da convenção coletiva do ano de 1995 garantiu ao comerciário de Teresina o aumento do piso salarial para R\$ 130,00 com um reajuste de 30%, a manutenção do feriado do Dia do Comerciário e folga no domingo de Natal (SINDICATO fecha acordo e mantém dia do comerciário. *Balcão*, Teresina, n. 52, p. 1, 10 nov. 1995a).

<sup>297</sup> CAMPANHA salarial: o lançamento é nessa sexta. *Balcão*, Teresina, n. 47, p. 1, 29 ago. 1995.

A preocupação com o repasse dessas informações à categoria comerciária ficou evidente quando se observou o conteúdo das matérias publicadas no periódico do sindicato, destacando-se aquelas relacionadas com a ação do governo federal nas questões salariais, de saúde, moradia, e sobre os planos de estabilização econômica do País.<sup>298</sup> Pode-se depreender, então, que, nesse período, o *Balcão* apresentou um tom mais combativo e reivindicatório, levantando bandeiras contra demissões, arrocho salarial e alta do custo de vida.

Ao longo desse período, dentre as lutas mais importantes, destacaram-se a participação do Sindicato dos Comerciários de Teresina na greve geral convocada pela CUT e as paralisações de advertência. A diretoria colegiada apoiou os movimentos desencadeados por motivos específicos, tais como demissões, condições de trabalho, atrasos de pagamento e outras irregularidades de empresas que descumpriam as convenções coletivas de trabalho; e também incentivou a realização de movimentos em separado nas lojas da cidade, com fins de acordos mais vantajosos para os empregados no comércio teresinense.<sup>299</sup>

Todo o movimento sindical brasileiro, durante a década de 1990, sofreu os resultados da abertura comercial e do processo de reestruturação econômica que atingiram os diversos setores produtivos.<sup>300</sup> Nesse sentido, o conjunto de mudanças no setor comerciário foi bastante significativo, levando os trabalhadores empregados no comércio de Teresina a enfrentarem uma conjuntura difícil em virtude do aumento do desemprego. Os jornais de circulação local desse período estão repletos de notícias sobre as demissões no comércio teresinense.

Neste contexto, o secretário-geral do sindicato, Cícero Magalhães Oliveira, apontou a automação, a terceirização, a recessão e o atraso do pagamento do funcionalismo público como causas principais do grande índice de demissões no setor comerciário de Teresina. Outro ponto destacado pelo dirigente sindical era a falta de uma fiscalização mais rigorosa por parte da DRT, a fim de evitar irregularidades na contratação de pessoal, o que prejudicava o trabalhador comerciário.<sup>301</sup>

<sup>298</sup> PARECE pesado, mas é real. *Balcão*, Teresina, p. 1, 19 jul. 1995.

<sup>299</sup> Em maio de 1995, por exemplo, os comerciários fecharam seis lojas do Grupo Pintos, e, além da paralisação de advertência que teve adesão de 80%, o sindicato entrou com uma ação na justiça requerendo a reintegração dos funcionários demitidos por denunciar o grupo. As maiores lojas da empresa, como Pintos Magazine, Casa Pinto, Casa das Rendas, Palácio dos Móveis, Pintos Armazinho e Pintos Rio Branco aderiram à paralisação (A GREVE no Pintos. *Balcão*, Teresina, n. 43, p. 1, 18 maio 1995).

<sup>300</sup> RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Tradição sindical e as mudanças econômicas dos anos 1990: o caso dos metalúrgicos do Rio de Janeiro. In: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (Org.). *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 18-44.

<sup>301</sup> TERCEIRIZAÇÃO é ruim para os trabalhadores. *Diário do Povo*, Teresina, a. XLIV, n. 10.816, p. 2, 25 maio 1995.

Em uma publicação do jornal *O Dia*, em junho de 1994, o Sindicato dos Comerciários de Teresina informou que aproximadamente de 30% da categoria estava desempregada. Nesse período, 14.000 comerciários estavam em atividade, sendo que desse total cerca de 25% trabalhava sem carteira assinada. Para minimizar o problema, o sindicato desencadeou uma campanha de regularização da categoria comerciária a fim de reverter tal situação.<sup>302</sup>

No ano de 1996, ao fim da segunda gestão colegiada, a categoria comerciária enfrentou uma das piores crises no que se refere às demissões. De acordo com dados do Sindicato dos Comerciários de Teresina, divulgado no jornal *Diário do Povo*, existiam cerca de 12.000 comerciários com carteira assinada, além de uma estimativa de 3.000 irregularmente. Outro dado apontado pela diretoria colegiada era com relação à rotatividade no setor do comércio que, antes do Plano Real, era de 80%, e que, em 1996, passou para 10%, o que significava dizer que a cada dez comerciários demitidos, apenas um conseguia um novo emprego no comércio de Teresina.<sup>303</sup>

O jornal *O Dia* também apresentou em números a crise enfrentada pelos empregados no comércio teresinense nos primeiros meses do ano de 1996. Naquela época, cerca de 1.750 comerciários haviam perdido o emprego, apenas entre o pessoal com carteira assinada. Além disso, segundo dados do sindicato, uma média de 250 rescisões contratuais eram processadas por mês.<sup>304</sup> Porém, é importante ressaltar que esses números apresentados pelo sindicato não representavam o total de demissões no setor, haja vista que não eram computadas as rescisões feitas junto à DRT e nas próprias empresas e, como já mencionado, muitos empregados trabalhavam no comércio sem carteira assinada.

Com efeito, as lutas e conquistas dos comerciários de Teresina foram marcadas pelas dificuldades de mobilização da categoria, devido ao problema do desemprego, afetando o sindicato e sua ação política. Dessa forma, a diretoria da segunda gestão colegiada deu continuidade às iniciativas de práticas sindicais voltadas para recuperar a categoria e atrair novos sócios para o Sindicato dos Comerciários de Teresina.

No que tange às formas de organização sindical, a segunda fase da gestão de Cícero Magalhães deu continuidade às atividades de formação política e sindical. Deste modo, os comerciários de Teresina elencaram como pontos de discussão as questões gerais enfrentadas pelos trabalhadores brasileiros, como consequência do modelo político-econômico adotado no País. Nesse sentido, os assuntos discutidos nos eventos abordavam temas como a política

---

<sup>302</sup> CRISE gera desemprego no comércio. *O Dia*, Teresina, a. XLIII, n.10.532, p. 5, 16 jun. 1994.

<sup>303</sup> DESEMPREGO cresce 25%. *Diário do Povo*, Teresina, a. VIII, n. 2.678, p. 9, 22 ago. 1996.

<sup>304</sup> COMÉRCIO demite 1,7 mil empregados. *O Dia*, Teresina, a. XLV, n. 11.241, p. 12, 29 jul. 1996.

neoliberal e reestruturação produtiva, buscando politizar a categoria sobre o que isso significava e as consequências para os trabalhadores comerciários.<sup>305</sup>

Em junho de 1994, o 3º Encontro Estadual dos Comerciários teve como eixos de discussão os temas cidadania e desemprego, sendo considerado um sucesso (Foto 13).



Foto 13 - 3º Encontro dos Comerciários de Teresina. 1994

Fonte: O 3º ENCONTRO..., 1994, p. 1.<sup>306</sup>

Esse encontro, promovido pela Federação dos Trabalhadores no Comércio e Serviços no Estado do Piauí (Fetracompi), contou com a participação dos sindicatos filiados e de outras categorias profissionais. As resoluções que foram aprovadas denotavam a perspectiva da entidade comerciária de reconquistar direitos perdidos e avançar na conquista de novos direitos.<sup>307</sup>

O 4º Encontro dos Comerciários, realizado em julho de 1995 na cidade de Parnaíba, promoveu uma discussão contextualizada sobre as reformas do governo Fernando Henrique Cardoso. Dentre os temas discutidos no evento, foram abordados a reforma constitucional, a reforma previdenciária, o contrato coletivo e a livre negociação.<sup>308</sup> A partir do ano de 1995, os comerciários deliberaram que os encontros estaduais seriam substituídos por congressos a

<sup>305</sup> SILVA, M., 2000.

<sup>306</sup> O 3º ENCONTRO foi um sucesso. *Balcão*, Teresina, p. 1, 29 jun. 1994.

<sup>307</sup> Algumas resoluções do 3º Encontro dos Comerciários foram: fiscalização da administração pública, participação popular nos movimentos organizados (sindicatos, associações de bairro, partidos, grupos de igreja), elaboração de material pelo sindicato sobre planos econômicos e eleições. No que se refere ao desemprego, desenvolvimento de uma política de geração de emprego com a participação de trabalhadoras e empregadores; demissão espontânea e a redução da jornada de trabalho (DELIBERAÇÕES do encontro. *Balcão*. Teresina, p. 1, 29 jun. 1994).

<sup>308</sup> COMERCÍARIOS participam do 4º Encontro. *Balcão*, Teresina, n. 46, p. 1, 17 ago. 1995.



serem realizados de dois em dois anos pela Fetracompi. Nesse evento ficou definido também que os sindicatos com data-base em novembro deveriam se reunir para aprovar uma minuta de proposta unificada.

Ainda, como uma oportunidade de discussão sobre as transformações que vinham ocorrendo no mundo do trabalho, com reflexo no Brasil e no Piauí, os comerciários realizaram seminários com a temática “As transformações no mundo do trabalho”, elencando como pontos de discussão os problemas vivenciados pelo empregado no comércio teresinense na segunda metade dos anos 1990, como o desemprego, o contrato temporário e a extensão do horário do comércio aos domingos.<sup>309</sup>

No periódico *Balcão* foram registradas as participações do Sindicato dos Comerciários de Teresina em outros eventos locais e nacionais, tais como cursos de iniciação sindical, plenárias e congressos da CUT, cursos sobre a Política Nacional de Formação, Etapão Sindical, cursos de capacitação, seminários sobre socialismo. Enfim, os encontros promovidos pelos comerciários, além de possuir um caráter deliberativo em relação a plataforma de ação a ser adotada pela entidade, constituíram-se também espaço de formação da diretoria e de sua base, bem como uma oportunidade de avaliar a atuação dos dirigentes sindicais.

Em uma edição especial, o *Balcão* destacou as principais conquistas para a categoria comerciária nos aspectos social e econômico, resultantes das renovações das convenções coletivas de trabalho. Dentre as principais conquistas, destacaram-se a manutenção do piso salarial diferenciado, garantia de vantagens aos comissionistas, manutenção do feriado do Dia do Comerciário, quebra de caixa de 10% e hora extra de 100%, e a lista tripartite: representantes dos trabalhadores, dos patrões e do Ministério do Trabalho para resolver as questões trabalhistas.<sup>310</sup>

Na área de formação sindical, destacou-se o estímulo às atividades do setor com a criação do coletivo de formação do sindicato; na área jurídica, a garantia de assistência permanente com o acompanhamento dos processos, com conquistas referentes às perdas salariais acumuladas com os planos econômicos, a reintegração de funcionários demitidos e ações exigindo o cumprimento das convenções coletivas de trabalho; na área de lazer, a inauguração do Centro de Formação e Lazer do Comerciário, bem como a manutenção das atividades de lazer já tradicionais, como a Festa do Comerciário e os campeonatos esportivos.<sup>311</sup>

---

<sup>309</sup> COMERCÍARIOS debatem causas do desemprego. *O Dia*. Teresina, a. XLV, n. 11.241, p. 12, 29 jul. 1996.

<sup>310</sup> TRABALHO e resistência. *Balcão*, Teresina, n. 55, p. 2, 28 dez. 1995.

<sup>311</sup> PARABÉNS..., 1996.

No âmbito da comunicação, destacou-se a manutenção do sistema de comunicação direta e informativa através do periódico *Balcão*, que passou a circular três vezes ao mês sob a responsabilidade de um profissional especializado, além de outras formas de comunicação, como a rádio e o contato da direção com a categoria comerciária. Segundo dados do *Balcão*, em fins de 1996, o número de comerciários sindicalizados já alcançava 3.500 trabalhadores.<sup>312</sup>

#### 4.1.3 Terceira gestão colegiada (1997-1999)

Com a proximidade das eleições, mais uma vez, a oposição comerciária voltou a se articular para concorrer à direção do Sindicato dos Comerciários de Teresina. Duas chapas concorreram ao pleito: de um lado, a Chapa 1, a Chapa dos Comerciários, formada por componentes da diretoria colegiada. Esta teve como candidato Gilberto da Paixão Fonseca, que já havia ocupado cargos da direção nas gestões anteriores; e do outro lado, a Chapa 2, intitulada *Defenda-se*, formada pelos opositores à direção do sindicato e encabeçada por Abdon Martins de Moura.<sup>313</sup>

O pleito eleitoral, coordenado por uma comissão formada por dirigentes de outras entidades e assessorias sindicais, transcorreu em um clima de tensão. Segundo os relatos dos entrevistados Abdon Moura e Gilberto da Paixão Fonseca,<sup>314</sup> houve o impedimento a que alguns comerciários votassem, por meio de ação na Justiça.

Após as eleições, antes mesmo da posse, o jornal *Balcão* divulgou o resultado do pleito. A chapa do sindicato saiu novamente vitoriosa com a maioria dos votos válidos, com 665 votos contra 510 votos para a Chapa 2. Ademais, foram registrados 14 votos brancos, 46 votos nulos e 123 votos impugnados, do total de 1.359 votantes.<sup>315</sup>

Abdon Moura, representante da chapa de oposição, apresentou uma versão para o fato da chapa situacionista ter obtido o maior número de votos.

Em 1997, houve a tática de eleição por parte dos comerciários que estavam na direção... eu consegui filiar mais de 1000 pessoas em 1996 e a diretoria, sabendo que ia perder, excluiu da folha de votação todas as pessoas que eu havia filiado... nós perdemos a eleição por uma diferença de 155 votos... fomos para justiça e esse processo andou a passos de tartaruga... foi julgado somente quando o mandato já tinha acabado. Nas eleições de 1999, nós tentamos concorrer de novo, tentamos registrar a chapa no último dia, mas

<sup>312</sup> PARABÉNS..., 1996.

<sup>313</sup> OPOSIÇÃO só de 3 em 3 anos. *Balcão*, Teresina, n. 74, p. 1, 11 dez. 1996.

<sup>314</sup> MOURA, 2014; FONSECA, 2014.

<sup>315</sup> O VALE-TUDO das eleições. *Balcão*, Teresina, n. 76, p. 1, 06 fev. 1997.

eles não aceitaram a nossa inscrição... novamente entramos com um processo que prescreveu.<sup>316</sup>

Em contrapartida, os comerciários deram outra versão para a derrota da oposição. Em uma edição do jornal Balcão, alegaram que os seus opositores impediram que 350 comerciários votassem no dia do pleito, além de terem se aliado ao patronato.<sup>317</sup>

No que se refere à composição, de acordo com Gilberto da Paixão Fonseca, a terceira diretoria colegiada foi formada por comerciários filiados ao PT, por simpatizantes com o partido, bem como aqueles identificados com as correntes políticas presentes no campo sindical e aqueles que não se identificavam com nenhuma corrente.<sup>318</sup>

A gestão de Gilberto da Paixão Fonseca foi marcada por uma ênfase nas atividades sociais e assistenciais. O trabalho da diretoria colegiada voltou-se para a dinamização do departamento jurídico e médico. Significativamente, no jornal do sindicato, as denúncias sobre as irregularidades nas lojas de Teresina diminuíram e assumiram um tom menos agressivo.

Em 1997, quando eu assumi a direção da entidade comerciária, ela ainda tinha uma aparência muito assim, que não era chamativa para o trabalhador. Nós tivemos que encontrar outro momento para novamente resgatar a presença do comerciário, que foi investindo no sindicato de resultados... criamos a Fundação, onde fizemos vários cursos de qualificação, que enchia o sindicato, em parceria com a UFPI, Escola Técnica, e também fizemos pré-vestibular, pré-concurso e criamos um setor de medicina para amparar o trabalhador... já tínhamos o setor ambulatorial de serviço odontológico e criamos a parte clínica, que é a questão da medicina preventiva, a medicina de primeiras necessidades. Com isso, aumentou a nossa demanda e aumentou o número de filiados.<sup>319</sup>

A política da nova diretoria tinha como eixos principais combater as demissões no comércio de Teresina e a luta contra o trabalho aos domingos. Tais reivindicações foram a tônica principal das campanhas salariais e das convenções coletivas de trabalho de 1997 a 1999, as quais foram encaminhadas para a realização de acordos sem o recurso à greve.

Ao longo da terceira diretoria colegiada, o sindicalismo comerciário baseou suas ações em pesquisas realizadas junto à categoria com a finalidade de auxiliar na elaboração das

---

<sup>316</sup> MOURA, 2014.

<sup>317</sup> O VALE-TUDO..., 1997.

<sup>318</sup> FONSECA, 2014.

<sup>319</sup> Id., Ibid..

pautas de reivindicações e de traçar uma estratégia de luta mais voltada para atender às necessidades da classe comerciária:

Nós resolvemos trabalhar com pesquisas oficiais e, de 2 em 2 anos, elaborávamos uma pesquisa sobre o perfil do trabalhador, sobre o que ele pensava... por considerar um ponto muito importante na organização o sindicato conhecer a sua categoria. Então, quando nós começamos a fazer essas pesquisas, os nossos índices de reconhecimento eram baixos; e começamos a descobrir o que pensava o trabalhador, o que ele mais gostava no sindicato, qual a sua maior insatisfação dentro da empresa e como era a questão de relacionamento dentro da empresa... Enfim, como ele vivia com a esposa, quantos filhos tinha e qual o seu poder de consumo. Tudo isso nós elencamos nas pesquisas e fomos descobrindo e ampliando nossas propostas, e nas fragilidades que nós tínhamos.<sup>320</sup>

De acordo com o levantamento feito nos jornais de circulação local e no periódico Balcão - nas três gestões colegiadas -, houve muitas ações movidas pela entidade junto à Justiça do Trabalho, exigindo o respeito aos direitos trabalhistas e a fiscalização por parte dos órgãos competentes

No ano de 1998, o estatuto da entidade comerciária foi reformulado, ampliando a base de representação sindical. Dessa forma, além dos trabalhadores comerciários, os trabalhadores do setor serviços também passaram a ser representados pelo Sindicato dos Comerciários. Em números, a categoria passou de 12 mil para quase 20 mil associados.<sup>321</sup> No ano 1999, ocorreram novas eleições no sindicato sem que houvesse uma oposição à direção.

#### **4.2 O polêmico horário do comércio de Teresina**

Com base no levantamento dos jornais de circulação local e do periódico Balcão, observou-se, na segunda metade dos anos 1990, a luta dos comerciários de Teresina contra a abertura do comércio aos domingos e feriados. De um lado, os empresários tentavam convencer a categoria sobre a necessidade de mudança; de outro, os comerciários resistiam à medida e procuravam negociar uma forma de resolver o impasse.

Por seu turno, o Sindicato dos Comerciários liderou vários protestos na Câmara Municipal teresinense, realizando uma grande campanha publicitária de caráter nacional. Tratava-se de campanhas veiculadas na imprensa e de pressão política sobre os membros do

---

<sup>320</sup> FONSECA, 2014.

<sup>321</sup> SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA, 2014b.

governo, pedindo apoio contra os projetos que pretendiam a liberação do horário de funcionamento do comércio e da jornada de trabalho.

No Balcão, os comerciários denunciavam expressivamente o desrespeito à legislação trabalhista (cf. Foto 14). Em matérias veiculadas neste informativo, os comerciários utilizavam os *slogans* “Não aos Domingos”, “Domingo a gente não abre” e “Domingo é sagrado” como protestos contra essa prática. Com efeito, a bandeira pelo repouso dominical permaneceu na agenda do sindicato até o fim dos anos 1990.



**Foto 14** - Campanha contra a liberação do horário de funcionamento do comércio. 1997

Fonte: COMERCÍARIOS..., 1997. p. 1.<sup>322</sup>

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Piauiense de Opinião Pública, o teresinense era contra a abertura do comércio nos dias de folga. O resultado desta pesquisa, divulgado no jornal Meio Norte, apresentou os seguintes dados: “61,33% eram contra e 38% se posicionaram a favor da abertura.”<sup>323</sup> Em janeiro de 1999, o Balcão divulgou a denúncia do jornal Diário do Povo sobre os supermercados de Teresina estarem abrindo aos domingos sem nenhum acordo com a categoria.

Os representantes do sindicato acusam a Delegacia Regional do Trabalho (DRT) de ficar omissa e não proibir a exploração dos empregados pelas maiores redes de supermercado da capital. Mais de 800 funcionários estão trabalhando aos domingos. Segundo o secretário de comunicação do Sindicato dos Comerciários, Cícero Magalhães, os supermercados estão funcionando sem escalas de revezamento, pagamento de hora-extra e não

<sup>322</sup> COMERCÍARIOS lançam campanha contra horário livre. *Balcão*, Teresina, p. 1, 13 mar. 1997.

<sup>323</sup> TERESINENSE é contra a abertura do comércio aos domingos. *Balcão*, Teresina, n. 79, p. 2, 25 mar. 1997. p. 2.

obedecendo a folga durante a semana. Para Magalhães, a justificativa de que a abertura das lojas aos domingos vai gerar mais emprego é pura demagogia. Com relação ao aumento de vendas no domingo, disse que é outra estratégia do setor, pois os empresários estão tendo lucro, não há repouso semanal e não pagam pelos serviços extras do funcionário.<sup>324</sup>

Em virtude dos intensos protestos, ainda no ano de 1999, segundo determinou o Código de Postura do município para os supermercados abrirem aos domingos, feriados e estender o horário de trabalho, deveria haver acordo com o Sindicato dos Comerciários de Teresina.<sup>325</sup> Enfim, foram constantes as denúncias do Sindicato dos Comerciários de Teresina contra as empresas que obrigavam seus funcionários a trabalhar aos domingos, inclusive sem o pagamento de hora extra, haja vista que recebia várias reclamações dos empregados no comércio teresinense.

### 4.3 Revelando a condição da mulher comerciária de Teresina

Na passagem dos anos 1980 para 1990, a intensificação das mudanças sociais, políticas e econômicas decorrentes do movimento de reestruturação capitalista abriram espaço para o aprofundamento dos estudos do sindicalismo e de sua articulação com a categoria gênero.<sup>326</sup> A partir dessa perspectiva, foi possível pensar novas questões, como as metamorfoses do mundo do trabalho,<sup>327</sup> as novas identidades dos trabalhadores e suas consequências diferenciadas para homens e mulheres.

Essa discussão torna-se pertinente haja vista que, segundo denúncias feitas pelo Sindicato dos Comerciários de Teresina nos jornais de circulação local e no periódico *Balcão*, o cotidiano de trabalho das comerciárias foi marcado por discriminação, violência e exploração. Elas eram vítimas de diversos constrangimentos nos locais de trabalho: revista íntima, exigência de atestado de esterilidade, demissão quando engravidava, discriminação salarial, não recebimento de comissão e assédio sexual.<sup>328</sup>

<sup>324</sup> SUPERMERCADOS abrem domingo e não pagam extra. *Diário do Povo*, Teresina, a. XII, n. 4.517, p. 1, 26 jan. 1999. p. 1.

<sup>325</sup> Um acordo firmado entre o Sindicato dos Comerciários e um dos maiores supermercados de Teresina, o Comercial Carvalho, válido por um ano, promoveu a criação de turmas exclusivas de trabalho. Com isso, eram contratados empregados para trabalhar somente nos fins de semana, enquanto os demais (que trabalhavam de segunda a sábado) tinham sua folga aos domingos. Porém, o acordo não permaneceu por muito tempo (ACORDO garante mais emprego. *Balcão*, Teresina, n. 130, p. 1, 17 nov. 1999).

<sup>326</sup> ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. Gênero nos estudos do trabalho. In: MORAES, Maria Lygia Quartim de. (Org.). *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas: PAGU/Unicamp, 2005. p. 85-96.

<sup>327</sup> ANTUNES, 2002.

<sup>328</sup> Além do sindicato, o Centro de Defesa da Mulher do Piauí recebeu inúmeras denúncias envolvendo as empregadas do comércio, ao longo dos anos 1980; as mais frequentes eram em relação à excessiva carga de

Em Teresina, segundo dados divulgados pela imprensa escrita, dentre os casos mais frequentes de agressão contra a mulher, destacavam-se a ameaça de morte, a agressão moral e o espancamento. O Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Mulher revelou que 2.000 casos de violência praticados contra mulheres em Teresina haviam sido registrados somente nos anos de 1985 e 1986. Deste total, apenas seis casos foram levados a julgamento, e nenhum deles foi favorável à mulher, por falta de provas. Naquela época, a cidade ainda não possuía uma delegacia especializada no atendimento feminino.<sup>329</sup>

Na década de 1980, a implantação das lojas Marisa em Teresina causou protestos. Isso porque, ao contratar as trabalhadoras, os patrões exigiam que elas assinassem um termo de compromisso para não engravidarem ou prova de esterilidade. Além disso, elas eram obrigadas a tirar as suas roupas no final do expediente para que fossem revistadas. Conforme matéria publicada no jornal *O Dia*,

As funcionárias da loja Marisa, recentemente inaugurada, fizeram uma manifestação em frente ao estabelecimento, para protestar contra a obrigatoriedade de tirarem a roupa, antes de saírem da loja, para uma revista, cuja finalidade é saber se as empregadas não estão roubando. [...] Usando um megafone, as comerciárias discursaram protestando contra a atitude dos dirigentes da loja, ocasião em que pediram o fim da exploração. Nas faixas e cartazes, reclamaram “respeito à nossa dignidade”. Antes mesmo da sua inauguração, as empregadas já criticavam a direção da empresa.<sup>330</sup>

O resultado deste protesto foi um recuo dos lojistas; porém, foram surgindo notícias de outras lojas na cidade que realizavam essa prática. Tal é o caso das Lojas Brasileiras, comumente chamada Lobrás, que foi alvo constante de denúncias do sindicato. A DRT, ao realizar uma fiscalização nessa loja, constatou casos de exploração às comerciárias, que estavam trabalhando após o expediente de trabalho na decoração e em outros serviços executados na filial local. O sindicato denunciou, ainda, a demissão e a perseguição a funcionárias da Lobrás que, sob a suspeita de terem denunciado o abuso, sofreram represálias.<sup>331</sup>

---

trabalho e ao não recebimento de hora extra (ENTIDADE denuncia exploração da mulher. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.078, p. 7, 02 abr. 1986.

<sup>329</sup> CONSELHO já registrou mais de dois mil casos de violência contra as mulheres. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.402, p. 7, 06 maio 1987.

<sup>330</sup> COMERCÍARIAS fazem ato público contra a nudez. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.096, p. 1, 25 abr. 1986.

<sup>331</sup> LOJA demite e pressiona empregados. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.769, p. 2, 08 jul. 1985; COMERCÍARIA é agredida por fiscal da Lobrás. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.940, p. 12, 13 out. 1985.

Evaldo Ciríaco, presidente do sindicato, denunciou na imprensa teresinense a ocorrência de casos de demissões de comerciárias após a licença maternidade, em virtude do dispositivo da Constituição que ampliava o período de descanso para 120 dias:

Os empresários do setor lojista de Teresina já começaram a ofensiva contra o dispositivo da nova Constituição do Brasil. De janeiro até agora, foram feitas nas lojas de Teresina 583 demissões. Desse total, 263 (45 por cento) eram mulheres. Ao fazer ontem a denúncia, o presidente do Sindicato dos Comerciários, Evaldo Ciríaco, revelou que no mesmo período do ano passado foram feitas apenas 58 dispensas de empregados no setor lojista. Desses desempregados, apenas 15 por cento eram mulheres. As teresinenses participam do mercado de trabalho na área do comércio lojista com 65 por cento da mão-de-obra.<sup>332</sup>

No final dos anos 1980, Miriam Teresa de Sousa, da direção do sindicato, denunciou várias empresas que continuavam pressionando as comerciárias grávidas a pedirem demissão. Segundo ela, o atestado de esterilidade tornou-se praticamente um documento e um pré-requisito para as mulheres que pretendiam trabalhar no comércio. A discriminação contra as empregadas do comércio de Teresina ficou mais evidente pelo fato de que as lojas que anteriormente contratavam somente mulheres estavam dando preferência a empregados masculinos.<sup>333</sup>

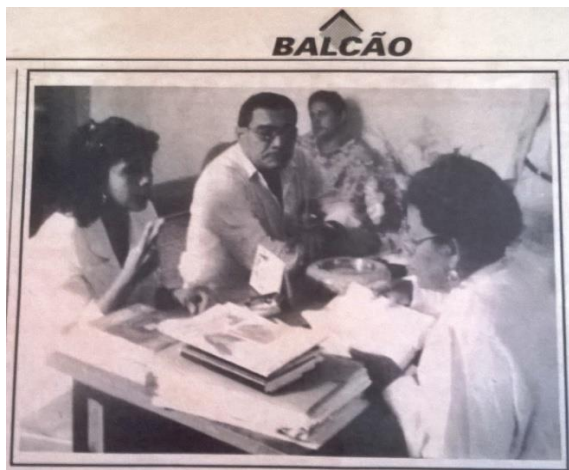
Na década de 1990, as denúncias relacionadas às mulheres comerciárias de Teresina giraram em torno do assédio sexual no local de trabalho, sendo que alguns casos foram investigados na época pela Procuradoria Geral do Trabalho. Um caso que gerou grande repercussão na imprensa, ganhando as primeiras páginas dos jornais e que foi amplamente divulgada no Balcão, foi a denúncia da comerciária Erlene Costa, que após ser demitida pelo gerente da Lobrás em 1993 o acusou de assédio sexual (cf. Foto 15, a seguir).

---

<sup>332</sup> LOJAS de Teresina demitem as mulheres. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.670, p. 1, 30 mar. 1988.

<sup>333</sup> COMÉRCIO ainda exige estado de esterilidade. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.877, p. 2, 01 dez. 1988.





**Foto 15** - Gerente da Lobrás acusado de assédio sexual. 1993

Fonte: GERENTE..., 1993. p. 3.<sup>334</sup>

Outro caso de assédio sexual foi o que ficou conhecido como “Caso Lobrás”, que foi parar na Delegacia da Mulher. Neste episódio, houve troca de acusações entre os envolvidos no caso, denúncias de ameaças de morte e processos judiciais movidos pelo gerente contra os dirigentes do Sindicato dos Comerciários de Teresina.<sup>335</sup>

Sobre os assédios, Cícero Magalhães Oliveira, na época secretário geral do sindicato, em entrevista a esta pesquisadora, destacou:

Olha, isso deu um rolo! Eu até me arrepio quando me lembro desse fato... Uma comerciária me procurou para contar que tinha sido assediada durante muito tempo pelo gerente da Lobrás e que, para não perder o emprego, ela cedeu. Ao fazer a denúncia, ela não queria que o nome dela fosse citado, porque era casada e tinha filhos. Mas eu fui pra cima mesmo, fui com um carro de som pra frente da loja... O segundo caso foi o da Erlene Costa. Eu e vários companheiros fomos ameaçados de morte, chegaram a mandar um caixão para casa do companheiro Moura... Fomos processados e condenados, depois isso foi se transformado em cestas básicas, mas o gerente foi inocentado.<sup>336</sup>

Conforme mencionado acima pelo ex-dirigente do sindicato, os diretores do sindicato foram condenados e o gerente foi inocentado. Quanto à Erlene Costa, esta, em 1993, chegou a ser condenada pela Justiça a quatro meses de prisão, sob a alegação de insuficiência de provas.<sup>337</sup>

<sup>334</sup> GERENTE da Lobrás: caiu a máscara. *Balcão*, Teresina, n. 18, p. 3, 17 out. 1993.

<sup>335</sup> AMEAÇA contra sindicalistas. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.335, p. 7, 16 out. 1993.

<sup>336</sup> OLIVEIRA, 2014.

<sup>337</sup> EX- FUNCIONÁRIA da Lobrás é acusada de ser lésbica. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.335, p. 7, 16 out. 1993.

Devido às frequentes denúncias que o sindicato recebeu de assédio sexual no local de trabalho, esta se tornou uma das principais bandeiras de luta da campanha salarial do ano de 1994. Assim, uma pesquisa realizada pela entidade revelou que 82,5% dos comerciários queriam a inclusão de uma cláusula específica na Convenção Coletiva de Trabalho, estabelecendo punição para os casos de assédio sexual, a qual pretendia exigir uma indenização de 100 salários da categoria às funcionárias que comprovassem terem sido vítimas de assédio dentro do local de trabalho.<sup>338</sup>

Um exemplo claro do preconceito contra o sexo feminino, é o tratamento dispensado às seis mil comerciárias existentes em Teresina pelos patrões. Uma categoria que 60% é composta por mulheres sofre discriminações consideradas medievais. O maior deles, segundo o secretário-geral do Sindicato dos Comerciários, Cícero Magalhães de Oliveira, é o assédio sexual. Ele afirma que “até 93, a média de reclamações era de 25 anuais. Depois que uma funcionária das Lojas Brasileiras teve coragem de denunciar os assédios sexuais que vinha sofrendo por parte do patrão, o número reduziu bastante”, explicou.<sup>339</sup>

Ao tematizar o mundo do trabalho, Ricardo Antunes analisa o novo cenário de expansão do trabalho feminino, destacando que tal situação tem um significado inverso quando se trata da temática salarial e no que concerne aos direitos e condições de trabalho. O autor destaca que o capital incorporou o trabalho feminino em sua divisão social e sexual do trabalho, impondo sobre a força de trabalho feminina maior intensidade de precarização e exploração.<sup>340</sup>

Outra forma de discriminação sofrida pela comerciária teresinense era a desigualdade salarial que, no Piauí, estava acima dos índices de outros estados, pois ainda não existia um órgão não governamental direcionado à mulher. Nesse sentido, a Procuradoria Geral do Trabalho instaurou inquérito para apurar as denúncias feitas pelo Sindicato dos Comerciários de Teresina contra uma empresa de grande porte na capital, o Grupo Pintos, que concentrava uma grande quantidade de lojas em Teresina.<sup>341</sup>

De acordo com denúncias publicadas no informativo Balcão, as empregadas do comércio vivenciavam uma situação de baixos salários e não recebiam comissão, mesmo quando suas vendas eram superiores às vendas dos homens. Outra denúncia era que os

<sup>338</sup> COMERCÍARIOS querem punir quem pratica assédio sexual. *Balcão*, Teresina, n. 33, p. 1, 14 set. 1994; ASSÉDIO sexual nas lojas do centro será combatido. *O Dia*, Teresina, a. XLIII, n. 10.608, p. 7, 16 set. 1994.

<sup>339</sup> ASSÉDIO sexual e salários baixos. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.176, p. 9, 08 mar. 1995. p. 9.

<sup>340</sup> ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.

<sup>341</sup> AGORA é que são elas. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.176, p. 9, 08 mar. 1995. p. 9.

funcionários eram proibidos de comprar em qualquer uma das lojas do grupo.<sup>342</sup> Em protesto à discriminação salarial e às más condições de trabalho impostas às comerciárias, o sindicato promoveu uma das maiores paralisações de advertência da categoria (Foto 16); e, em maio de 1995, os comerciários conseguiram fechar seis lojas do Grupo Pintos. Além da paralisação, a entidade entrou com uma ação na justiça requerendo a reintegração dos funcionários demitidos por denunciar o grupo.<sup>343</sup>



Foto 16 - Greve no Grupo Pintos. Teresina. 1995

Fonte: A GREVE..., 1995. p. 1.

Através de uma pesquisa realizada pelos comerciários, foi possível ter uma estimativa da situação das comerciárias no final dos anos 1990, destacando a participação da mulher no sindicato:

Representamos 60% da categoria; ocupamos 55% dos cargos que exigem nível superior; média salarial no comércio 37,5% menor que o dos homens; somos, no comércio varejista e atacadista, cerca de 62,5% de mulheres de até 29 anos; quanto à escolaridade, apenas 5% da categoria possui o terceiro grau, 42% tem o primeiro grau e 31% cursam o segundo grau; no ano de 1998, foram demitidas 1.301 mulheres no comércio teresinense e representamos 31,4% na diretoria do Sindicato.<sup>344</sup>

<sup>342</sup> DENÚNCIAS em lojas são investigadas. *O Dia*, Teresina, a. XLIV, n. 10. 816, p. 2, 25 maio 1995.

<sup>343</sup> A GREVE..., 1995.

<sup>344</sup> QUEM somos nós. *Balcão*, Teresina, n. 115, p. 2, 04 mar. 1999. p. 2.

Para finalizar, o entrevistado Gilberto da Paixão Fonseca ressaltou que o Sindicato dos Comerciários atuou na luta contra a violência praticada contra as empregadas do comércio e que estimulou a participação das mulheres nas atividades sindicais e nas atividades de formação, na CUT, e no concurso para *miss* comerciária. Nesse sentido, merece destaque a criação do Centro de Apoio à Mulher Comerciária pela entidade, a fim de resolver os diversos problemas vivenciados pelas mulheres comerciárias de Teresina.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho objetivou identificar as lutas, as estratégias de conflito e de negociação, bem como as conquistas vivenciadas pelos comerciários de Teresina, no período compreendido entre 1984 e 1999, a partir dos discursos publicados nos jornais impressos de circulação local e no Balcão, o periódico interno do sindicato, e da técnica/metodologia da história oral, analisando a história e a memória do Sindicato dos Comerciários de Teresina.

Tendo em vista este objetivo, das leituras dos jornais de circulação local (desde a década de 1940) pesquisados no acervo da Casa Anísio Brito, no Diário Oficial, órgão noticioso do governo, observou-se que as notícias sobre o sindicato abordavam convocação para assembleias, alteração de cargos da direção, participação em homenagens aos poderes públicos em solenidades cívicas e cartas enviadas pelos dirigentes do sindicato ao presidente Getúlio Vargas como forma de reivindicação e também de apoio ao seu governo. Ademais, nesse período, o sindicalismo comerciário de Teresina colocou como fator de mobilização da classe o comparecimento às assembleias e as questões salariais.

O Jornal do Comércio, cujo proprietário era filiado ao PTB, abordava notícias relacionadas ao sindicalismo no geral. Nas notícias editadas por este jornal, destacavam-se as críticas aos empregadores por não respeitarem as leis trabalhistas. O jornal O Dia, de viés opinativo, também simpatizante do PTB, em 1962 divulgou em suas páginas a “Coluna Sindical”, escrita pelo então presidente do sindicato dos comerciários de Teresina, Deusdedit Sousa, mostrando que a entidade tinha espaço em um importante órgão do Estado. O Diário do Povo, por sua vez, que circulou em Teresina durante o período recortado pela pesquisa, trazia as principais lutas e conquistas da categoria.

No Balcão - o periódico mensal do Sindicato dos Comerciários de Teresina -, foram encontradas denúncias feitas pelos trabalhadores e dirigentes sindicais, suas principais reivindicações e conquistas, destacando os fenômenos e os processos sociais que se faziam presentes na construção da memória e da identidade dos empregados no comércio teresinense.

Da perspectiva teórica thompsoniana, a experiência dos entrevistados para esta pesquisa também permitiu apreender a realidade pesquisada no contexto social, político e econômico da época, da mesma forma que as percepções dos representantes do sindicato. Da perspectiva chartieriana, esta deu subsídios para compreender o modo como a realidade social do sindicato em estudo foi construída e determinada pelas relações de poder e pelos conflitos de interesses no sindicalismo comerciário de Teresina. Acrescente-se que com as leituras dos

jornais também foi possível identificar temporalmente as mudanças pelas quais o sindicato passou.

Ao analisar o processo de organização sindical dos comerciários de Teresina, fez-se uma contextualização do movimento sindical brasileiro e piauiense no intuito de melhor compreender os contextos sócio-político e econômico piauienses, a fim de entender a conjuntura em que foi criado o Sindicato dos Comerciários de Teresina. No que se refere ao movimento sindical na capital piauiense, nos primeiros anos de fundação do sindicato, observou-se o desenvolvimento de uma política de compromisso com o patronato local e de colaboração com o governo, encaixando-se na caracterização do sindicalismo concebido dentro do civismo trabalhista de Vargas, com o Estado assumindo as funções organizadora e controladora dos sindicatos.

No início dos anos 1980, quando se formou um grupo de oposição à diretoria vigente do Sindicato dos Comerciários por iniciativa de alguns associados com experiência de militância, deu-se início a uma nova etapa na trajetória da organização dos comerciários de Teresina. Na segunda metade dos anos 1980, tomou posse a primeira diretoria eleita democraticamente, inaugurando uma gestão voltada para os interesses da categoria comerciária.

Na análise sobre as gestões sindicais, no campo do “novo sindicalismo”, destacaram-se as estratégias encaminhadas no sentido de democratizar e descentralizar o poder sindical, que buscaram aproximar a categoria da entidade, incentivar sua participação e sua organização nos locais de trabalho, estimular a formação de consciência política e sindical, bem como colocar o sindicato como interlocutor legítimo junto ao patronato na defesa dos trabalhadores comerciários de Teresina.

No período histórico em análise, registraram-se reformas políticas e sociais quase sempre determinadas pelo componente econômico adotado pelo governo como matriz principal de desenvolvimento. Nesse contexto, constatou-se que as ações sindicais dos comerciários de Teresina oscilaram entre uma postura de resistência contestatória e de resistência propositiva; esta última intermediada pela negociação, por meio de acordos e convenções coletivas de trabalho.

Dentre as principais conquistas da entidade comerciária de Teresina, na década de 1940, destacou-se o reconhecimento da entidade como Sindicato dos Empregados do Comércio de Teresina. Entre 1984 e 1999, no período do recorte desta pesquisa, foram alcançadas conquistas significativas para a categoria, como nova relação de negociação entre o sindicato e a classe patronal (acordos e convenções) e benefícios aos comerciários.

Os comerciários de Teresina, ao tempo em que vivenciaram o processo de renovação da diretoria da sua entidade, influenciaram na articulação de oposição sindical de outras categorias e, por conseguinte, impulsionaram a renovação das direções sindicais destas outras categorias, bem como a criação de novos sindicatos dentro e fora do Piauí.

No início dos anos 1990, desenvolveu-se um novo tipo de administração/gestão sindical (o sistema colegiado), o que representou uma maior possibilidade de descentralização do poder sindical e de participação da categoria comerciária nas ações do sindicato. A pesquisa revelou também que o sindicalismo comerciário teresinense atuou a fim de resolver os diversos problemas vivenciados pela mulher comerciária, na luta contra a violência e discriminação e estimulando a participação das mesmas nas atividades sindicais e de formação.

Como todo trabalho científico, este também está passível de falseamento, haja vista que tem suas limitações; porém, com base no referencial teórico, nas publicações dos jornais de circulação local e do informativo Balcão em Teresina, bem como nos relatos dos entrevistados, tendo em conta o objetivo proposto e as perspectivas adotadas, considera-se que os resultados encontrados foram satisfatórios.

Por fim, acredita-se que os resultados desta pesquisa também possam se constituir fontes de informações para estudos futuros, não somente do campo da História, mas em outras áreas do conhecimento. Pudemos contar com a participação dos atores sociais que vivenciaram de forma efetiva essa experiência e, assim, analisar a história e a memória dos comerciários de Teresina sobre esse período.

## REFERÊNCIAS

- 2.172 SINDICATOS em 1954. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. V, n. 389, p. 10, 25 mar.1956.
- I ENCONTRO estadual dos comerciários. *Balcão*, Teresina, p. 2, 01 jul. 1992.
- I E II ENCONTROS: uma retrospectiva. *Balcão*, Teresina, p. 2, 16 jun. 1994.
- II ENCONTRO estadual. *Balcão*, Teresina, p. 3, 19 ago. 1993.
- A GREVE no Pintos. *Balcão*, Teresina, n. 43, p. 1, 18 maio 1995.
- ACADEMIA de comércio do Piauí. Teresina, a. XIII, n. 47, p. 10, 01 abr. 1943.
- ACORDO garante mais emprego. *Balcão*, Teresina, n. 130, p. 1, 17 nov. 1999.
- AGORA é que são elas. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.176, p. 9, 08 mar. 1995.
- ÁGUA e luz. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. XI, n. 787, p. 6, 24 jan. 1960.
- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Crise econômica e interesses organizados: o sindicalismo no Brasil dos anos 80*. São Paulo: Edusp, 1996.
- AMEAÇA contra sindicalistas. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.335, p. 7, 16 out. 1993.
- ANTUNES, Ricardo. *Classe operária, sindicatos e partidos no Brasil: um estudo sobre a consciência de classe, da Revolução de 30 até a Aliança Nacional Libertadora*. 2. ed. São Paulo: Cortez/Ensaio, 1988.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANULADA eleição sindical. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.841, p. 3, 03 out. 1984.
- AOS COMERCIÁRIOS. *Diário Oficial*, Teresina, p. 2, 27 out. 1945.
- APELO dos Comerciários de todo o Brasil a S. Excia. o Sr. Presidente da República. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIV, n. 147, p. 13, 30 nov. 1944.
- ARAÚJO, Ângela Maria Carneiro. Gênero nos estudos do trabalho. In: MORAES, Maria Lygia Quartim de. (Org.). *Gênero nas fronteiras do Sul*. Campinas: PAGU/Unicamp, 2005. p. 85-96.



AS CLASSES trabalhistas do Piauí prestam sua irrestrita solidariedade ao presidente Getúlio Vargas, prontas para tudo sacrificar em defesa da pátria estremecida. *Diário Oficial*, Teresina, a. XII, n. 189-190, p. 3, 26 ago. 1942.

ASSÉDIO sexual nas lojas do centro será combatido. *O Dia*, Teresina, a. XLIII, n. 10.608, p. 7, 16 set. 1994.

ASSÉDIO sexual e salários baixos. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.176, p. 9, 08 mar. 1995.

ASSOCIAÇÃO profissional dos empregados no comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XII, n. 110, p. 8, 21 maio 1942.

ASSUNÇÃO, Rosângela. *A política trabalhista na era Vargas e a construção da memória dos portuários de Teresina (1930-1954)*. 2005. 116 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

AUMENTA o salário dos comerciários. *O Piauí*, Teresina, a. LXII, n. 767, p. 1, 13 mar. 1952.

BOITO JÚNIOR, Armando. Reforma e persistência da estrutura sindical. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 43-91.

BOITO JÚNIOR, Armando. O sindicalismo brasileiro frente à política neoliberal. In: BOITO JÚNIOR, Armando. *Política neoliberal e sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1999. p. 125-197.

BOITO JÚNIOR, Armando. Reforma e persistência da estrutura sindical na crise da ditadura militar e no processo de democratização (1978-1990). In: BOITO JÚNIOR, Armando. *O sindicalismo na política brasileira*. Campinas: Unicamp, 2005. p. 79-141.

BOLETIM DO S. E. C. T. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 97, p. 2, 05 ago. 1943.

BOLETIM do Sindicato dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 76, p. 8, 09 jun. 1943.

BRASIL. Decreto-lei n.5.452, de 1º de maio de 1943. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del5452.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm)>. Acesso em: 12 fev. 2014.

BRITO, Caetano João de Farias. *Caetano João de Farias Brito: depoimento*. 1 cartão de memória. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

CAMAL, Cury. Porque defendo o governo Chagas Rodrigues. *O Dia*, Teresina, a. X, n. 864, p. 3, 02 abr. 1961.

CAMPANHA. *O Dia*, Teresina, a. XLIII, n. 10.608, p. 7, 16 set. 1994.

CAMPANHA salarial unificada e seus resultados. *Balcão*, Teresina, p. 1, 01 out. 1991.

CAMPANHA de sindicalização. *Balcão*, Teresina, p. 9, 07 maio 1993.

CAMPANHA salarial: foi dada a largada. *Balcão*, Teresina, n. 33, p. 1, 14 set. 1994.

CAMPANHA salarial: o lançamento é nessa sexta. *Balcão*, Teresina, n. 47, p. 1, 29 ago. 1995.

CDL contesta declarações de Noronha. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.773, p. 5, 11 jul. 1984.

CENTRAIS consideram movimento vitorioso. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.493, p. 7, 21 ago. 1987.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Diefel, 1990.

CHRYSIPPO de Aguiar. O drama dos partidos. *O Dia*, Teresina, a. IX, n. 716, p. 1/6, 01 nov. 1959.

CÍRIACO: comerciário quer classe convocada. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.686, p. 5, 24 mar. 1984.

CIRIACO, Evaldo Cunha. *Evaldo Cunha Ciríaco: depoimento*. 1 cartão de memória. [fev. 2014] Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

COMEÇA amanhã II encontro de comerciário. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.714, p. 2, 29 jul. 1993.

COMERCIÁRIA é agredida por fiscal da Lobrás. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.940, p. 12, 13 out. 1985.

COMERCIÁRIAS fazem ato público contra a nudez. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.096, p. 1, 25 abr. 1986.

COMERCIÁRIO quer ganhar dois salários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.998, p. 1, 17 abr. 1985a.

COMERCIÁRIO faz festa no seu dia. *O Dia*. Teresina, a. XXXIV, n. 7.956, p. 1, 27/28 out. 1985b.

COMERCIÁRIO quer esvaziar restaurante. *O Dia*. Teresina, a. XXXV, n. 8.053, p. 7, 27 fev. 1986a.

COMERCIÁRIO pára e ganha novo salário. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 1, 23 out. 1986b.

COMERCIÁRIO ameaça greve para 2ª feira. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.544, p. 1, 23 out. 1987a.

COMERCIÁRIO ameaça nova greve nos próximos dias. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.783, p. 6, 05 ago. 1989.

COMERCIÁRIO não tem como se alimentar. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.597, p. 7, 30 dez. 1987b.

COMERCIÁRIO trabalha sem CTPS assinada. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.303, p. 5, 08 set. 1993.

COMERCIÁRIOS terão logo seu restaurante. *O Dia*, Teresina, a. XXXII, n. 5.555, p. 9, 12-13 out. 1983.

COMERCIÁRIOS marcam debate para esta noite. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.723, p. 6, 11 maio 1984a.

COMERCIÁRIOS têm apoio de deputados em nova eleição *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.726, p. 3, 15 maio 1984b.

COMERCIÁRIOS elegerão nova diretoria. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.851, p. 6, 16 out. 1984c.

COMERCIÁRIOS preparam seu primeiro dissídio coletivo. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.998, p. 1, 17 abr. 1985a.

COMERCIÁRIOS fazem mais reivindicações. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.767, p. 7, 11 jul. 1985b.

COMERCIÁRIOS ameaçam fazer greve na segunda. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.701, p. 1, 29 abr. 1988a.

COMERCIÁRIOS e patrões discutem questão salarial. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.819, p. 2, 18/19 set. 1988b.

COMERCIÁRIOS dão prazo até terça-feira para a resposta dos lojistas ou fazem greve. *O Dia*, Teresina, a. XXXIX, n. 9.437, p. 9, 07/08/09 out. 1990.

COMERCIÁRIOS: propostas de luta. *Balcão*, Teresina, p. 1, 14 jan. 1991.

COMERCIÁRIOS apresentarão reivindicações *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 10.0007, p. 7, 12 set. 1992a.

COMERCIÁRIOS chegam a acordo salarial com os empregadores. *Balcão*, Teresina, p. 2, 01 out. 1992b.

COMERCIÁRIOS defendem renúncia de Collor *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 9.986, p. 7, 15 ago. 1992c.

COMERCIÁRIOS lutam por melhor salário. *Balcão*, Teresina, p. 1, 19 set. 1992d.

COMERCIÁRIOS realizam o primeiro encontro. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.386, p. 9, 26 jun. 1992e.

COMERCIÁRIOS têm novo piso salarial de Cr\$ 720 mil. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.492, p. 4, 30 out. 1992f.

COMERCIÁRIOS terão I encontro estadual. *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 9.943, p. 9, 26 jun. 1992g.

COMERCIÁRIOS exigem correção. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.184, p. 2, 15 abr. 1993a.

COMERCIÁRIOS lançam campanha salarial. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.319, p. 7, 16 set. 1993b.

COMERCIÁRIOS têm campanha de filiação. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.645, p. 10, 08 maio 1993c.

COMERCIÁRIOS querem punir quem pratica assédio sexual. *Balcão*, Teresina, n. 33, p. 1, 14 set. 1994.

COMERCIÁRIOS participam do 4º Encontro. *Balcão*, Teresina, n. 46, p. 1, 17 ago. 1995.

COMERCIÁRIOS debatem causas do desemprego. *O Dia*, Teresina, a. XLV, n. 11.241, p. 12, 29 jul. 1996.

COMERCIÁRIOS lançam campanha contra horário livre. *Balcão*, Teresina, p. 1, 13 mar. 1997.

COMÉRCIO sem hora extra após o natal. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.999, p. 1, 19 dez. 1985.

COMÉRCIO ainda exige estado de esterilidade. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.877, p. 2, 01 dez. 1988.

CONSELHO já registrou mais de dois mil casos de violência contra as mulheres. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.402, p. 7, 06 maio 1987.

COMÉRCIO demite 1,7 mil empregados. *O Dia*, Teresina, a. XLV, n. 11.241, p. 12, 29 jul. 1996.

COSTA, Olympio de. Estado do Piauí - política de desenvolvimento. *O Dia*, Teresina, a. X, n. 751, p. 1, 03 mar. 1960.

COSTA, Tarcísio. Os anos 90: o acaso do político e a sacralização do mercado. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. 2 ed. São Paulo: Senac, 2000. p. 247-282.

CRISE gera desemprego no comércio. *O Dia*, Teresina, a. XLIII, n.10.532, p. 5, 16 jun. 1994.

CUT não consegue fazer o comerciário parar. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.288, p. 7, 13 dez. 1986.

CUT repudia atitude de Evaldo. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 2, 12 jan. 1994.

DELIBERAÇÕES do encontro. *Balcão*, Teresina, p. 1, 29 jun. 1994.

DENÚNCIAS em lojas são investigadas. *O Dia*, Teresina, a. XLIV, n. 10.816, p. 2, 25 maio 1995.

DESEMPREGO no comércio cresce 25% com a crise. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.372, p. 2, 27 mar. 1987.

DESEMPREGO cresce 25%. *Diário do Povo*, Teresina, a. VIII, n. 2.678, p. 1/ 9, 22 ago. 1996.

- DIA do empregado no comércio. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIV, n. 133, p. 8, 30 out. 1944.
- DIÁRIO DO POVO. Teresina, 1990-1999. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).
- DIÁRIO OFICIAL. Teresina, 1935-1945. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).
- DIÁRIO OFICIAL. Teresina, a. XIII, n. 47, 01 abr. 1943.
- DIRETORIA eleita do SEC não toma posse. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.861, p. 5, 27 out. 1984.
- ELEIÇÕES: Noronha mostra o que fez e alerta os comerciários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.721, p. 5, 09 maio 1984.
- ELEIÇÕES no sindicato. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 4, 12 jan. 1994.
- EMPREGADOS vão cobrar hora extra do comércio na justiça. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.038, p. 6, 06 fev. 1986.
- EMPREGADOS ameaçam fechar supermercados de Teresina. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.401, p. 7, 05 maio 1987.
- ENTIDADE denuncia exploração da mulher. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.078, p. 7, 02 abr. 1986.
- ENTRA em ritmo novo a vida econômica do Piauí. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. VI, n. 440, p. 6, 04 out. 1956.
- EX- FUNCIONÁRIA da Lobrás é acusada de ser lésbica. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.335, p. 7, 16 out. 1993.
- FEITICEIRO. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.035, p. 10, 01 Set. 1994.
- FERREIRA, Jorge Luiz. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário do povo*. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- FESTA operária em Floriano. *O Momento*, Teresina, a. XIII, n. 3, p. 4, 01 jul. 1945.
- FOLHA DA MANHÃ. Teresina, 1962-1964. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).
- FOME e greve. *O Dia*, Teresina, a. IX, n. 728, p. 1, 13 dez. 1959.
- FONSECA, Gilberto da Paixão. *Gilberto da Paixão Fonseca: depoimento*. 1 cartão de memória. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.
- FUNCIONAMENTO ininterrupto prejudicará comerciários. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.772, p. 1, 10 jul. 1984.
- GERENTE da Lobrás: caiu a máscara. *Balcão*, Teresina, n. 18, p. 3, 17 out. 1993.
- GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 53-72.

GOMES, Ângela de Castro. Questão social e historiografia no Brasil do pós-1980: notas para um debate. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 157-186, jul.-dez. 2004.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005a.

GOMES, Ângela de Castro. Trabalhismo e corporativismo. In: GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005b. p. 237-261.

GRANDE concentração trabalhista. *Diário Oficial*, Teresina, a. IX, n. 172, p. 1, 31 jul. 1939a.

GRANDE concentração trabalhista. *Diário Oficial*, Teresina, a. IX, n. 172, p. 2, 31 jul. 1939b.

HERANÇA de prejuízos. *Diário do Povo*, Teresina, a. VII, n. 2.036, p. 1002 Set. 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Teresina*. história. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=221100&search=piauil|teresina|infograficos:-historico>>. Acesso em: 25 abr. 2014a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Teresina*: informações completas. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=221100&search=piauil|teresina>>. Acesso em: 25 abr. 2014b.

INSTITUTO dos comerciários. *Diário Oficial*, Teresina, a. IX, n. 196, p. 10, 28 ago. 1939.

INSTITUTO dos comerciários. *Diário Oficial*, Teresina, a. XII, n. 5, p. 1, 08 jan. 1942.

JORNAL DO COMÉRCIO, Teresina, 1950-1958. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).

JORNAL DO PIAUÍ. Teresina, 1960-1964. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).

JUSTIÇA condena sindicalista que desviou recurso. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.101, p. 7, 1/2 maio 1986.

LIMA, Antônia Jesuíta de. *As múltiplas faces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos*. Teresina: Halley, 2003.

LOJA demite e pressiona empregados. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.769, p. 2, 08 jul. 1985.

LOJAS de Teresina fecham hoje, dia do comerciário. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.955, p. 1, 26 out. 1985a.

LOJAS não obedecem o novo horário. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.973, p. 7, 19 nov. 1985b.

LOJAS de Teresina demitem as mulheres. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.670, p. 1, 30 mar. 1988.

LOJISTAS contra comércio funcionar aos domingos. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.486, p. 1, 13 ago. 1987.

- LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MAIS de 18 mil empregados páram comércio. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 7, 23 out. 1986.
- MARTINS, Agenor de Sousa et al. *Piauí: evolução, realidade e desenvolvimento*. 3. ed. Teresina: Fundação Cepro, 2002.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MEDEIROS, Antonio José. Movimentos sociais no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (Org.). *Piauí: Formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: Halley, 1995. p. 159-184.
- MEDEIROS, Antonio José. *Movimentos sociais e participação política*. Teresina: Cepac, 1996.
- MEIO NORTE. Teresina, 1995-1997. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).
- MENDES, Felipe. *Economia e desenvolvimentismo no Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003.
- MOURA, Abdon Martins de. *Abdon Martins de Moura: depoimento*. 1 cartão de memória. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.
- MUITA confusão no restaurante. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.054, p. 7, 28 fev. 1986.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina - (1937-1945)*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2002.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. História e memória: o rádio por seus locutores. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 3, a. III, p. 1-20, out.-nov.-dez. 2006.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a09v5327.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2014.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. Olhares da periferia: os migrantes na construção de Teresina na década de 1970. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 122 – 144, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1810/1426>>. Acesso em: 14 maio 2014.
- NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 3, p. 47-96.

NORONHA, Eduardo. A explosão das greves na década de 80. In: BOITO JÚNIOR, Armando et al. *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 123-138.

O 3º ENCONTRO foi um sucesso. *Balcão*, Teresina, p. 1, 29 jun. 1994.

O DIA do Presidente. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 53, p. 1-3, 15 abr. 1943.

O DIA. Teresina, 1943-1964/1983-1999. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).

O PIAUÍ. Teresina, 1945-1947. (Arquivo Público do Piauí - Casa Anísio Brito).

O QUE os comerciários ganharam com a greve. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 7, 23 out. 1986.

O QUE é data-base? *Balcão*, Teresina, n. 33, p. 1, 14 set. 1994.

O VALE-TUDO das eleições. *Balcão*, Teresina, n. 76, p. 1, 06 fev. 1997.

OLIVEIRA, Cícero Magalhães. Retrospectiva 1993. *Balcão*, Teresina n. 20, p. 4, 12 jan. 1994.

OLIVEIRA, Cícero Magalhães. *Cícero Magalhães Oliveira: depoimento*. 1 cartão de memória. [fev. 2014]. Entrevista concedida a Eliane Aparecida Silva. Teresina, 2014.

OLIVEIRA, Marylu. *Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal O Dia*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007.

OS ELEITOS. *Balcão*, Teresina, n. 21, p. 1-2, 03 fev. 1994.

OS EMPREGADORES e suas promessas. *Jornal do Comércio*, Teresina, a. 5, n. 956, p. 5, 20 jun. 1952.

OPOSIÇÃO quer vencer eleição em sindicato. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.686, p. 5, 24 mar. 1984a.

OPOSIÇÃO quer debate público em sindicato. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.701, p. 5, 11 abr. 1984b.

OPOSIÇÃO só de 3 em 3 anos. *Balcão*, Teresina, n. 74, p. 1, 11 dez. 1996.

OUTDOOR incorporado ao movimento sindical. *O Dia*, Teresina, a. XLII, n. 10.291, p. 9, 07 maio 1993.

PARABÉNS, Sindicato. *Balcão*, Teresina, n. 63, p. 3, 24 abr. 1996.

PARECE pesadelo, mas é real. *Balcão*, Teresina, p. 1, 19 jul. 1995.

PATRÃO ameaça demitir quem faltar ao trabalho. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.492, p. 7, 20 ago. 1987.

PATRÕES não fazem acordo. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.821, p. 1, 21 set. 1988.



- PERDENDO o emprego. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 6.973, p. 1, 07 mar. 1985.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- PRONUNCIAMENTOS oficiais. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. X, n. 894, p. 1, 12 fev. 1961.
- QUEM somos nós. *Balcão*, Teresina, n. 115, p. 2, 04 mar. 1999.
- RAJÁ-MI. A decadência administrativa. *O Dia*, Teresina, a. V, n. 301, p. 1, 27 out. 1955.
- RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. Tradição sindical e as mudanças econômicas dos anos 1990: o caso dos metalúrgicos do Rio de Janeiro. In: RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio (Org.). *Trabalho e tradição sindical no Rio de Janeiro: a trajetória dos metalúrgicos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 18-44.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. As tendências políticas na formação das centrais sindicais. In: BOITO JÚNIOR, Armando (Org.). *O sindicalismo brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 12-42.
- RODRIGUES, Maria do Rosário; NOGUEIRA, Fernando Aires. Aspectos do movimento sindical em Teresina. *Carta CEPRO*, Teresina, v. 13, n. 1, p. 111-123, jan.-jun. 1988.
- SALÁRIO mínimo. *O Dia*, Teresina, a. X, n. 766, p. 2, 24 abr. 1960.
- SANTANA, Marco Aurélio. O mundo do trabalho em mutação: memórias, identidades e ações coletivas. In: MARQUES, Antonio José; STAMPA, Inez Teresinha (Org.). *O mundo dos trabalhadores e seus arquivos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2010a. p. 43-58.
- SANTANA, Marco Aurélio. Trabalhadores em movimento: o sindicalismo brasileiro nos anos 1980/1990. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010b. p. 283-313.
- SANTANA, R. N. Monteiro de. *Evolução histórica da economia piauiense*. 2 ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.
- SANTOS, Raimundo Nonato dos. Eleições no sindicato. *Balcão*, Teresina, n. 20, p. 2, 12 jan. 1994.
- SETOR comercial não funciona no sábado. *O Dia*, Teresina, a. XXXIV, n. 7.953, p. 7, 24 out. 1985.
- SILVA, Cunha. Queremistas. *O Piauí*, Teresina, a. LVII, n. 8, p. 3, 26 out. 1945.
- SILVA, Eliane Aparecida; ASSUNÇÃO, Rosângela. Trabalhismo e sindicalismo no Piauí (1945-1964). In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 6., 2008, Teresina. *Anais...* Teresina: Uespi, 2008.

SILVA, Maria do Rosário de Fátima e. *Comerciários e bancários: experiências coletivas no novo sindicalismo*. 2000. 300 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Ática, 1981.

SINDICALISMO. *Jornal do Piauí*, Teresina, a. XI, n. 999, p. 6, 18 fev. 1962.

SINDICATO articula greve dos comerciários na cidade. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.219, p. 2, 20 set. 1986.

SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA. *Estatuto da Associação dos Empregados no Comércio de Teresina*. Teresina: Typographia Popular, 1928.

SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA. *Histórico*. Teresina. Disponível em: <<http://www.sindcomteresina.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2014a.

SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE TERESINA. *Home*. Disponível em: <<http://www.sindcomteresina.com.br/>>. Acesso em: 23 abr. 2014b.

SINDICATO dos empregados no comércio. *Diário Oficial*, Teresina, a. VIII, n. 145, p. 3, 02 jul. 1938.

SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 59, p. 12, 29 abr. 1943a.

SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XIII, n. 64, p. 1, 10 maio 1943b.

SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Diário Oficial*, Teresina, a. XV, n. 104, p. 5, 25 ago. 1945.

SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Jornal do Comércio*, Teresina, a. 11, n. 1.402, p. 5-6, 27 jul. 1958.

SINDICATO dos Empregados no Comércio de Teresina. *Folha da Manhã*, Teresina, a. 1.690, p. 7, 11 jan. 1964.

SINDICATO quer fim das demissões no comércio. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.084, p. 7, 09 abr. 1986.

SINDICATO faz greve apenas para mostrar sua força a lojista. *O Dia*, Teresina, a. XXXV, n. 8.247, p. 7, 23 out. 1986.

SINDICATO tem nova forma de liderança. *Diário do Povo*, Teresina, a. III, n. 958, p. 9, 13/14 jan. 1991.

SINDICATO paga 14º aos funcionários. *O Dia*, Teresina, a. XLI, n. 10.109, p. 7, 14 jan. 1993a.

- SINDICATO vai fazer prévia do plebiscito. *Diário do Povo*, Teresina, a. V, n. 1.620, p. 4, 04-05 abr. 1993b.
- SINDICATO fecha acordo e traz de volta o Dia do Comerciário. *Balcão*, Teresina, n. 18, p. 1, 17 out. 1993c.
- SINDICATO fecha convenção. *Balcão*, Teresina, n. 35, p. 1, 12 nov. 1994.
- SINDICATO fecha acordo e mantém dia do comerciário. *Balcão*, Teresina, n. 52, p. 1, 10 nov. 1995a.
- SINDICATO ganha mais uma na justiça. *Balcão*, Teresina, n. 55, p. 2, 28 dez. 1995b.
- SINDICATO está no ar. *Balcão*, Teresina, n. 84, p. 2, 06 jun. 1997.
- SINTONIA. *Jornal do Piauí*. Teresina, a. VII, n. 527, p. 1, 25 ago. 1957.
- SOUSA, Deusdedit. *O Dia*, Teresina, a. XII, n. 995, 01 jul. 1962a. Coluna Sindical, p. 3.
- SOUSA, Deusdedit. *O Dia*, Teresina, a. XII, n. 998, 08 jul. 1962b. Coluna Sindical, p. 3.
- SOUSA, Deusdedit. *O Dia*, Teresina, a. XII, n. 1.013, 12 ago. 1962c. Coluna Sindical, p.2.
- SUPERMERCADOS funcionam até às 21 horas. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.395, p. 2, 26/27 abr. 1987.
- SUPERMERCADOS não reduzem expediente. *O Dia*, Teresina, a. XXXVII, n. 8.688, p. 2, 10/11 abr. 1989.
- SUPERMERCADOS abrem domingo e não pagam extra. *Diário do Povo*, Teresina, a. XII, n. 4.517, p. 1, 26 jan. 1999.
- TAJRA, Jesus Elias. O comércio e a indústria no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (Org.). *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas*. Teresina: Halley, 1995. p. 133-158.
- TEIXEIRA presta contas em assembléia. *O Dia*, Teresina, a. XXXIII, n. 6.736, p. 6, 26 maio 1984.
- TERCEIRIZAÇÃO é ruim para os trabalhadores. *Diário do Povo*, Teresina, a. XLIV, n. 10.816, p. 2, 25 maio 1995.
- TERESINA. Prefeitura Municipal de Teresina. *Teresina: institucional*. Disponível em: <<http://www.teresina.pi.gov.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2014.
- TERESINA enfrentará semana de muita greve. *O Dia*, Teresina, a. XXXIX, n. 9.459, p. 9, 04/05 nov. 1990.
- TERESINA já tem 100 mil desempregados. *O Dia*, Teresina, a. XXXVI, n. 8.597, p. 1, 30 dez. 1987.
- TERESINENSE é contra a abertura do comércio aos domingos. *Balcão*, Teresina, n. 79, p. 2, 25 mar. 1997.

TESTEMUNHO de solidariedade da ponderável parcela livre dos Comerciantes de Teresina ao Exmo. Snr. Dr. José da Rocha Furtado. *O Piauí*, Teresina, a. LVII, n. 177, p. 1, 08 jan. 1947.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a, v. 1.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: a força dos trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b, v. 3.

TRABALHO e resistência. *Balcão*, Teresina, n. 55, p. 2, 28 dez. 1995.

TRÓPIA, Patrícia Vieira. Sindicalismo comerciário: retaguarda e conservadorismo político. *Cadernos AEL*, Campinas, SP, v. 7, n. 12-13, p. 75-112, 2000.

TRÓPIA, Patrícia Vieira. *Força sindical: política e ideologia no sindicalismo brasileiro*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

WEFFORT, Francisco C. Origens do sindicalismo populista no Brasil: a conjuntura no pós-guerra. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 4, p. 66-105, 1973.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Entrevista de História Oral. Ficha técnica: Gilberto da Paixão Fonseca



Fonte: Foto da autora.

### FICHA TÉCNICA

**Entrevistado:** Gilberto da Paixão Fonseca

**Naturalidade:** Floriano (Piauí)

**Data de nascimento:** 6 de junho de 1958

**Cargos que ocupou no Sindicato dos Comerciantes de Teresina:** 2º Secretário geral (gestão 1994-1997) e 1º Secretário geral (gestão 1997-1999)

**Profissão atual:** Vereador e comerciante

**Entrevistadora:** Eliane Aparecida Silva

**Tipo de entrevista:** História temática

**Local da entrevista:** Sede do Sindicato dos Comerciantes de Teresina

**Data:** 6 de fevereiro de 2014

**Duração da entrevista:** 01h31min.

**Transcrição:** Eliane Aparecida Silva

APÊNDICE B - Entrevista de História Oral. Ficha técnica: Caetano João de Farias Brito

### **FICHA TÉCNICA**

**Entrevistado:** Caetano João de Farias Brito

**Naturalidade:** Sobral (Ceará)

**Data de nascimento:** 24 de junho de 1954

**Cargos que ocupou no Sindicato dos Comerciários de Teresina:** 2º vice-presidente (gestão 1988-1991) e Diretor (gestão 1991-1994)

**Profissão Atual:** Assessor de gabinete

**Entrevistadora:** Eliane Aparecida Silva

**Tipo de Entrevista:** História temática

**Local da Entrevista:** Câmara Municipal de Teresina

**Data:** 10 de fevereiro de 2014

**Duração da Entrevista:** 01h05min.

**Transcrição:** Eliane Aparecida Silva

## APÊNDICE C - Entrevista de História Oral. Ficha técnica: Evaldo Cunha Ciríaco



Fonte: Foto da autora.

### FICHA TÉCNICA

**Entrevistado:** Evaldo Cunha Ciríaco

**Naturalidade:** Miguel Alves (Piauí)

**Data de nascimento:** 5 de agosto de 1955

**Cargo que ocupou no Sindicato dos Comerciários de Teresina:** Presidente (gestão: 1985-1991)

**Profissão atual:** Servidor público

**Entrevistadora:** Eliane Aparecida Silva

**Tipo de entrevista:** História temática

**Local da entrevista:** Complexo Administrativo do Tribunal Regional do Trabalho

**Data:** 12 de fevereiro de 2014

**Duração da entrevista:** 01h47min.

**Transcrição:** Eliane Aparecida Silva



## APÊNDICE D - Entrevista de História Oral. Ficha técnica: Abdon Martins de Moura



Fonte: Foto da autora.

**FICHA TÉCNICA****Entrevistado:** Abdon Martins de Moura**Naturalidade:** Teresina (Piauí)**Data de nascimento:** 30 de julho de 1940**Cargos que ocupou no Sindicato dos Comerciantes de Teresina:** Conselheiro Fiscal (gestão 1985-1988) e 1º vice-presidente (gestão 1988-1991)**Profissão atual:** Comerciante**Entrevistadora:** Eliane Aparecida Silva**Tipo de entrevista:** História temática**Local da entrevista:** Fetracompi (Federação dos Trabalhadores do Comércio e Serviços no Estado do Piauí)**Data:** 13 de fevereiro de 2014**Duração da entrevista:** 02h05min.**Transcrição:** Eliane Aparecida Silva

## APÊNDICE E - Entrevista de História Oral. Ficha técnica: Cícero Magalhães Oliveira



Fonte: Foto da autora.

### FICHA TÉCNICA

**Entrevistado:** Cícero Magalhães Oliveira

**Naturalidade:** Maranhão

**Data de nascimento:** 20 de setembro de 1956

**Cargos que ocupou no Sindicato dos Comerciários de Teresina:** Presidente (gestão 1991-1994) e Secretário-geral (gestão 1994-1997)

**Profissão atual:** Deputado estadual e comerciante

**Entrevistadora:** Eliane Aparecida Silva

**Tipo de entrevista:** História temática

**Local da entrevista:** Assembleia Legislativa do Piauí

**Data:** 17 de fevereiro de 2014

**Duração da Entrevista:** 00h59min.

**Transcrição:** Eliane Aparecida Silva

**ANEXO**

## ANEXO A - Carta de Cessão de Direitos sobre Depoimento Oral

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA A  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

1. Pelo presente documento \_\_\_\_\_ (nome),  
 \_\_\_\_\_ (nacionalidade), \_\_\_\_\_ (estado civil),  
 \_\_\_\_\_ (profissão), carteira de identidade n.º  
 \_\_\_\_\_, emitida por \_\_\_\_\_, CPF n.º  
 \_\_\_\_\_, residente e domiciliado em  
 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo ao (à) Universidade Federal do Piauí/ NHO (Núcleo de História Oral) a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia (ou entre os dias) \_\_\_\_\_, na cidade \_\_\_\_\_, perante a pesquisadora Eliane Aparecida Silva.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o \_\_\_\_\_ [depoente], proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois, a Universidade Federal do Piauí/ NHO (Núcleo de História Oral) plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_

Local

Data

Universidade Federal do Piauí.

\_\_\_\_\_  
 [Nome do Cedente]

CPF:

CPF: